

Jilton Moraes

O CLAMOR DA IGREJA

Em busca de excelência no púlpito

Copyright © 2012 por Jilton Moraes
Publicado por Editora Mundo Cristão

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da *Nova Versão Internacional (NVI)*, da Sociedade Bíblica Internacional, salvo indicação específica

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(*Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil*)

Moraes, Jilton

O clamor da igreja: Em busca de excelência no púlpito / Jilton Moraes. — São Paulo: Mundo Cristão, 2012.

1. Homilética 2. Liderança cristã 3. Pregação 4. Teologia pastoral 5. Vida cristã
I. Título.

12-01538

CDD-251

Índice para catálogo sistemático:

1. Pregação com propósitos: Mensagens: Cristianismo 251

Categoria: Teologia

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por:
Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 79, São Paulo, SP, Brasil, CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127-4147
Home page: www.mundocristao.com.br

1ª edição: junho de 2012

Pregadores negligentes têm ouvintes indolentes; aqueles fingem pregar, e estes fingem escutar. Para ser valorizado pelo ouvinte, o sermão precisa antes ser valorizado pelo pregador.

Sábio é calar e considerar o grito dos ouvintes; eles se mantêm calados enquanto lhes falamos.

O melhor desempenho vem do pregador que, escondido atrás da cruz e consciente de que a Palavra é do Senhor, busca o poder do Espírito para alcançar os ouvintes com a mensagem que transforma.

Sumário

<i>Agradecimentos</i>	9
<i>Prefácio</i>	11
<i>Introdução</i>	15
1. De onde vem esse grito?	21
2. Chega de despreparo!	29
3. Dois sermões ao mesmo tempo?	45
4. Contextualizar é preciso	57
5. Onde está o texto bíblico?	66
6. Por que tão distante?	77
7. Fique ligado que eu me ligo	86
8. Não fuja do culto	93
9. Para onde vamos?	100
10. Todos olham para o pregador	109
11. Mais alto que as palavras	118
12. Inovações perigosas	125
13. Capriche nas ilustrações	137
14. Aprenda a parar	146
15. Há esperança	153
<i>Bibliografia</i>	179
<i>Sobre o autor</i>	185

Prefácio

É DO CONHECIMENTO DE TODOS NÓS, brasileiros, a realidade da violência no trânsito. No senso comum, uma das principais justificativas para tantos acidentes e tantas perdas é a inadequação de nossas rodovias. Um estudo recente, no entanto, aponta o que, sem dúvida, não é novidade para muitos: a catástrofe no trânsito tem a ver mais com a imprudência e o descuido total dos motoristas do que com o estado das rodovias. Sim, as condições das estradas também contribuem para as estatísticas, mas a total inconsequência humana no trânsito é a principal responsável por tamanha tragédia.

Quando hoje falamos das dificuldades da pregação da igreja, é muito comum ouvirmos que o desinteresse dos ouvintes pela prédica se deve às profundas e radicais mudanças que ocorreram no âmbito da cultura e do comportamento. A secularização, a *destradicionalização* da crença, a perda dos valores em troca do consumo afetam de maneira profunda as formas de interação e comunicação humanas e, conseqüentemente, a vida da igreja. É incomum ouvir, principalmente da parte de ministros e ministras da igreja, que o desastre relativo ao sermão dominical se deve também à incompetência e imprudência dos próprios pregadores e pregadoras.

Sim, vivemos profundas mudanças na cultura, na relação com as tradições e os valores. Há uma verdadeira revolução no âmbito das mídias e das novas comunicações. Há grandes transformações na forma de crer e na adesão das pessoas à vida de culto e em comunidade. Há, sim, uma *espetacularização* dos discursos e, infelizmente, também da prédica; uma expectativa crescente por parte dos ouvintes de certo foco na prosperidade individual, no

entretenimento hedonista, no imediatismo e no consumismo espiritual. Mas, assim como no caso do trânsito, o problema não reside apenas na infraestrutura, nas condições externas, no contexto e suas mudanças. Há erro humano envolvido quando o assunto é pregação. E o problema ecoa através do grito dos ouvintes do sermão dominical.

Nada é mais vital para a vida e sobrevivência da igreja que o culto e, dentro dele, a pregação. É pela pregação — em sua graciosa articulação divina e humana — que a fé é gestada e nutrida. Essa fé viva mantém a igreja viva. Ou seja, descuidar da pregação significa colocar, no mínimo, a fé e a igreja em risco. Em pleno século 21, pregar no culto cristão é tarefa sublime e, ao mesmo tempo, tarefa complexa e desafiadora. Talvez em todos os tempos assim o tenha sido. Quais são essas grandes dificuldades contextuais hoje? Ao longo da história, não houve também outros tão grandes ou maiores desafios como os que temos atualmente?

A pregação da igreja circula por, pelo menos, quatro pilares:

1. Pregar exige conhecimento: conhecimento da Bíblia e proximidade com ela, em primeiríssimo lugar. A Bíblia é como o pano sobre o qual se borda algo: assim como não é possível bordar sem pano, não é possível pregar sem conhecer a Bíblia e dela estar próximo. Junto desse conhecimento, somam-se obviamente o conhecimento teológico, exegético e hermenêutico, bem como o conhecimento sobre o ser humano e a cultura geral.

2. Pregar requer conhecimento da nova cultura da mídia e da comunicação: entender como as pessoas das diferentes gerações ouvem, como e o que retêm de informações, como organizam dados captados, como são mobilizadas pelas mídias, pelas imagens e pelos recursos é algo imprescindível na tarefa homilética. Não que a pregação deva imitar o espetáculo midiático da caverna platônica do nosso tempo, mas ter ciência desses meios comunicativos e seus

impactos, colocando a pregação da igreja em diálogo dinâmico e crítico com estes, me parece prudente.

3. Pregar hoje, mais do que nunca, obriga a conhecer a vida das pessoas, dos ouvintes: não só conhecer, mas fazer parte da vida das pessoas, estar próximo delas, das comunidades. Quem prega deve gostar de pessoas, de gente, e de estar com elas. Ser sensível à vida que pulsa e ao clamor por sentido e orientação que frequentam nossos cultos dominicais. O pregador prega com a Bíblia em uma das mãos, o jornal na outra e, em seu coração, não só fala aos seus ouvintes mas os olha e vê com misericórdia e amor, como Cristo — a Palavra em plenitude — o fez e continua fazendo através de sua igreja, através da pregação. Pregar na fraternidade implica formas mais dialógicas de comunicar. Significa entender que a prédica não está apenas na boca de quem fala, mas no ouvido e no coração de quem ouve.

4. Não por último, pregar só é possível pela fé: a espiritualidade cristã faz parte de todo o processo homilético, da pesquisa ao púlpito, do púlpito aos ouvintes, dos ouvintes para o mundo na fé em forma de sinais do Reino. Pregadores são humanos. Não são pessoas mais justas, nem mais pecadoras que os demais irmãos. Mas, em tempos difíceis como os nossos, não é concebível que eles não sejam íntegros em sua fé. Que não sejam coerentes com o que vivem e como vivem. Que não sejam comprometidos e éticos. Num mundo intoxicado de informação, pregadores são aqueles que auxiliam no processo depurativo: a orientação para viver e encontrar em Cristo sentido e esperança.

Todas essas questões nos convencem de quão urgente é pensar a pregação no nosso contexto. São poucos os escritos e os espaços que possibilitam esta reflexão. Assim como há um grito dos ouvintes, há quase um grito dos homiletas, das pessoas envolvidas com a pregação. O livro de Jilton Moraes que está em suas mãos

é uma luz e uma bênção nesse sentido. Pensado para ser lido e estudado por estudiosos da homilética, pregadores e ouvintes, ele denuncia a catástrofe humana que circula em nossos púlpitos. Baseado em ampla pesquisa de campo, séria investigação bibliográfica e profunda fundamentação bíblica, o professor Jilton dá voz ao grito dos ouvintes, coloca o dedo na ferida, por assim dizer. Seu livro, no entanto, não fica só na denúncia. Como um texto profético para nosso tempo, o livro traz para cada denúncia o seu anúncio, apontando caminhos, possibilidades, retomando sempre o que é essencial e imprescindível.

Que possamos colocar este livro nas mãos de Deus com o pedido de que ele se digne de usá-lo a serviço da pregação, promovendo, assim, vida, dignidade e transformação ao seu povo.

São Leopoldo, RS, janeiro de 2012.

DR. JÚLIO CÉZAR ADAM

Pastor da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB)

Professor de liturgia e homilética — Faculdades EST, São Leopoldo/RS

Introdução

OUVIR A PREGAÇÃO DA PALAVRA DE DEUS é uma das mais preciosas oportunidades da vida cristã. A mensagem da boa-nova do amor de Deus tem sido comunicada ao homem por meio de sermões; tanto que o apóstolo Paulo chegou a afirmar: “Agradou a Deus salvar aqueles que creem por meio da loucura da pregação” (1Co 1.21b).

Nos primórdios do cristianismo, o púlpito ocupou lugar de relevância e destaque; a pregação dos apóstolos e dos pais da igreja foi proclamada com força e poder. No decorrer da história da pregação, especialmente na época da Reforma, o púlpito se destacou como importante e respeitado meio de comunicação, de onde se lia e interpretava a Palavra de Deus, levando pecadores ao arrependimento e salvos à edificação. Os sermões sempre contribuíram de modo significativo para a formação dos fiéis.

A situação agora infelizmente já não é a mesma. Antes, algumas pessoas caíam no exagero de considerar o sermão como “a parte mais importante do culto”; hoje em dia, muitos foram para o outro extremo, classificando a pregação como “a parte mais irrelevante do serviço religioso”. Considerar a homilia como o mais importante carece de respaldo, uma vez que essa chamada “parte mais importante” pode até ser o silêncio, quando ocorre ser o momento em que o adorador sente mais de perto a presença do Criador. Por outro lado, qualificar a pregação como a parte mais irrelevante é algo catastrófico.

Uma rápida olhada nas publicações atuais mostra que o púlpito perdeu seu destaque. O ensaio “Há lugar para a pregação?”, publicado na revista *Administração Eclesiástica*, começa com uma afirmação:

O lugar da pregação no culto tem sido questionado. Já não é o mesmo do passado. O momento da apresentação da prédica, antigamente, tão aguardado e tido como o clímax do culto está desaparecendo. O púlpito, que outrora viveu dias de poder e ascensão, em muitas igrejas, hoje, enfrenta terrível declínio.¹

Clyde Fant, em seu livro *Preaching for Today* [Pregação para hoje], incluiu um capítulo que intitulou de “O púlpito teimoso”, no qual afirma: “A pregação é a parte do culto que tem sido mais criticada e castigada, apesar de ser, também, a que tem sido mais universalmente praticada”.² Ele menciona um levantamento feito por Clyde Reid, com algumas das principais críticas feitas aos sermões no século 20:

- 1) Os pregadores tendem a usar uma linguagem complexa e arcaica que a maioria dos ouvintes não compreende.
- 2) A maioria dos sermões são apáticos, maçantes e insípidos.
- 3) A pregação geralmente é irrelevante.
- 4) Falta coragem à pregação de hoje.
- 5) Não resulta em vidas transformadas.
- 6) Há uma ênfase exagerada à pregação.³

Que há insatisfação por parte de muitos ouvintes, não resta dúvida. Certamente do nosso ponto de vista como pregadores, fica bem mais fácil encontrar resposta para o fato na apostasia do momento ou na tendência desta geração de fiéis em priorizar os cânticos. Entretanto, precisamos ser humildes para enxergar que os motivos para tal insatisfação não se restringem a esses fatores. Sermões necessitam e podem ser melhorados. E isso depende, antes de tudo, de nós, pregadores.

¹ Jilton MORAES, p. 24.

² P. 11.

³ Idem.

Encarando o problema

Nos últimos anos, vários estudiosos na área da comunicação sacra têm demonstrado preocupação com o declínio do púlpito. Onir Marafon afirmou: “Há uma crise na pregação dominical antes de tudo porque falta comunicação, ou porque falta saber se comunicar”.⁴ Cassiano Samanes e Manuel Carretero também criticaram a pregação da Igreja Católica, afirmando que ela está bastante ineficaz. “Alguns afirmam que os pregadores não estão adaptados à vida e que sua linguagem é abstrata e artificiosa. Outros dizem que a pregação não tem conteúdo bíblico e litúrgico”.⁵

Paulo Anglada apresenta entre as razões para o declínio da pregação contemporânea a aversão da pós-modernidade a verdades objetivas. Ele menciona a afirmação de Klass Runia:

O homem moderno não quer que lhe digam o que é verdadeiro ou certo; ele quer descobri-lo por si mesmo e quer determinar por si mesmo o que fazer. [...] Ele quer participar da discussão, mas o sermão não dá oportunidade para discussão.⁶

A tese de Anglada é uma defesa dos sermões bíblicos, expositivos, apresentados por pregadores que conhecem o Senhor da Palavra, amam a Palavra e a apresentam com autoridade e vida.

Ciro Sanches Zibordi publicou *Erros que os pregadores devem evitar*. Segundo o autor, o livro firmou-se como um referencial para muitos pregadores do evangelho. No ano de lançamento, foi a obra mais vendida da editora CPAD, e já está na 12ª edição, figurando sempre nas listas dos mais vendidos.⁷ Tal foi a aceitação

⁴ “Pregação, liturgia e comunicação”. In: COSTA, Rovídio, org., *Práticas de comunicação*, p. 53.

⁵ *Teología de la acción pastoral*, p. 367.

⁶ *Introdução à pregação reformada*, p. 9.

⁷ Blog do CIRO: <<http://cirozibordi.blogspot.com/2007/09/erros-que-os-pregadores-devem-evitar.html>>.

desse seu livro, que Zibordi lançou três anos depois, outro título sobre o mesmo assunto: *Mais erros que o pregador deve evitar*. Essas duas publicações, aliadas à grande aceitação que têm tido, já revelam que vivemos um momento em que há muito a melhorar no discurso evangélico.

Tim Sims e Dan Pegoda publicaram um livro apropriado para a geração insatisfeita com a comunicação dos sermões. Seu conteúdo não é nada devocional e muito menos tradicional: *101 Things to Do During a Dull Sermon* [101 coisas para fazer durante um sermão chato]. Esse livro ainda não está traduzido para o português, mas, se fosse publicado aqui, poderia até ser ampliado, considerando que não são poucos os ouvintes que têm se tornado autodidatas na arte de encontrar o que fazer enquanto os pregadores estão falando. Pior que a existência de um livro assim é o fato de que muitos fiéis gostariam de ter acesso ao seu conteúdo. Sempre que menciono a existência desse livro, ouço pessoas dizendo: “Eu queria adquirir um desses”.

Ainda entre os evangélicos, em 1967 Al Martin apresentou palestras na área da homilética na Conferência dos Ministros da Igreja Presbiteriana Ortodoxa, no Seminário Teológico de Westminster. O título desse trabalho — *O que há de errado com a pregação de hoje?* —, depois transformado em livro, reconhece o brado da pregação clamando por uma significativa melhora.

Na literatura católica encontramos *Homilia: a questão da linguagem na comunicação oral*. Escrito por Dirce de Carvalho, o livro resulta da análise de homilias pregadas em treze dioceses brasileiras no final dos anos 1980 “com o objetivo de descobrir o tipo de comunicação estabelecida entre o padre e os fiéis, revelada pela imagem do emissor e do receptor implícita nos textos”.⁸

⁸ P. 345.

Mais recentemente, Adilmar Luiz Martins Padilha apresentou sua dissertação de mestrado na Escola Superior de Teologia, em São Leopoldo (RS), intitulada: *A carência e a falência dos púlpitos no movimento evangélico brasileiro: uma visão panorâmica*. No resumo do seu trabalho ele define o seu objetivo: “Mostrar algumas distorções que têm se proliferado nos meios chamados evangélicos, mostrando, para tanto, alguns dos elementos que vêm colaborando paulatinamente para o esvaziamento prédico e homilético dos púlpitos”.⁹

A seriedade do problema tem feito o vocábulo *sermão* perder o sentido de proclamação do discurso religioso, pregação, mensagem comunicada por um pregador, passando a adquirir a conotação de censura, carão, admoestação. A afirmação “Estou cansado de ouvir sermões”, antes proferida sem qualquer referência ao púlpito, é hoje um dito comum por algumas pessoas que estão cansadas de ouvir sermões que “começam mal, caminham mal e, de tão ruins, parecem intermináveis”.¹⁰

Depois de mencionar que as igrejas no Brasil não vivenciam a crise de abandono aos cultos, verificada especialmente na Europa, Russell Shedd fala da atitude de insatisfação de ouvintes no Brasil: “‘Pastor, por que será que não me sinto alimentado?’, perguntam uns crentes famintos e raquíticos. Como se explica o fato do ‘banquete’ esperado ter se tornado num ‘café da manhã’ parco ou num ‘lanche’ sem gosto?”.¹¹ Infelizmente o lauto banquete foi substituído pelo lanche preparado às pressas e, ainda pior, com ingredientes, muitas vezes, de qualidade duvidosa.

⁹ P. 3.

¹⁰ Jilton MORAES, “Não torture seus ouvintes”, *Revista Administração Eclesiástica*, p. 25

¹¹ *Palavra viva*, p. 11.

O que dizem os ouvintes?

Tenho entrevistado membros e congregados de igrejas evangélicas, pessoas piedosas que costumam ouvir sermões sobre a realidade do púlpito no presente momento. O que eles dizem diante da realidade da pregação hoje?

A indagação feita a cada um desses ouvintes é: "*O que mais lhe desagrada ao ouvir sermões?*". Os comentários que acompanham cada capítulo foram formatados com base nas respostas obtidas. Em alguns casos houve uma junção do pensamento de vários entrevistados em um mesmo tópico, visando sintetizar e dar mais clareza. Para este trabalho, conceitos de eruditos na área da Homilética foram também agregados. Registro uma palavra de gratidão sincera aos ouvintes que bondosamente participaram dessa pesquisa, em sua maioria no centro-oeste e no nordeste do Brasil.

Para nós que vivemos do exercício da palavra, vale a pena fechar os lábios e abrir os ouvidos para escutar o grito dos nossos ouvintes. Há um clamor em busca de melhores sermões. O grito dos ouvintes está diante de nós.

1

De onde vem esse grito?

Quem ouve a repreensão construtiva terá
lugar permanente entre os sábios.

PROVÉRBIOS 15.31

• • •

Há tempo de calar.

ECLESIASTES 3.7

• • •

Como pregaríamos se não houvesse quem nos escutasse?

ELES SÃO CHAMADOS DE OUVINTES, mas não somente ouvem — embora às vezes finjamos esquecer isso. Eles também falam. E não apenas falam: levantam um verdadeiro clamor quando os sermões agridem seus ouvidos. Eles nos ouvem como pregadores, e nós não podemos fazer ouvido de mercador ao grito que vem deles. Um bom pregador possui não apenas a habilidade de falar bem, mas, de igual modo, a de ouvir bem.

A dificuldade está em encontrarmos pregadores dispostos a escutar. Eles se tornaram especialistas no exercício da Palavra, mas ainda não aprenderam a ouvir criativamente; falta-lhes a capacidade de escutar o pouco que o ouvinte diz e encorajá-lo a dizer o que ficou nas entrelinhas. Pregadores precisam ter maturidade para ouvir críticas — por mais pesadas que sejam —, sem enxergar

na pessoa que faz ecoar o seu grito a figura de um opositor, mas de alguém interessado em aprender mais. Devemos, como pregadores, desenvolver a capacidade de receber críticas como oportunidades de crescimento no ministério da pregação.

“Ninguém escuta o meu grito”

Essa tem sido a queixa de ouvintes que se sentem solitários diante do desgosto de ouvir sermões desprovidos de biblicidade, atração, seriedade, atualização, vida, conteúdo, praticidade e desafios. É bem verdade que muitas outras pessoas passam pela mesma tortura, no mesmo lugar e nas mesmas condições, porém muitas se isolam, temendo “levantar a mão contra o ungido do Senhor”. Alguns ouvintes se alegraram em participar da pesquisa, expressando seu grito contra sermões mornos, maçantes e mortos, pois foi uma oportunidade que tiveram de expressar seu clamor por pregações melhores. As queixas são pertinentes:

“O meu pastor, diante de qualquer crítica ou sugestão para melhorar, simplesmente finge que ninguém está falando com ele.”

Essa é a reação típica da pessoa insegura. Para não ficar esmagado pela crítica, prefere fingir-se de surdo. O comunicador inteligente é capaz de autoavaliar-se e de ter uma ideia de seu desempenho. Com o pregador não é diferente. Ele conhece a verdade sobre sua atuação e deve ter a nobreza e a humildade de admitir seus erros. Como afirmou Irland Azevedo: “O pregador é o profissional da verdade, crê na verdade, vive a verdade, ensina a verdade, proclama a verdade, compromete-se, de maneira inarredável, com a verdade. É a nossa persuasão”.¹

¹ *De pastor para pastores*, p. 147.

Outro fator a sufocar o grito dos ouvintes é a simulação. Queixa que bem pode ser resumida neste grito:

"Já tentei falar com o pastor sobre a pobreza dos sermões dele, mas, antes que eu terminasse o raciocínio, ele fingiu estar passando mal; quando eu mudei de assunto, não crítico, ele se recuperou automaticamente."

No serviço ao Senhor não podemos ser personalistas. O alvo do pregador da Palavra deixa de ser o próprio mundo e os interesses pessoais, tornando-se *o fazer a vontade do Senhor e realizar o trabalho dele*. Nosso maior exemplo está em Jesus. Ele foi claro: "A minha comida é fazer a vontade daquele que me enviou e concluir a sua obra" (Jo 4.34). O problema é que alguns pregadores pretendem transformar os ouvintes com a sua palavra, mas não se deixam transformar pela Palavra. Isso os torna atrofiados, presos a velhos costumes, atrapalhados pela teimosia e pelo mau humor que os impedem de alçar voos bem mais altos como pregadores. O Senhor está pronto para nos quebrar e nos transformar em vasos novos, mas precisamos lembrar que a eficácia da Palavra pregada está em sua capacidade de alcançar primeiro quem a prega.

Devemos estar alertas em considerar as críticas, mesmo sabendo que, algumas vezes, elas carecem de fundamento. Foi o que aconteceu na manhã daquele domingo. O pastor esteve ausente do púlpito de sua igreja. À tarde, casualmente, encontrou-se com um dos fiéis que lhe deu um *feedback* do pregador e de seu desempenho. O relatório, terrivelmente desanimador, dava conta de um sermão sem conteúdo e de uma comunicação despropositada, sem qualquer atratividade. O pastor nem teve tempo de ponderar sobre o que ouvira, quando, poucos minutos depois, recebeu outro

ouvinte para falar sobre o mesmo pregador e seu sermão proferido naquela manhã. Ao contrário do anterior, o relatório agora dava conta de detalhes extremamente positivos: uma mensagem que falara de modo muito especial ao seu coração. Como entender gritos tão divergentes?

Alguém está gritando

Por que os gritos às vezes se opõem? Essa indagação precisa ser levada a sério. Sabemos que o discurso religioso não pode ser aferido de modo puramente racional. É palavra de fé, transmitida por um pregador ou pregadora que tem fé, narrando fatos de personagens que viveram pela fé, com um desafio aos ouvintes a abraçar a fé, a viver pela fé. E isso é muito subjetivo. Não temos um *feômetro* — aparelho capaz de medir a fé. O que fazer então? Existe um parâmetro: *os frutos*. Jesus deixou claro que a árvore boa dá frutos bons, mas a árvore ruim dá frutos ruins, e que pelos frutos somos reconhecidos (cf. Mt 7.17,20). Em razão dessa realidade, ele recomendou: “Deem frutos que mostrem o arrependimento” (Lc 3.8). Os nossos gritos remetem ao nosso sentimento...

“Quase não suportei ouvir o sermão; só não me retirei porque estava assentado bem na frente.”

O grito é de um ouvinte decepcionado. Ouvir o sermão para ele foi uma perda de tempo. O que levaria alguém a pensar assim? A dificuldade em respondermos a esta indagação é que do mesmo sermão, pregado no mesmo culto, pelo mesmo pregador, ecoou um grito diametralmente oposto:

“O sermão foi uma bênção; fiquei atento para não perder uma só palavra.”

O grito agora é bem diferente. Vem de um ouvinte realizado. Ele é capaz de lembrar e partilhar o que ouviu e aprendeu no sermão de que tanto gostou. Por que ele está satisfeito?

Consideremos as duas indagações: 1) *O que moveu o primeiro ouvinte a soltar seu grito de angústia?* 2) (e não menos importante) *O que motivou o grito de realização do segundo ouvinte?* As perguntas seriam facilmente respondidas, não fosse por um detalhe: os dois ouvintes escutaram o mesmo sermão, proferido pelo mesmo pregador, na mesma ocasião. Varias hipóteses podem ser levantadas:

- **DESNÍVEL CULTURAL** — O grito da insatisfação expressa o desapontamento de alguém frustrado porque o sermão não satisfez suas expectativas; o grito de satisfação parte de um ouvinte menos exigente, em busca tão somente de ser alimentado com a simples explanação da Palavra de Deus.

- **ANTIPATIA X CORDIALIDADE** — Por alguma razão, o pregador foi incapaz de estabelecer uma relação de cordialidade com o primeiro ouvinte, e esse ruído criou uma atitude de antipatia, impedindo-o de receber a mensagem, o que motivou o grito de insatisfação. Para o outro ouvinte, a comunicação foi cordial, e ele pediu a Deus pelo pregador, agradecendo e intercedendo, por ter sido alimentado pela Palavra.

- **PRESUNÇÃO X HUMILDADE** — A insatisfação foi declarada por alguém que, mesmo na condição de ouvinte, foi incapaz de ouvir qualquer advertência, talvez por se achar tão correto a ponto de não ter nada a mudar. O grito de realização veio de um ouvinte aberto a receber admoestação e disposto a mudar.

- **INSATISFAÇÃO X SATISFAÇÃO** — A insatisfação veio de um ouvinte exigente ao extremo, alguém incapaz de confundir religiosidade com demência. O grito de satisfação veio de um fiel que se

julgava indigno de criticar qualquer pregador — sem considerar como ou o que ele falasse.

Fique atento

Quanto menor a criança, mais pavor ela tem de gritos. Uma criança começando a andar se assusta e até cai ao escutar um grito. Com o tempo, contudo, ela aprende a ouvir e seguir em frente. Quanto mais se desenvolve e amadurece, mais constata que gritos incomodam, mas não esmagam. É inegável que ninguém gosta de gritos, todavia até os berros mais ameaçadores podem ser transformados em algo construtivo. E, em se tratando de pregação, não é diferente: um pregador nunca deve fechar os ouvidos às críticas ou fugir com medo do grito dos ouvintes; ao contrário, deve considerar esse brado como um recurso para melhorar seu desempenho.

Sinal de alerta

Não se assuste! Independentemente da origem, o grito do ouvinte tem algo importante a comunicar. O pregador, em especial o pastor, precisa ter maturidade para ouvir de modo positivo o clamor que vem do seu auditório. De alguma forma, até as críticas mais destrutivas se convertem em positivas quando as encaramos com seriedade. Qual deve ser a reação do pregador, diante das diferentes situações que motivam o grito dos ouvintes?

- O DESNÍVEL CULTURAL — O grito de insatisfação do ouvinte frustrado, porque o sermão não satisfaz as suas expectativas, dá ao pregador a oportunidade de avaliar o conteúdo de sua comunicação no púlpito, na perspectiva de como é possível melhorar. Em contrapartida, o grito de satisfação de um ouvinte menos exigente

não deve motivar o pregador a uma acomodação, julgando que tal declaração representa a voz de todos.

• A FALTA DE EMPATIA — O pregador hábil, diante desse grito, pedirá ao Senhor que o ajude a ganhar a amizade e a confiança de seus ouvintes e fará o possível para com eles estabelecer uma relação de cordialidade. Por outro lado, avaliará sempre o *feedback* do ouvinte *eternamente satisfeito*, procurando agir de tal modo que o estimule a expressar, sempre que necessário, a sua insatisfação; lembrando que o melhor ouvinte não é o que fala *amém* a tudo o que o pregador diz, mas o que *sabe falar não* quando necessário. David Larsen afirma: “Se nossos ouvintes escutam como se fosse um monte de massa de pão, a culpa pode ser nossa. Se nossos sermões malogram como fogos de artifício molhados, temos alguma lição de casa por fazer”.²

• A PRESUNÇÃO — O pregador nunca deve se intimidar em apresentar a palavra que tem recebido de Deus para transmitir aos seus ouvintes, sabendo que, para transmiti-la, não é necessário se tornar agressivo e inconveniente. Precisamos considerar que o gabinete pastoral é um grande aliado do púlpito quando se trata de admoestar os faltosos. O pastor geralmente alcança muito mais êxito aconselhando pessoalmente do que proferindo uma bronca em forma de sermão. No entanto, é preciso coragem; não é fácil tratar com alguém face a face, em um trabalho de confrontação, como fez o profeta Natã ao confrontar o rei Davi em seus pecados. Pregar um sermão para uma pessoa faltosa é bem mais difícil do que pregar para uma multidão. Precisamos considerar, contudo, que, antes de bradar contra todo um auditório por um problema que envolve apenas uma pessoa ou um pequeno grupo, será melhor tratar do assunto no nível do aconselhamento e orientação

² *Anatomia da pregação*, p. 174.

personais. E isso servirá não somente aos presunçosos, mas também aos que aceitam facilmente a advertência coletiva.

• A SATISFAÇÃO PERMANENTE — Aqui o pregador deve aproveitar para trabalhar junto às pessoas que só o elogiam, mostrando que todos nós temos habilidades e também limitações. Ninguém, por mais capacitado que seja, será perfeito; somos todos passíveis de erros, e com o pregador não é diferente. Portanto, há sempre lugar para a crítica. O pregador precisa ter cuidado para não alimentar a *satisfação plena* que conduz o ouvinte a uma alienação. No dizer de Larsen, “a pregação precisa mesmo de trovões e relâmpagos se isso for necessário para que as pessoas ouçam a mensagem no meio do tropel e da competição de vozes conflitantes”.³

O desafio é abrir os nossos ouvidos. Queremos sempre que eles nos ouçam; todavia, chegou o momento de escutar o que eles têm a nos dizer. Vamos criar instrumentos que nos permitam conhecer a *opinião* que vem deles. Não importa de onde vem o grito, vamos escutá-lo.

³ Idem.

2

Chega de despreparo!

Maldito o que faz com negligência o trabalho do SENHOR.

JEREMIAS 48.10



Quando um sermão começa mal, caminha mal e, de tão ruim, parece interminável, mesmo os ouvintes mais piedosos têm dificuldade em prestar atenção, sem que o pensamento divague.



Pregador sem preparo é sacerdote infiel.

JOHN KNOX



Sermões não descem do céu prontos. O Senhor nos dá a palavra, mas precisamos de preparo sério, o que demanda tempo: tempo diante dele e de sua Palavra, tempo diante dos livros e das pessoas. Só assim poderemos comunicar com vida a mensagem da vida.

DEZ HORAS DE UMA ENSOLARADA manhã de domingo. O auditório está repleto. As pessoas cantaram, oraram, leram a Bíblia, participando de todos os momentos do culto. Chegou o tempo de as pessoas ouvirem. O pregador olha para seus ouvintes. O que sente aquela pessoa? Cada vez que estou no púlpito, ao longo de mais de quarenta anos de ministério pastoral, experimento um grande temor em tais ocasiões. Qualquer pregador consciente treme diante da responsabilidade de captar e manter a atenção dos ouvintes.

Ao ver aquelas pessoas ali sentadas, precisando ouvir, e eu, diante delas, com a responsabilidade de lhes falar, sinto o grande peso de ser um porta-voz. E, diante daqueles diferentes rostos, silenciosamente suplico ao Senhor: “Pai, tem compaixão de mim, ajuda-me a conquistar e a manter a atenção destas pessoas”. Tinha razão Stowell ao declarar: “Sem dúvida, é um desafio convencer membros de igrejas extremamente preocupados consigo mesmos de que as palavras que estou prestes a dizer têm muito mais importância do que qualquer pensamento que lhes pareça mais atraente nos próximos quarenta minutos”.¹

Naquele santuário, no entanto, há também pessoas que ainda não fazem parte da igreja e precisam ser conquistadas de modo especial. Mais do que de um bom preparo para alcançá-las e de especial habilidade para compreendê-las, precisamos da unção do Espírito Santo. Só assim as nossas palavras, com a força de palavras do Senhor, podem alcançar corações e produzir resultados que agradem a Deus, que transformem e marquem vidas, glorificando o nome do Senhor!

Sobre a responsabilidade do pregador, John MacArthur Jr., cita a declaração de Jay Adams: “Uma boa pregação exige trabalho árduo. [...] Estou convencido de que o motivo básico das pregações pobres é a falta de gastar o devido tempo e energia na pregação”.² E quando o pregador não cumpre sua missão, elabora e prega um sermão sem atração, desprovido de conteúdo e terrivelmente prolixo. Nesse caso, mesmo os ouvintes mais piedosos têm dificuldade em prestar atenção, sem que o pensamento divague. Ouvintes não toleram a falta de preparo em qualquer orador. Eles simplesmente acionam o seu *desligador biológico automático*: desligam-se do discurso. Para muitos adoradores, o despreparo é uma das grandes

¹ Joseph STOWELL “Porque amo pregar”. In: Koessler, ed., *Manual de pregação*, p. 64.

² *Redescobrimo o ministério pastoral*, p. 288.

faltas no púlpito, por isso eles gritam, protestam. De fato, pregador despreparado é comunicador incapacitado que gera ouvintes desinteressados. Uma elaboração adequada é condição indispensável a uma boa mensagem, e isso demanda tempo do pregador.

Charles Koller, lembrando a afirmação que tem sido feita de que muita pregação infeliz se deve à “transpiração reprimida”, acrescenta:

Não basta um esboço excelente, embora construído com a precisão de um relógio suíço, e embora seja uma realização literária da mais alta classe. As principais fontes de poder na pregação são espirituais.³

Precisamos ter em mente que um sermão não desce do céu pronto. Vem do alto, sim, mas não em sua forma final. A inspiração vem do Senhor. Ele nos diz o que pregar, porém o desenvolvimento da mensagem cabe a nós, pregadores. Isso requer muito tempo de oração, meditação, estudo sério e coordenação das ideias a comunicar — a tarefa de pregar é abençoada, mas é, de igual modo, bem suada. Koller acrescenta:

O pregador não manterá por muito tempo o interesse do seu povo se pregar somente da plenitude do seu coração e da vacuidade da sua cabeça. O pastor deve contar com a probabilidade de ter que preparar cerca de cento e cinquenta mensagens por ano, inclusive os domingos, as quartas-feiras, os ofícios fúnebres e as ocasiões especiais. Isso acumula enorme produção.⁴

Após esse lembrete de alerta a respeito do grande fardo que pesa sobre os ombros do pregador, Koller aponta a saída para tornar a pregação relevante:

³ *Pregação expositiva sem anotações: como pregar sermões dinâmicos*, p. 38.

⁴ *Idem*, p. 40.

A única salvaguarda contra a pobreza de pensamento é o constante contato com as fontes de material para pregação e o constante reabastecimento nessas fontes. Acumular recursos é questão de anos de persistente esforço e meditação.⁵

A falta de preparo é vista como desorganização do pregador; e os protestos surgem.

Abaixo a bagunça

O preparo eficaz tem início na vida pessoal. Não adianta querer organizar a vida profissional quando não nos ajustamos como pessoas: assistentes e tarefas se estruturam quando a vida de quem os dirige está em ordem. A boa arrumação começa em casa — na vida pessoal, nas atividades do dia a dia e na vida em família. Pregação bagunçada evidencia a desorganização pessoal de quem a profere.

Tudo começa com a vida devocional de quem prega. Se não nos organizamos para passar a cada dia um tempo diante de Deus, dispostos a ouvir o que ele tem a nos dizer, como poderemos falar ao povo aquilo que não ouvimos? Hernandes Dias Lopes afirma: “A vida do pregador fala mais alto do que seus sermões. [...] A parte mais importante do sermão é o homem que está atrás do púlpito”.⁶ Muitos sermões soam frios e distantes porque o pregador está querendo conduzir os ouvintes por caminhos que nem ele mesmo conhece. “Pregação sem oração não provoca impacto. Sermão sem oração é sermão morto. Não estaremos preparados para pregar enquanto não orarmos”.⁷

A boa organização no que diz respeito à prática homilética não começa no púlpito, mas, sim, se origina no gabinete de estudos.

⁵ Idem, p. 38

⁶ *De pastor a pastor: princípios para ser um pastor segundo o coração de Deus*, p. 57.

⁷ Idem, p. 74.

Alcança melhor as pessoas quem se permitiu ser alcançado por Deus. Comunica com mais autenticidade o sermão quem humildemente o suplicou ao Senhor da pregação. Realiza-se mais no púlpito quem cumpre a responsabilidade de se organizar diante do Pai, procurando ajustar o que tem a dizer, submisso à orientação do Espírito Santo.

O pregador é um despenseiro. Paulo afirma: “O que se requer dos despenseiros é que cada um deles seja encontrado fiel” (1Co 4.2, RA). A Bíblia é nossa despensa. E, como despenseiros fiéis, precisamos conhecer o que está na despensa e de lá tirar o alimento que salva vidas e edifica os salvos. Stuart Briscoe, falando sobre a pregação interessante, referiu-se ao que lhe disse Gerald Griffith, pastor e professor: “Toda semana Deus me dá pão para o povo dele”. Diante da afirmação, ele respondeu ao amigo: “É verdade, mas você gasta bastante tempo na cozinha”. Depois de contar que o amigo concordou, Briscoe completa: “Aquelas horas ‘na cozinha’ estão entre as horas mais importantes da minha semana. Por quê? Porque é na cozinha que preparo o que Deus me dá para suprir o seu povo, e eles conseguem ser clientes muito exigentes”.⁸ O problema é quando o pregador se deixa reduzir a simples vendedor do pão que outros prepararam, preferindo as facilidades da internet e do alimento pronto à responsabilidade e ao labor de prepará-lo. Precisamos lembrar, contudo, que, enquanto recebemos o pão diretamente do Pai, crescemos no conhecimento de sua Palavra e estreitamos a nossa comunhão com ele.

“Faltou ordem ao sermão; tudo parecia fora de lugar.”

⁸ “A pregação que é interessante”. In: Haddon ROBINSON e Craig Brian LARSON, *A arte e o ofício da pregação bíblica*, p. 475.

Isso acontece quando falta unidade à pregação. O pregador lê um *texto bíblico*, porém este não fornece o embasamento para a *tese* ou verdade central pregada; e os *desafios da mensagem* não têm qualquer relação com o texto e a tese. Os ouvintes ficam confusos porque o pregador está ainda mais equivocado do que eles. James Crane advertiu: Se o pregador “não logrou captar a atenção dos ouvintes e se não os tem preparado para entender o que lhes quer dizer, então é relativamente inútil proferir o sermão”.⁹ O advogado, na defesa de uma causa, usa os melhores argumentos, apresentando uma tese clara a fim de convencer juiz e jurados da veracidade de sua fala. São frases completas, com sentido claro, conduzindo à comprovação de uma só verdade. Alguns pregadores, ao contrário, fazem uma grande confusão de ideias, sendo incapazes de declarar com exatidão o assunto que pretendem apresentar. É o pregador ou pregadora que fala sobre tudo ao mesmo tempo, aparentemente com boa desenvoltura, sem, no entanto, desenvolver qualquer assunto relevante que vá ao encontro das necessidades dos ouvintes.

“O pregador não sabia o que ia dizer; chegou a afirmar que ia falar sobre assuntos diversos.”

Não é para ouvir assuntos diversos que as pessoas vão ao templo. Por mais erudito que o pregador, ou pregadora, julgue ser, se não estiver preparado para explanar um texto bíblico, comunicando a Palavra de Deus com aplicação e desafios para a vida das pessoas, de nada terá valido sua bagagem cultural. Tinha razão Martyn Lloyd Jones ao declarar: “Na pregação, a mensagem sempre deve originar-se diretamente das Escrituras e não de formulações

⁹ *O sermão eficaz*, p. 106.

preparadas pelos homens".¹⁰ Por maior que pareça ser a *sabedoria* de alguém no púlpito, ele só será realmente sábio se comunicar o *assim diz a Palavra do Senhor*, com toda simplicidade e vida. Na tribuna sagrada, não basta ter o que comunicar; é preciso saber fazê-lo com embasamento bíblico. O grande diferencial é que não é o pregador quem fala: somos simples instrumentos. E como as pessoas podem ouvir Deus falar se a mensagem não estiver embasada na Palavra dele? Saber o que dizer, com base na Bíblia, portanto, é condição primária que caracteriza um homem, ou uma mulher, como pregador das boas-novas. E, quando o sermão perde a condição de tornar a Bíblia acessível, os ouvintes protestam.

"Para onde a mensagem caminha? Prolonga-se e não chega a lugar nenhum."

Esse é o grito de um grupo considerável de ouvintes. E *certamente é uma das piores sensações que alguém pode experimentar no templo: estar diante de um pregador que abre a Bíblia e segue falando, sem qualquer rumo, ou em rumo completamente oposto à mensagem do texto.*

Um sermão pode ser comparado a uma viagem, porém jamais a um passeio. À semelhança da viagem, em que há planejamento, no autêntico sermão sabemos de onde estamos partindo: *do texto bíblico*; e aonde pretendemos chegar: *ao propósito específico*.¹¹ Pregação que só toma o tempo dos ouvintes, sem chegar a um destino, é passeio sem atração, sem propósito; é turismo que nem

¹⁰ *Pregação e pregadores*, p. 135.

¹¹ O propósito específico é o ponto de chegada; o alvo que desejamos alcançar de acordo com a interpretação e contextualização do texto bíblico, visando a mudanças comportamentais.

vale a pena. Um sermão assim equivale a uma comunicação que perdeu a condição de bênção e passou a ser tortura.

“A pregação relevante tem um ponto de chegada, de acordo com a verdade bíblica que está sendo explanada e as necessidades dos ouvintes. A primeira preocupação do bom pregador deve ser colocar-se diante de Deus, pedindo-lhe que, por sua misericórdia, mostre de modo claro a mensagem que ele tem para ser pregada àquele povo. É dessa ideia que todo processo de elaboração do sermão começa a ser trabalhado. Quando o ouvinte percebe que o pregador não percorreu as etapas necessárias para arrumar bem o material e apresentar uma mensagem lógica, ele se desmotiva e lamenta a situação:

“Foi um amontoado de versículos bíblicos, sem qualquer propósito, agregado a um punhado de ilustrações sem nexo.” //

Alguns pregadores têm adotado esse costume de agregar versículos que, em fileira interminável, vão sendo mencionados, sem estrutura homilética e, às vezes, até sem qualquer preocupação em relacionar os diferentes assuntos a cada um dos versículos selecionados. Pode até servir como um bom teste de conhecimento bíblico, mas deixa a desejar como mensagem bíblica com foco claro. Croft Pentz afirmou: “Se os sermões de alguns pregadores fossem impressos como pregados, não venderiam; o que mais existe neles é repetição, perambulação e irrelevância”.¹² Precisamos considerar que um bom sermão não é uma colcha de retalhos. No desenvolvimento das ideias há de se considerar que “o conjunto das divisões completa o assunto em pauta”.¹³ Um pregador pode

¹² “I Preach Too Long”. *The Preachers Magazine*, p. 32

¹³ Jilton MORAES, *Homilética, da pesquisa ao púlpito*, p. 108.

até ter um bom material, porém este só terá validade no sermão se estiver em sintonia com a interpretação do texto bíblico e com a verdade — tese — a ser transmitida.

Sem conhecimento

O conhecimento de Deus é condição indispensável ao pregador. Moisés, antes de se dispor a falar em nome do Altíssimo, quis conhecer aquele que o chamava: “Quando eu chegar diante dos israelitas e lhes disser: O Deus dos seus antepassados me enviou a vocês, e eles me perguntarem: ‘Qual é o nome dele?’ Que lhes direi?” (Êx 3.13). Deus não deixou a pergunta de Moisés sem resposta: “Eu Sou o que Sou. É isto que você dirá aos israelitas: Eu Sou me enviou a vocês” (Êx 3.14). E o Deus que se revelou a Moisés a nós se revela a todo instante. Cabe a nós, pregadores — pastores e leigos —, buscarmos a presença dele a cada dia, a todo instante.

O sermão que pregamos depende do conhecimento que temos de Deus. A convicção de que somos convocados pelo Senhor e enviados a falar as palavras que ele nos tem mandado capacitá-nos como pregadores a respondermos positivamente ao desafio e, assim, nos dedicar ao ministério da pregação. O profeta Oseias acusou os israelitas, em nome de Deus: “A fidelidade e o amor desapareceram desta terra, como também o conhecimento de Deus” (Os 4.1). Ele falou do fim trágico da falta de conhecimento: “Meu povo foi destruído por falta de conhecimento. Uma vez que vocês rejeitaram o conhecimento, eu também os rejeito como meus sacerdotes; uma vez que vocês ignoraram a lei do seu Deus, eu também ignorarei seus filhos” (Os 4.6). Pregadores que desprezam o conhecimento do Senhor e de sua Palavra, que não levam conhecimento à congregação, são classificados como servos maus e negligentes (Mt 25.26), para os quais vem terrível

castigo: eles não participarão da alegria do Senhor (Mt 25.21); e até o que tem lhes será tirado (Mt 25.29). Quem não conhece a Deus nem sua Palavra não está capacitado para ser pregador. O plano de Deus é colocar à frente do seu povo líderes inteligentes e capazes: “Dar-vos-ei pastores segundo o meu coração, que vos apascentem com conhecimento e com inteligência” (Jr 3.15, RA).

Há gritos que às vezes ficam sufocados, e um deles é: Que conhecimento tem esse pregador para comunicar a palavra da verdade? O que realmente ele pode ensinar? O preparo é indispensável a uma boa comunicação. Quem vive da prática da pregação deve conhecer a Bíblia e as ciências que ajudam em sua interpretação e contextualização, como a exegese e a hermenêutica; tem de dominar teologia, para saber mais sobre Deus e sua revelação; precisa entender mais sobre o ser humano e suas necessidades, devendo para tanto ter noções de psicologia, antropologia e sociologia; e ainda necessita ter noções de homilética e oratória, para usar bem as técnicas da comunicação na atualidade. No entanto, acima de tudo, exige-se de quem está no púlpito que conheça o texto básico de sua mensagem e o assunto sobre o qual se propõe a falar.

“A pessoa que está no púlpito parece incapaz de ir além dos limites do esboço.”

O esboço é um bom recurso para auxiliar o pregador a não se desviar do desenvolvimento do sermão, porém nunca deve ser a expressão máxima da sabedoria de quem prega. Ir além do esboço não deve significar sair dele para falar sobre outros assuntos; ao contrário, deve nos dizer que, mesmo diante do imprevisto de ficarmos sem ele, somos capazes de pregar sendo fiéis à verdade gravada no texto lido e ao assunto proposto. Spurgeon aconselhou aos seus alunos: “Domine os seus livros. Leia-os completamente. Banhe-se

neles até ficar saturado. Leia-os e releia-os. Mastigue-os, e digira-os".¹⁴ Um bom pregador jamais estuda apenas para o próximo sermão, mas vive em constantes estudos. Ouvintes reclamam de pregadores que só estudam quando vão pregar, ou, pior, daqueles que tentam pregar sem qualquer preparo, fato que é denunciado pela falta de profundidade, de desenvoltura e de entusiasmo.

"Fico indignado quando o pregador tem dificuldade para desenvolver seu próprio esboço; parece até que não foi o autor das anotações sobre as quais tenta pregar."

Essa queixa é ainda mais terrível. Lamentavelmente, às vezes a constatação do ouvinte procede. O pregador está simplesmente fazendo a entrega de algo que não lhe pertence, porque não foi ele quem pesquisou; as ideias que estão no papel não são de sua autoria. Existe, no entanto, a hipótese de ele preparar o esboço e somente colocar no papel, sem dedicar tempo para oração e estudo, pedindo a Deus que os conceitos escritos passem para o seu coração, para, daí, chegar ao coração do ouvinte. John Knox advertiu:

Pregador sem preparo é sacerdote infiel. E, a não ser que o pregador tenha principiado, continuado e terminado em oração e louvor, ele não está preparado, por mais sábio, "belo" ou inteligente que seja seu sermão e por mais tempo e fidelidade com que tenha labutado ao mesmo.¹⁵

A falta de desenvoltura que vem pelo despreparo bloqueia o pregador, substitui a intrepidez pela timidez, e a apresentação que

¹⁴ *Lições aos meus alunos*, vol. 2, p. 235.

¹⁵ *A integridade da pregação*, p. 77.

deveria ser eloquente torna-se indolente. Os ouvintes têm toda a razão ao levantar seu brado quando isso acontece.

"Demonstrou não conhecer o assunto, nem o texto, nem os ouvintes; parecia não saber nem mesmo a razão de estar no púlpito."

O pregador que não conhece o assunto que pretende abordar torna-se digno da compaixão dos ouvintes mais piedosos e do des-caso dos mais críticos. De qualquer maneira, dificilmente obterá a atenção das pessoas que buscam uma palavra relevante. Pregar bem não é meramente levantar-se e falar. Alguém pode até se levantar e falar bem, mas, para isso, com certeza houve preparo, um tempo dedicado à busca em oração. Houve agonia por encontrar a ideia e o texto a ser pregado; um tempo para compreender e interpretar o texto, trazendo a mensagem para o momento atual, um tempo para arrumação da casa — selecionar o que dizer, sabendo como começar; como desenvolver o assunto e como terminar. Em tão poucas palavras esse ouvinte apresentou quatro queixas em seu grito: 1) desconhecimento do assunto; 2) desconhecimento do texto bíblico; 3) desconhecimento dos ouvintes; 4) o pior de tudo: desconhecimento de sua missão. Essa quarta queixa é determinante: quem desconhece a razão de estar no púlpito é incapaz de manejar bem a Palavra da verdade.

Por que tanta divagação?

Durante alguns meses eu e minha esposa viajamos num pequeno avião monomotor. Em tais ocasiões observei que o piloto não levantava voo sem antes apresentar seu plano à torre de comando. Os detalhes da viagem estavam ali. Ele declarava de onde estava partindo e onde pretendia chegar. No púlpito também temos um

ponto de partida e um ponto de chegada. Partimos da pesquisa em um texto bíblico e devemos chegar a persuadir o ouvinte da verdade apresentada. Ouvi de meu professor, o dr. Jerry Key, que “alguns sermões são como a viagem de Abraão, que ‘partiu sem saber para onde ia’”. Pregar sem um propósito é atirar sem um alvo. Assim como quem viaja tem um destino, quem prega tem um objetivo. A divagação desaparece quando o pregador tem um plano para o sermão que pretende pregar. E a falta desse plano suscita alguns gritos:

“A pessoa que insistia em falar no púlpito parecia um viajante perdido, sem qualquer orientação.”

O desenvolvimento da pesquisa nos sermões serve de bússola ao pregador ou pregadora. O texto bíblico é interpretado e contextualizado. Com a transposição do sentido do texto para a atualidade, surgem também os desafios, de acordo com as necessidades do auditório. O pregador que dedica o melhor de seu tempo no preparo do sermão e que, diante de Deus, estabelece o propósito de sua fala jamais fica desorientado no púlpito. A desorientação vem como consequência da pressa.

Um dos ouvintes entrevistados usou uma figura da aviação para expressar o seu grito, em linguagem figurada.

“A agonia dele lembrou um avião que, precisando aterrisar, não encontra as condições para o pouso.”

Isso acontece quando falta um propósito. A mensagem vai de Brasília a Porto Alegre, via Cruzeiro do Sul, no Acre. O pregador parece perdido — não tem um objetivo, e, quando pensa que

tem, não sabe como alcançá-lo. Ele não pesquisou o suficiente para estabelecer a linha entre o texto, sua ideia central, a verdade a ser apresentada (tese), as necessidades dos ouvintes, o rumo que a mensagem seguirá e os desafios do sermão (propósito específico). Veja no exemplo como isso deve acontecer para que o pregador não pareça perdido no púlpito:

RESPOSTAS QUE PRECISAM SER ENCONTRADAS AO SE ELABORAR E PREGAR UM SERMÃO

De que os ouvintes precisam?	Do consolo só encontrado em Jesus; da salvação que vem dele e torna a vida completa.
Qual texto atende a tais necessidades?	(João 10.10b) “Eu vim para que tenham vida, e a tenham plenamente.”
Qual a mensagem desse texto?	Jesus assegurou que sua missão era dar vida completa às pessoas.
De que modo esse texto fala hoje?	Somente Jesus nos transforma e nos dá vida completa.
Qual o rumo que o sermão tomará?	Pastoral e evangelístico
Que desafio o sermão apresentará?	Confiar inteiramente em Jesus para receber a vida completa que só ele pode dar.

O quadro apresenta o plano inicial para um sermão elaborado e pregado para alcançar pessoas, independentemente de sua confissão religiosa. Veja como os seis passos acontecem:

1) O pregador ora, pedindo a Deus uma ideia sobre a qual pregar. Considerando as necessidades dos ouvintes — consolo e salvação —, ele decide que esse binômio apresenta o *ponto de partida*.

2) Visando a atender as necessidades daqueles que precisam de consolo e salvação, o pregador encontra o *texto* de João 10.10 e decide, em oração, trabalhar essa porção bíblica.

3) Para ter condições de extrair a mensagem do texto, conforme dirigida aos seus primeiros destinatários, o pregador procura interpretá-lo e assim encontra a *ideia central do texto*.

4) Objetivando dar relevância ao sermão, apresentando argumentos com base bíblica e atualidade, o pregador contextualiza o texto que servirá de base a seu sermão e assim tem a *tese*, a verdade central da mensagem.

5) Agora o pregador estabelece o que já tinha em mente com a descoberta das necessidades dos ouvintes — o *propósito básico* —, o rumo que o sermão seguirá.

6) Com esse roteiro, o *desafio* aparece claro: pessoas carentes de consolo e salvação precisam confiar inteiramente em Jesus para receber a vida completa que só ele pode dar.

Pregadores e pregadoras precisam considerar que o precioso tempo dos ouvintes é mais bem aproveitado quando quem prega sabe aonde quer chegar. Sem propósito não há objetividade, e esta é uma das maiores necessidades da pregação nos dias atuais. “Os rodeios tortuosos podem destruir a objetividade de um sermão.”¹⁶ Quando o pregador conhece e considera as necessidades dos ouvintes e procura cumprir sua missão de chegar ao coração deles como um fiel intérprete da Bíblia, fica mais fácil planejar uma comunicação em linha reta. O pregador que assim procede encanta os ouvintes por lhes falar ao coração, aplicando o bálsamo que alivia as dores que os maltratam, respondendo a perguntas que esclarecem suas dúvidas e oferecendo direção capaz de fazê-los encontrar o caminho. No entanto, lamentavelmente nem sempre isso ocorre. E, quando o ouvinte não compreende o que o pregador pretende comunicar, ele lamenta:

¹⁶ Leslie J. TIZARD, *La predicación, arte de la comunicación*, p. 83.

“O pregador falava muito, mas a gente não compreendia o que ele queria dizer.”

Esta situação é comparável à do caçador que atira em várias direções, mas não consegue atingir nada. Spurgeon advertiu seus alunos quanto ao perigo da falta de objetividade: “Os ouvintes não têm a capacidade de ficar ouvindo por muito tempo palavras sem um propósito”, e completou: “Não me ocorre entre os mandamentos um que diga: ‘Não serás verboso’, mas talvez esteja compreendido neste mandamento: ‘Não furtarás’, pois é defraudar os ouvintes dar-lhes palavras em vez de alimento espiritual”.¹⁷

Os ouvintes estão com fome de ouvir a Palavra de Deus (Am 8.11), e temos a responsabilidade de levar-lhes o único alimento capaz de saciar a fome espiritual. Nosso objetivo como pregadores da Palavra é proclamar a vida completa que só em Jesus pode ser encontrada, e isso só é possível quando pregamos de tal modo que as pessoas compreendem tudo quanto estamos comunicando. O pregador que fala para não ser compreendido deixou de ser bênção como porta-voz do Senhor e passou a ser tropeço, prejudicando a propagação da mensagem. O valor de um sermão não está na erudição das palavras, na correção de sua estrutura homilética, na profundidade teológica dos argumentos, nem na eloquência com que é proferido. Um sermão tampouco pode ser medido pelo número de palavras: sua importância não está na capacidade de síntese e muito menos na prolixidade. Sermão relevante não é o que tem citações nos idiomas originais da Bíblia, nem mesmo o que está cheio de versículos bíblicos citados de memória pelo pregador. A relevância da pregação está na capacidade do pregador de explanar a Bíblia, com profundidade e simplicidade; de modo tão claro, a ponto de chegar ao coração dos ouvintes.

¹⁷ *Lições aos meus alunos*, vol. 2, p. 171.

3

Dois sermões ao mesmo tempo?

Escreva claramente a visão em tábuas, para que se leia facilmente.

HABACUQUE 2.2



Minha mensagem e minha pregação não consistiram de palavras persuasivas de sabedoria, mas consistiram de demonstração do poder do Espírito.

1 CORÍNTIOS 2.4



A chave de madeira não é tão bonita como a de ouro, mas, se ela abre uma porta que a chave de ouro não consegue abrir, então ela é muito mais útil.¹

AGOSTINHO

O SERMÃO, COMO TODO DISCURSO, tem começo, ou *introdução*; meio, ou *desenvolvimento*; e fim, ou *conclusão*. Em outras palavras, é necessário começar bem, expor habilmente o assunto proposto e finalizar no tempo certo. Não basta desenvolver bem cada uma dessas partes, como vimos no capítulo anterior; é imprescindível trabalhá-las de modo harmônico para que a apresentação no púlpito não fique fragmentada. As pessoas não estão dispostas a gastar seu precioso tempo ouvindo um discurso desarrumado e

¹ Citado em KNOX, *A integridade da pregação*, p. 77.

sem nexos. Quando o sermão, de tão desarrumado, parece dois, escutamos o lamento dos ouvintes.

Um quebra-cabeça desmontado

As várias partes de um quebra-cabeça, antes de montadas, nada significam: são simplesmente um amontoado de peças fora do lugar. E o trabalho de montagem dá dor de cabeça. Um sermão não deve ser um amontoado de peças fora do lugar, mas, sim, um discurso completo que será introduzido, desenvolvido e finalizado. O ouvinte quer receber o sermão com todas as partes no seu devido lugar. Até mesmo as pessoas que gostam de montar quebra-cabeças ficam insatisfeitas quando, na condição de ouvintes, precisam juntar as peças do sermão. E quando uma dessas “peças” assume proporções exageradas, o discurso perde o equilíbrio e, daí, surgem as queixas.

“Houve uma longa introdução, sem qualquer ligação com o texto, na qual o pregador falou de tudo, até de pessoas no templo; só depois, parecendo lembrar-se do texto, começou a apresentá-lo, como se fosse um estudo à parte do sermão.”

A introdução não deve ser longa; sua função é apresentar, de modo atraente: 1) o texto bíblico que embasa o sermão; 2) o assunto a ser pregado; 3) a relação entre ambos e sua relevância para os ouvintes. Uma boa introdução trabalha, portanto, três importantes fatores, com o propósito de ganhar a atenção do auditório, deixando claro que valerá a pena ouvir tudo que será apresentado. Não mais do que aproximadamente 10% do tempo total do sermão deve ser gasto nessa etapa. Uma longa introdução

deixa de cumprir seu papel. Foi o que aconteceu a esse ouvinte, que ainda justificou a razão do seu grito:

"Ainda estou em dúvida se ele pregou dois sermões ou um só. Um parecia ser de assuntos gerais, e, só depois, outro, que teve um pouco a ver com o texto bíblico."

Esse problema ocorre com frequência quando se utiliza uma longa introdução. Não havendo planejado adequadamente o início do sermão, o pregador fica *perigosamente acessível*. Como uma caixa sem tampa, há espaço para tudo que surge. Sua introdução, *um projeto inacabado*, está dissociada do texto bíblico e de seu significado para o momento atual. Assim, ele passa a citar pessoas e fatos que nada têm a ver com o assunto sobre o qual pretende pregar. Só depois há uma tentativa de entrar no sermão que, diante de tanta perambulação, passa a ser visto como se fossem duas mensagens quando na realidade trata-se apenas de uma.

Observe a seguir a ideia de uma introdução sem planejamento e a de uma introdução planejada. O sermão é um só, portanto o mesmo texto, a mesma ideia e pesquisa para o sermão estão presentes nas duas introduções.

Pesquisa para o sermão, comum às duas introduções:

Texto: Gênesis 28.10-22.

Ideia central do texto: Na presença do Senhor, em Betel, Jacó aprendeu a prosseguir transformado.

Tese: Só na presença do Senhor temos condições de prosseguir transformados.

Propósito básico: Devocional

Propósito específico: Somos desafiados a viver diante do Senhor para alcançar as bênçãos da presença dele.

Título: Na presença do Senhor

Vejamos agora como seria, mais ou menos, a introdução que não cumpre sua função:

INTRODUÇÃO I

O pregador lê o texto e passa de quinze a vinte minutos contando de sua última viagem a Jerusalém. Menciona um amontoado de detalhes que nada tem a ver com o assunto a ser pregado. Fala de sua visita à moderna vila de Beitin, identificada como a antiga Betel mencionada na Bíblia. Descreve com detalhes os contratempos em voos e hospedagens; fala dos mascates e da tentação de adquirir seus produtos. E, para completar, apesar de ser um pregador visitante, identifica um casal na igreja que esteve nessa mesma viagem e começa a, deselegantemente, interagir com ele. Com isso, o assunto fica cada vez mais distante, o pregador mais perdido e os ouvintes menos motivados.

Depois de todo esse tempo perdido, quando já era o momento de pensar em finalizar o sermão, o pregador, parecendo acordar de sua inútil viagem, fala: “Sim, irmãos, agora vamos ao nosso texto” e começa uma tentativa de imersão na passagem bíblica que deveria ter sido considerada desde o início.

O que acontece em tais casos é que o tempo do ouvinte foi gasto inutilmente. Ele foi forçado a ouvir uma história na qual não estava interessado. Foi ao templo para ouvir a mensagem e teve que escutar um relato nada relevante ao atendimento de suas necessidades espirituais. E, ainda pior, os primeiros minutos, que constituem o tempo mais propício para conquistar a atenção do ouvinte, foram desperdiçados com outro assunto.

Vejamos agora a introdução que, de fato, cumpre o seu papel no sermão:

INTRODUÇÃO 2

O pregador lê o texto, faz uma oração, e sua palavra logo a seguir é uma referência a um dos hinos ali cantados:

“Quão preciosas são as horas na presença de Jesus,
 comunhão mui deliciosa de minha alma com a luz!
 Os cuidados desse mundo não me podem envolver,
 pois é ele meu abrigo, quando o Tentador vier, quando o Tentador vier”.

Vibramos ao cantar este velho hino. Que bênção é podermos nos encontrar com Deus! Que maravilha é estarmos na presença do Senhor! Diante do Senhor, Jacó descobriu quanto era importante a comunhão com Deus. Na presença do Senhor, em Betel, ele aprendeu a prosseguir transformado. Essa é a aprendizagem que precisamos vivenciar a todo momento: só na presença do Senhor temos condições de prosseguir transformados. Na presença do Senhor temos forças para avançar.

Enquanto na primeira introdução o pregador desperdiçou quase vinte minutos narrando uma longa história dissociada do texto e não conseguiu introduzir o sermão, no segundo exemplo, em cerca de três minutos, o pregador cumpriu sua tarefa. Em não mais do que 10% do tempo reservado a todo o sermão, ele apresentou a ideia, o texto e a relação de ambos com os ouvintes, usando apenas 113 palavras na introdução. Cumpriu o que prescreve H. C. Brown Jr., elaborando a introdução com a capacidade de “despertar o interesse do ouvinte, tornar claro o propósito do sermão e criar empatia entre o pregador e a congregação”.² É válido observar ainda que a última frase da introdução — *na presença do Senhor temos forças para avançar* — é, na realidade, o enunciado do primeiro movimento do sermão cujo esboço teria a seguinte estrutura:

² *Steps to the Sermon*, p. 126.

Na presença do Senhor

1. Temos forças para avançar
2. Temos visão para sonhar
3. Temos motivação para mudar
4. Temos chance para marcar
5. Temos razão para ofertar

Infelizmente, segundo os ouvintes entrevistados, não são muitos os pregadores que têm a disposição e a habilidade de organizar os sermões.

Nesta desordem, o que eu aprendo?

Sermões às vezes se movimentam tão fora dos trilhos que o ouvinte se pergunta se realmente está no templo, participando de um culto. E o pior é que a desordem não é só no púlpito: falta controle de qualidade, falta organização. A confusão principia antes mesmo de o pregador começar a falar. “Isso é um culto?”, indaga-se o adorador, aturdido naquele ambiente barulhento e espetaculoso que pouco ou nada lembra um lugar de adoração. O dirigente, que mais parece um animador de palco, está preocupado com palmas, gritos, pulos e todo tipo de ações envolvendo pantomima e barulho. E a pergunta vai crescendo dentro do ouvinte: “Onde estou? O que faço aqui?”. A esperança é que a pregação venha a valer a pena. No entanto, quando chega a aguardada hora da mensagem, a decepção aumenta ainda mais: ele não sabe se aquela pessoa está ali para pregar as boas-novas ou para divertir os ouvintes. Os gracejos são tão exagerados que, mesmo algumas pessoas que dão risadas no momento, depois lamentam:

“Ele até divertiu alguns ouvintes, mas não apresentou a seriedade da Palavra de Deus.”

Quem prega não é chamado a divertir os ouvintes, mas a transmitir a Palavra de Deus. Isso não significa que não haja lugar para o humor, que deve ser usado no tempo certo e sem exagero. (No capítulo 11 retomamos a questão do humor na pregação.) Somos comunicadores da mensagem da graça de Deus e não podemos fazê-lo sem graça. O sermão precisa de um toque de graça; entretanto, isso não significa que o pregador, ou pregadora, deva se transformar no bobo da corte; nossa função é sobremodo mais elevada: somos arautos das boas-novas. Uma sugestiva definição de pregação afirma que “pregar é confortar os perturbados e perturbar os confortados”. Sermões açucarados podem até entreter e divertir, mas não alimentam. O sermão precisa fazer diferença na vida das pessoas, desafiando-as a se tornarem praticantes da Palavra. Tiago advertiu: “Sejam praticantes da palavra, e não apenas ouvintes, enganando-se a si mesmos” (Tg 1.22). No entanto, o que nós, pregadores, estamos fazendo para que o sermão alcance e transforme as pessoas que nos ouvem?

O banquete acabou

Cessou a época do banquete no púlpito. O alimento sólido e antes preparado com esmero cedeu lugar ao *fast-food*. Muita gente não vai mais ao culto para adorar a Deus e ouvir a sua Palavra, mas, sim, para se divertir. Infelizmente é o entretenimento a motivação que leva algumas pessoas ao templo hoje. Elas desejam ouvir um pregador que lhes ofereça algum passatempo, querem alguém que as divirta, que as faça esquecer suas dúvidas e tristezas. No entanto, esse não é o propósito da pregação, e por isso é lamentável ver pregadores entrando nessa onda do barateamento da mensagem.

A motivação que faz os fiéis autênticos frequentarem os templos é o desejo de receber o alimento da Palavra de Deus. O sermão

precisa ser rico em conteúdo, e essa riqueza começa na profundidade do embasamento bíblico e na simplicidade de uma comunicação desprestenciosa, capaz de alcançar corações aflitos e errantes com a mensagem da paz que dá um novo sentido à vida. Wayne MacDill afirma que a comunicação oral é a mais importante responsabilidade para o pastor, a que requer mais tempo e atenção.³ Isso significa que durante a semana toda, em tudo mais que o pastor faz, deve fazê-lo pensando e se preparando para o desempenho de sua responsabilidade mais exigente, que é a comunicação da Palavra.

Infelizmente, a correria comum ao momento presente tem feito muitas pessoas trocarem o alimento saudável pelo *fast-food* (lanches rápidos, preparados e servidos em pouco tempo, mas sem qualidade). É lamentável observar essa “nova cultura” alcançando o púlpito: pregadores, sem tempo para preparar banquetes, contentam-se em servir um rápido sanduíche aos ouvintes. As crianças adoram saborear um lanche rápido, no entanto, nenhum pai ou mãe responsável reduz o cardápio de seus filhos a hambúrguer e batata frita. W. A. Criswell afirmou:

Não há dúvida de que a maioria dos sermões é rala como uma sopa feita dos mesmos ossos o ano inteiro. [...] Muitos pregadores estão cansados de sua própria maneira de pregar, visto que eles mesmos não têm fogo, nem entusiasmo, nem zelo, nem expectativa.⁴

John MacArthur é enfático ao declarar que a dieta que alimenta espiritualmente está na pregação bíblica: “Se a igreja quiser

³ *The Moment of Truth: A guide to Effective Sermon Delivery*, p. 58.

⁴ Citado em LOPES, *De pastor a pastor: princípios para ser um pastor segundo o coração de Deus*, p. 77.

“adquirir saúde espiritual, a pregação deve voltar ao seu devido fundamento bíblico”.⁵

Assim como é impossível que alguém se desenvolva sem um alimento consistente, é impossível o crescimento espiritual sem o alimento sólido da Palavra de Deus. As igrejas estão repletas de raquíticos espirituais: pessoas que abraçaram a fé, mas não se desenvolveram. Como plantas sem água, elas estão agonizantes, necessitando ser alimentadas. Nenhuma igreja se desenvolve plenamente sem o banquete do púlpito. Uma instituição eclesial pode crescer em número, impressionar estatisticamente, mas crescer de modo que as pessoas vejam a graça de Deus na vida dos fiéis só mesmo se for nutrida no Senhor e na força da sua Palavra. Quando o pregador não leva a sério sua tarefa de falar em nome do Senhor, as pessoas deixam de receber o tão necessário mantimento e levantam seu grito de queixa:

“O sermão foi carente de qualquer conteúdo sólido.”

O que dá profundidade à pregação? Sermão profundo não deve ser confundido com comunicação complexa. O pregador deve usar palavras que tenham sentido claro, caso contrário a reação dos ouvintes será de surpresa, dúvida e frustração. Foi assim quando determinado pregador começou a falar e os ouvintes se entreolharam. O título anunciado foi: “*O semato do avivamento*”. É difícil imaginar quantas pessoas compreenderam o significado do título. Tudo que o pregador pretendia era apresentar sinais do avivamento, mas falhou ao usar um vocábulo desconhecido, sem qualquer sentido para a maioria dos ouvintes.⁶ Tenho deixado

⁵ *Redescobrimo o ministério pastoral*, p. 283.

⁶ MORAES, *Homilética, da pesquisa ao púlpito*, p. 94.

claro e, seguindo o exemplo paulino, repito: não é o pregador que fala mais difícil o que tem a mensagem mais sólida, mas o que, lançando mão de uma comunicação compreensível, sabe compartilhar a verdade divina e, na força do Espírito Santo, é capaz de levar pessoas a mudanças comportamentais. A realidade é que os ouvintes se queixam diante da pobreza de conteúdo:

"O sermão foi um amontoado de repetição e quase nada de conteúdo. Para completar, ele já havia pregado o mesmo sermão alguns meses antes."

Há pregadores que tanto insistem na abordagem das mesmas ideias dos sermões e textos bíblicos que conseguem a façanha de se autorrepetirem. Um ouvinte mencionou o caso de um pastor que teria iniciado uma série de sermões com o título geral: *Vale a pena ouvir de novo*. Só que não valeu a pena, e ele terminou perdendo aquele pastorado. O tópico *repetição de sermões* surge com certa frequência nos cursos de formação e aperfeiçoamento em homilética. Pregadores iniciantes querem saber se o mesmo esboço pregado em um culto pode ser repetido em outra ocasião. É óbvio que isso pode acontecer, porém precisamos lembrar que o fato de o esboço estar pronto não significa missão cumprida. O pregador deve despender tempo em oração, pedindo a Deus condições para falar aos novos ouvintes; deve também se dedicar a reestudar o esboço à luz da realidade do novo auditório. Por melhor que julguemos ser o esboço que pretendemos usar em determinada igreja, precisamos ter em mente que ele só poderá ser usado quando tivermos a convicção de que aquele é o sermão que o Senhor quer que preguemos naquela ocasião. Com certeza, depois de orarmos pelos ouvintes e estudar a realidade de um novo

auditório, o sermão não será exatamente o mesmo já pregado a outros ouvintes.

Há alguns fiéis que tanto valorizam a pregação que fazem anotações sobre os sermões ministrados. Por causa do costume de anotar na própria Bíblia, ao lado do texto, o título do sermão, o nome do pregador e a data, um ouvinte protestou contra o autêntico pacote de repetições levado ao púlpito: “Ele pregou este mesmo sermão há poucas semanas. Veja aqui na minha Bíblia. Até as ilustrações foram as mesmas”.

Quando um sermão pode ser repetido para o mesmo auditório? Considerando os fiéis que ficam atentos à mensagem, penso que um prazo de cinco anos é um bom tempo para o pregador voltar aos seus esboços, não necessariamente pensando em repeti-los na íntegra, mas para, a partir do que foi apresentado, favorecer a volta dos mesmos assuntos, porém com novas abordagens. Os ouvintes reclamam da falta de originalidade e relevância.

“Ele foi do Gênesis ao Apocalipse sem
qualquer profundidade.”

O pior é que esse tipo de pregador dribla os ouvintes mais incautos. É preciso cuidado para não confundir um amontoado de versículos bíblicos com uma mensagem bíblica. O sermão precisa ser bem elaborado para alcançar o coração dos ouvintes. Russell Shedd adverte: “Os ouvintes estão saindo dos cultos da mesma forma que entraram. Quando uma mensagem não consegue transformar o coração, fatalmente o endurece”.⁷ O sermão bíblico, conforme já ilustrado no quadro *Respostas que precisam ser encontradas ao se elaborar e pregar um sermão*, embasa-se em um texto, apresenta a interpretação fiel ao significado original, contextualiza-o,

⁷ SHEDD, *Palavra viva*, p. 11

transportando sua mensagem para o presente, e, com um propósito definido, faz a devida aplicação, procurando inseri-la na vida do ouvinte por meio de desafios.

4

Contextualizar é preciso

Devemos entender os conhecidos textos bíblicos que pregamos a ponto de contextualizar seu ensino a nossa cultura e entender nossa cultura de modo a levá-la a aceitar a atualidade da Palavra de Deus.



A aproximação com os ouvintes deve iniciar-se antes mesmo da elaboração do sermão, quando começamos a interceder pelas pessoas que estarão diante de nós, escutando nossas palavras. Pelo poder do Espírito Santo, o sermão as alcançará ao considerarmos as necessidades que as afligem e intercedermos por elas ao Senhor.



Como pregadores, somos responsáveis em fazer a transposição correta entre o significado original da mensagem e sua aplicação para os ouvintes de hoje.

ESTANDO NO TEMPLO PELA PRIMEIRA VEZ, um homem observou os detalhes do culto. O sermão era sobre a arca de Noé: uma palavra rica, com muitos pormenores textuais e históricos. O pregador enfatizou a rebeldia do povo, a integridade de Noé, o desafio de Deus e as instruções para a construção da arca, a família de Noé, as pessoas e animais entrando na arca e, por fim, o dilúvio. O problema foi que todo o tempo no púlpito foi gasto com narrativas do passado. Nenhuma aplicação para o presente e nenhum desafio para o futuro foram apresentados. Após o culto, ele disse

aos amigos que o haviam convidado: “Gostei do culto, o pregador fala bem; só gostaria de saber o que a gente tem a ver com essa arca... Qual a utilidade dela hoje?”. Esse sermão pecou pela falta de atualização, por isso não alcançou o ouvinte.

A atualização é indispensável à pregação. John Stott apresenta o significado da expressão “manejar corretamente a palavra da verdade” (2Tm 2.15) como “cortar uma senda em linha reta”; nesse sentido o trabalho do orador sacro (pregador) pode ser comparado ao do arador (lavrador). Stott acrescenta:

Esse ensino reto da verdade fica em contraste perceptível com os falsos mestres que se “desviam” dela (v. 18) e enfatiza a necessidade de tamanha lealdade e simplicidade na nossa pregação, que os ouvintes facilmente a compreendam e a sigam.¹

Um sermão evangélico nunca deverá ser um discurso desatualizado, uma vez que temos o privilégio e a responsabilidade de compartilhar um conteúdo de boas-novas capaz de alcançar os ouvintes. A relevância da pregação começa com a transposição do texto bíblico do tempo em que foi escrito para a atualidade. O que os ouvintes dizem a esse respeito?

Longe demais

As pessoas se dispõem mais facilmente a ouvir sermões que tratam de realidades características do seu dia a dia. A aproximação com os ouvintes deve iniciar-se antes mesmo da elaboração do sermão, quando começamos a interceder pelas pessoas que estarão diante de nós, escutando nossas palavras. Pelo poder do Espírito Santo, o sermão as alcançará ao considerarmos as necessidades que as afligem e intercedermos por elas ao Senhor. Durante todo o processo

¹ *Eu creio na pregação*, p. 145.

de elaboração do sermão, enquanto buscamos nos aprofundar no texto bíblico, precisamos considerar as personagens e circunstâncias nele envolvidas, sem jamais nos descuidar de associá-las às pessoas que estarão ao alcance da nossa voz, na condição de ouvintes.

Um fator que muitas vezes distancia o pregador de seu auditório são as suas anotações. A tendência é que, quanto maior o volume de anotações, menor as possibilidades de contato com os ouvintes. Ralph Lewis, depois de afirmar que sermões podem ser bem apresentados, deixa claro que são poucos os pregadores que conseguem fazê-lo:

Para cada pregador que tenho visto alcançar êxito nesta prática, tenho testemunhado uma centena deles tão presos aos seus manuscritos que boa parte dos seus ouvintes se recolhe às suas fantasias diurnas ou cochila, na tentativa de escapar da enfadonha prosa do pregador.²

Infelizmente, porém, a figura do pregador distante é uma realidade, e Kevin DeYoung e Ted Kluck apresentam uma descrição dessa figura:

[Ele] às vezes fala como se tivesse incorporado o teólogo puritano John Owen, e seu envolvimento com a cultura consistente em explicar a diferença entre os armênios atuais e os arminianos (a posição teológica). Eles falam com o ritmo de outro século e são especializados em pregar para o coral.³

Depois dessa terrível descrição, os autores completam com uma indagação: “Será que estamos atrapalhando o evangelho?”⁴

² *Pregação indutiva: como preparar de modo que as pessoas ouçam*, p. 216.

³ *Por que amamos a igreja*, p. 32

⁴ Idem.

O pregador autêntico viverá para promover o evangelho com sua vida e palavras, buscando ser sábio em estabelecer conexão entre o texto bíblico e a realidade de seus ouvintes. Quando isso não acontece, as pessoas lançam seu grito de protesto:

“O pregador apresentou uma riqueza de detalhes do texto bíblico, mas não ofereceu qualquer ligação desse texto com o momento atual.”

Contextualizar é relacionar a mensagem do texto bíblico à realidade dos ouvintes. É atualizar a mensagem do texto bíblico, tornando-o relevante ao momento atual. Isso é tão importante que Page Kalley afirmou que o pregador, ao descobrir o significado original de uma passagem bíblica, tem metade de sua tarefa completada, e acrescentou: “Você deve perguntar como uma passagem se aplica a homens e mulheres no mundo de hoje”.⁵

Precisamos compreender que não basta ao pregador conhecer o sentido exato do texto; é preciso trazer o texto para o momento em que o sermão está sendo pregado.

O grande abismo entre as palavras do pregador e a realidade dos ouvintes precisa ser transposto. E o sermão precisa funcionar como uma ponte, apoiada em cada uma dessas margens tão distantes. Só assim haverá verdadeira comunicação.⁶

Esse encontro entre o “está escrito” e a “realidade dos ouvintes” não é fácil. Ralph Lewis lembra que os fundamentalistas tentaram separar os sermões em duas metades: “A primeira metade tratava do ‘lá naquele tempo’ e a segunda metade saltava para o ‘aqui e

⁵ *Mensagens do Antigo Testamento para os nossos dias*, p. 15.

⁶ *Homilética, do púlpito ao ouvinte*, p. 185.

agora'. Infelizmente os ouvintes muitas vezes podiam dizer: 'E jamais os dois se encontraram'".⁷

O pregador precisa considerar que a contextualização não é uma tentativa de apresentar o sermão em duas metades, e sim a apresentação, ao longo de todo o discurso, não só do "passado" e do "presente", mas de igual modo do "futuro". E isso é feito naturalmente, através dos elementos funcionais — explanação, ilustração e aplicação — desde a introdução até o amém final.

Arcaico demais

Há uma natural rejeição pelo arcaico, tanto que o significado dessa palavra é: antigo, atrasado, antiquado, desusado, obsoleto. Ao discorrer sobre as funções proféticas do ministério, Mervel Rosa afirmou: "Ele [o profeta] se dirige sempre com uma mensagem atual ao homem do seu dia. Ele ouve pessoalmente a palavra de Deus e a comunica diretamente à situação atual". E disse mais: "O profeta é um homem engajado no seu contexto histórico e não um sonhador utópico a pregar abstrações e mensagem vagas".⁸

O pregador precisa cultivar um estilo mais atual, mais adequado ao presente momento. David Fetzer é bastante enfático ao falar sobre a opção preferencial das pessoas na atualidade:

Os ouvintes de hoje preferem uma pregação mais natural e espontânea, em tom de conversação. Esse estilo mais informal de falar comunica honestidade, sinceridade, confiança e a transparência que acompanha a disposição de expor quando necessário.⁹

⁷ *Pregação indutiva: como pregar de modo que as pessoas ouçam*, p. 46.

⁸ *O ministro evangélico: sua identidade e integridade*, p. 19.

⁹ "Agora transmita a mensagem". In: KOESSLER, ed., *Manual de pregação*, p. 373.

Ele oferece alguns conselhos práticos que ajudam a tornar a pregação mais atraente, mais dialogal, mais próxima do ouvinte:

Não se limite a falar com as pessoas, converse com elas. Crie um ambiente de entusiasmo cordial que prenda a atenção delas, pois assim elas percebem que você é um ser humano de carne e osso, que se preocupa com elas e tem algo importante a dizer-lhes acerca da Palavra de Deus.¹⁰

Sem o conhecimento do contexto social e sem o engajamento com o povo no local onde ministra, o pregador terá dificuldades em apresentar uma mensagem relevante que, de fato, alcance os seus ouvintes. É bem verdade que a antiga base bíblica jamais será obsoleta ou envelhecerá. Precisamos ter cuidado, porém, porque as palavras, os conceitos e os métodos de comunicação são dinâmicos, e o sermão só será relevante para o presente se falar a linguagem do homem e da mulher desse tempo. Quando o pregador se torna antiquado, os ouvintes reclamam seus direitos.

“Alguns conceitos apresentados estão ultrapassados. Existem hoje novos tratados sobre o assunto.”

Em uma sociedade dinâmica em que, em termos de comunicação, tudo se processa velozmente, o pregador não pode ficar estático. No passado, o pastor era a pessoa mais culta da comunidade e possuía a maior ou uma das maiores bibliotecas locais. Esse fato, aliado ao distanciamento da venerável figura do pastor, tornava sua palavra indiscutível. Hoje, a realidade mudou, principalmente com o advento da internet. As portas de acesso à cultura estão escancaradas. O pregador relevante é desafiado a checar e atualizar

¹⁰ Idem.

seus conceitos antes de apresentá-los, para não correr o risco de ser corrigido até por pré-adolescentes. 

O que tenho a ver com isso?

Para que o sermão alcance o ouvinte, não basta que o pregador exponha o texto bíblico; ele tem a responsabilidade de transpor a mensagem para o presente. Para possibilitar transposição, a homilética se associa à hermenêutica. Nesse processo, procura-se interpretar corretamente o texto, descobrindo seu significado primário, para, depois, podermos contextualizá-lo e corretamente aplicá-lo aos nossos ouvintes.¹¹ O anseio do ouvinte é que o pregador traga a mensagem para o seu cotidiano, aproxime o sermão das coisas que lhe acontecem na sucessão dos dias. É justamente essa aproximação que faz alguém ouvir o sermão com prazer, tornando-se assim um ouvinte atento.

"O sermão não trouxe nada de prático; de tudo que ouvi, não aproveitei nada para a minha vida pessoal."

Aqui está uma terrível queixa: sermões que não falam ao dia a dia dos ouvintes. Alguns até possuem base bíblica, mas sem qualquer encaixe nos anseios, dificuldades e angústias do auditório. A dificuldade é a distância: não basta entrar no mundo bíblico; precisamos, através da Palavra, entrar no mundo significativo do ouvinte. Jerry Key afirmou que, **depois de ouvir um sermão, o mínimo que o ouvinte deve saber é "aquilo que o texto significa para ele próprio, isto é, aquilo que o Espírito Santo falou ao seu coração através da mensagem, aquilo que Deus quer que seja colocado em prática"**.¹²

¹¹ *Homilética, do púlpito ao ouvinte*, p. 132.

¹² *O preparo e a pregação do sermão*, p. 127.

Ouvi um excelente sermão no qual o pregador, falando sobre paz, durante todo o tempo, usou retalhos do cotidiano e, lançando mão de realidades simples, escancarou fatos que acontecem a cada momento na vida das pessoas e as aborrecem. Logo na introdução ele mencionou alguns problemas que tiram a paz: o carro que insiste em não pegar, a geladeira avariada, o sapato roído pelo cachorro, um vazamento molhando tudo, o filho pequeno que não para de chorar. O auditório riu diante das lembranças de tais ocorrências. Quem não viveu algumas dessas situações?

Como fazer uma boa aplicação? Que passos empreender para apresentar aplicações pertinentes ao sermão? Winfred Omar Neely, falando sobre o caminho da aplicação, lembra que essa trilha começa com um rigoroso trabalho exegético, abrange uma análise do público original e “nasce ainda de um entendimento profundo da mentalidade, dos desafios, problemas e lutas da sociedade contemporânea. É fundamental que o pregador entenda as pessoas que está tentando alcançar a ajudar”.¹³ Muitas vezes a aplicação se dá à margem do sermão porque falta ao pregador um conhecimento adequado do texto bíblico apresentado como básico e uma noção apropriada das pessoas que o ouvirão.

A compreensão do propósito do texto é de importância crítica para a sua aplicação. Como poderemos aplicar o texto corretamente aos nossos contemporâneos, se não soubermos, em primeiro lugar, qual é o seu objetivo?¹⁴

Aplicar o texto significa acomodar a mensagem à vida das pessoas que nos ouvem, ajudando-as a compreender melhor os desafios apresentados e a responder positivamente na disposição

¹³ “A aplicação das Escrituras à vida contemporânea”. In: KOESSLER, ed., *Manual de pregação*, p. 53.

¹⁴ Idem, p. 55.

de mudanças comportamentais. O melhor exemplo de um pregador sábio em se aproximar do ouvinte e em fazê-lo se envolver com a mensagem é o profeta Natã (2Sm 12). Utilizando imagens bem conhecidas do ilustre ouvinte, ele empregou o melhor em criatividade e capacidade narrativa; assim, logo o rei Davi reagiu positivamente, e ele pôde fazer uma aplicação direta.

Pregador que apresenta sermões dissociados da realidade das pessoas não pode esperar ouvintes atentos. As pessoas se dispõem a ouvir, desde que o conteúdo das mensagens esteja conectado ao seu dia a dia.

5

Onde está o texto bíblico?

O texto bíblico não é um ornamento na mão do pregador para completar o traje litúrgico ou pastoral; também não é um apêndice ao sermão — é parte dele, e sua parte mais importante.



O texto bíblico está para o sermão assim como o tecido está para o bordado. Do mesmo modo que é impossível fazer o bordado sem o tecido, é impossível elaborar um sermão sem o texto bíblico.



Procure apresentar-se a Deus aprovado, como obreiro que não tem do que se envergonhar e que maneja corretamente a palavra da verdade.

2TIMÓTEO 2.15

O ABISMO ENTRE O QUE ALGUNS PREGADORES falam e o que a Palavra de Deus diz é, sem dúvida, a maior catástrofe do púlpito. Não dá para separar a autêntica pregação da exposição da Palavra, tanto que Pierre Marcel declarou: “Pregar é tomar parte na Palavra de Deus, é tornar-se cooperador de Deus”.¹

Sem interpretação da Bíblia, sem aplicação e sem desafios não há pregação. Assim, o sermão relevante trabalha com uma tríade de fatores que envolvem passado, presente e futuro: comunicando

¹ *The Relevance of Preaching*, p. 61.

a Palavra de Deus, aborda textos escritos no passado; contextualizando a Palavra a fim de trazer aplicação ao momento atual, ocupa-se do presente; e desafiando as pessoas a uma mudança de vida, ocupa-se do futuro. Daí chegarmos à seguinte definição: **pregação é a comunicação da Palavra de Deus, com aplicação para o presente e desafios para o futuro.**² “As pessoas querem ouvir uma palavra de Deus. Se nossas ideias não correspondem aos pensamentos de Deus expressados no texto, não captamos a essência da pregação”.³ **Desejosos de ouvir a Palavra de Deus, não a sabedoria do pregador,** os ouvintes levantam seu brado quando a Bíblia não está presente no púlpito.

Falta base bíblica

Qual a causa da negligência do modelo expositivo no púlpito de hoje? Por que muitos pregadores abandonaram a prática de exposição de um texto bíblico? Pregar sermões embasados em um texto bíblico, aplicando suas verdades ao presente e apresentando desafios para o futuro, não é o caminho mais fácil, porém é o que dá relevância à pregação.

A leitura e exposição da Palavra de Deus são elementos indispensáveis ao diálogo que se desenvolve no culto. Deus fala a seu povo por meio de sua Palavra escrita. Quando o povo não permite que Deus fale por intermédio de sua Palavra na leitura e pregação fiel dela, cala o interlocutor mais importante do diálogo.⁴

É preciso dedicação completa ao Senhor e a sua Palavra para que o pregador elabore e pregue sermões com a autoridade da Bíblia e a atualidade para alcançar os ouvintes. O que se vê hoje em

² *Homilética, da pesquisa ao púlpito*, p. 51.

³ STOWELL. In: KOESSLER, ed., *Manual de pregação*, p. 67.

⁴ Idem, p. 67.

dia são pregadores que, por falta de tempo ou de sabedoria para administrá-lo, assumem o púlpito sem ter gasto o tempo necessário na busca e no estudo da Palavra. Uma das saídas que encontram nesse despreparo é narrar o que julgam ser as maravilhas de sua “vida vitoriosa”, realçando a sabedoria de seu viver. É urgente que tais pregadores sejam alertados para o fato de que, sem base bíblica, a pregação perde a autoridade, como advertiu John Piper:

Ao dizermos ao povo alguma coisa, sem demonstrá-la no texto, estamos simplesmente impondo sobre ele a nossa autoridade. Isso não honra o trabalho de Deus ou o trabalho do Espírito Santo. Quero encorajá-los a depender do Santo Espírito, saturando sua pregação com a Palavra por ele inspirada.⁵

Por essa razão, quando o pregador comunica de tal modo que suas palavras parecem querer falar mais alto do que a Palavra do Senhor, surgem as queixas dos ouvintes:

“O pregador falou de sua pretensa sabedoria,
mas nada disse da sabedoria do alto.”

O bom pregador jamais apresenta seu próprio conhecimento; ele entende que a palavra comunicada com sabedoria lembra o ouvinte de sua condição e de que sem Deus toda ciência é vã. Tem em mente que “a sabedoria está nos lábios dos que têm discernimento” (Pv 10.13). Paulo, o apóstolo, compreendeu bem essa realidade, ao declarar: “Cristo não me enviou para batizar, mas para pregar o evangelho, não, porém, com palavras de sabedoria humana, para que a cruz de Cristo não seja esvaziada” (1Co 1.17). Jamais a pregação relevante condecora a força ou o conhecimento do homem; ou ela enaltece o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê (Rm 1.16), ou a sua irrelevância já foi

⁵ *A supremacia de Deus na pregação*, p. 39.

decretada. David Fetzer, apresentando algumas sugestões para o pregador não perder os seus ouvintes, afirmou:

O púlpito não é um palco no qual o pregador se apresenta; é o lugar de nossas igrejas de onde um indivíduo pode falar a outros sobre adoração e conhecimento de Deus, por meio de sua Palavra. É nesse ponto que a escolha de palavras, imagens, metáforas, símbolos não verbais e ilustrações demonstra o quanto você se identifica com os seus ouvintes e o quanto se ligarão a você e o considerarão autêntico.⁶

O pregador que enaltece o que julga ser a sua sabedoria perde a condição de servo fiel. Os ouvintes se ressentem quando o texto bíblico não é explanado. A queixa mais frequente entre os entrevistados diz respeito à ausência de embasamento bíblico. Falando da insuficiência de nossas habilidades para o exercício da tarefa da pregação, Bryan Chapell declarou: “Uma honesta avaliação da nossa perícia inevitavelmente nos leva à conclusão de que não temos eloquência ou sabedoria capazes de levar as pessoas da morte para a vida”.⁷

“O pregador passou todo o tempo falando do crescimento de sua igreja, de suas viagens e de sua família. Ele leu um texto bíblico, mas não o explanou, nem sequer fez qualquer referência a ele ao longo do sermão.”

É lamentável quando o discurso religioso apresenta a pessoa que prega, não o Senhor da pregação. O problema aqui é não só a falta de humildade, mas a falta de conhecimento de Deus e de sua Palavra. Como pregadores, somos despenseiros. John Stott afirmou: “O pregador é despenseiro dos mistérios de Deus, ou

⁶ “Agora, transmita a mensagem”. In: KOESSLER, ed., *Manual de pregação*, p. 369.

⁷ *Pregação cristocêntrica*, p. 17.

seja: da autorrevelação que Deus confiou aos homens e é preservada nas Escrituras”.⁸ Somos, de igual modo, embaixadores. Paulo declara: “Somos embaixadores de Cristo, como se Deus estivesse fazendo o seu apelo por nosso intermédio. Por amor a Cristo lhes suplicamos: Reconciliem-se com Deus” (2Co 5.20). Não dá para ser um bom despenseiro sem conhecer o conteúdo da despensa, nem para ser um embaixador sem conhecer o soberano em nome de quem se vai falar. A falta de apego ao texto bíblico é um sério clamor dos ouvintes no item bíblicidade:

“Foi duro ter de suportar um sermão fundamentado no último livro que o pregador havia lido, mas sem qualquer embasamento bíblico.”

Por mais rico que seja o conteúdo de um livro, mesmo os livros teológicos, devocionais ou até de sermões, nenhum texto substitui a Palavra de Deus na pregação e na vida dos cristãos. Jamais outro livro qualquer, por mais encantadora que pareça ser sua leitura, substituirá o lugar da Bíblia como fonte única para o embasamento de sermões. Sem Bíblia não há pregação cristã. Os ouvintes que vão ao templo em busca de ser alimentados com a Palavra da verdade apresentam suas queixas quando o livro de Deus fica fechado ou quando ele é aberto como simples pretexto.

O texto sumiu

Precisamos compreender que o texto bíblico não é um ornamento na mão do pregador ou pregadora, para completar o traje litúrgico ou pastoral; também não é um apêndice ao sermão — é parte dele, e sua parte mais importante.”

⁸ *Perfil do pregador*, p. 20.

A pregação eficaz e poderosa é um compromisso deliberado, por parte do pregador, de ligar a mente e o coração dos ouvintes à mensagem central do texto, de modo que possam entender o que o texto está dizendo e ser capaz de aplicar essa mensagem a aspectos relevantes da vida.⁹

Quando o pregador lê um texto bíblico, os ouvintes ficam na expectativa de que essa porção das Escrituras será explanada. John Stott diz que “o tamanho do texto não importa, conquanto que seja bíblico. O que importa é o que fazemos com ele”. Ele ainda acrescenta: “Quer o texto seja longo, quer breve, nossa responsabilidade como expositores é desvendá-lo de tal maneira que sua mensagem seja falada de modo claro, compreensível, exato, relevante, sem acréscimos, sem omissões e sem falsificações”.¹⁰ Quando o pregador transforma o texto em simples pretexto, os ouvintes se sentem iludidos e levantam queixas em forma de indagações.

“Por que esse texto bíblico foi lido, se foi completamente esquecido ao longo de todo o sermão? Seria mais honesto não ter lido o texto.”

Não basta simplesmente ter um texto bíblico. Além de escolhê-lo, é necessário trabalhar sua correta interpretação, de modo a extrair daí toda contextualização, aplicação e desafios contidos na tese do sermão. Algumas pessoas perguntam: por que o pregador lança mão de um texto? O texto bíblico deve ser lido não apenas porque a Bíblia é a literatura da igreja ou porque os ouvintes estão acostumados a isso. A leitura bíblica deve ser uma prática habitual porque ela é tão essencial que, sem aquele texto, a mensagem perderia a parte mais bela e mais significativa,

⁹ STOWELL, “Por que amo pregar”. In: KOESSLER, ed., *Manual de pregação*, p. 67.

¹⁰ *Eu creio na pregação*, p. 133.

e nem sequer poderia ser pregada. O problema é que alguns pregadores juntam várias histórias bíblicas, adicionam retalhos do cotidiano e experiências da vida pessoal e depois tentam encontrar um texto bíblico para que a mensagem não fique sem texto. Retire-se o texto de alguns sermões, e nada de mais acontece, pois ele deixou de ser a base da mensagem; passou a ser simples ornamento.¹¹

“O pregador leu o texto, afastou-se dele e nunca mais o retomou. A simples leitura do texto não torna o sermão bíblico.”

Para que sejamos pregadores fiéis, cabe a nós pregar a Palavra. Paulo é bem claro: “Pregue a palavra, esteja preparado a tempo e fora de tempo, repreenda, corrija, exorte com toda a paciência e doutrina” (2Tm 4.2). E mais: “Procure apresentar-se a Deus aprovado, como obreiro que não tem do que se envergonhar e que maneja corretamente a palavra da verdade” (2Tm 2.15). O pregador aprovado pelo Senhor é o que sabe repartir com sabedoria o alimento que Deus tem para o povo através da sua Palavra.

Sem fundamento

Alimentar o rebanho buscando a glorificação do nome do Senhor deve ser o alvo do pregador. “Nosso povo precisa ouvir uma pregação permeada de Deus. Precisa de alguém, pelo menos uma vez por semana, que levante sua voz e exalte a supremacia de Deus”.¹² Para que isso aconteça, o sermão tem de ser embasado na Palavra do Senhor. E, quando o pregador deixa de apresentar o sólido alimento bíblico, os ouvintes protestam:

¹¹ MORAES, *Não torture os seus ouvintes*, p. 25.

¹² John PIPER, *A supremacia de Deus na pregação*, p. 11.

"O sermão não teve nada de Bíblia. Foram apresentados apenas alguns conceitos de eruditos e a pretensa sabedoria do pregador."

Púlpito não é lugar para incrédulo. Como pode um incrédulo pregar a mensagem da fé? "Que igreja deseja ouvir um pastor que não crê nas Escrituras? As que quiseram fecharam ou estão morrendo. As igrejas da Europa que o digam."¹³ Nenhum povo cresce espiritualmente alimentado na dúvida. É pela fé que alcançamos a salvação (Ef 2.8-9); é crendo no nome do Senhor que nos tornamos seus filhos (Jo 1.12); e somente pela graça e no conhecimento de Cristo Jesus é que crescemos (2Pe 3.18). Pedro advertiu:

Se alguém fala, faça-o como quem transmite a palavra de Deus. Se alguém serve, faça-o com a força que Deus provê, de forma que em todas as coisas Deus seja glorificado mediante Jesus Cristo, a quem sejam a glória e o poder para todo o sempre.

1Pedro 4.11

No pensamento do apóstolo Paulo, nós, pregadores, somos despenseiros dos mistérios de Deus (1Co 4.1, RA).

O uso que Paulo fez de sua Bíblia, o Antigo Testamento, como base para a pregação, deixou a todos os pregadores uma lição: Para pregar a Palavra, precisamos estar fundamentados nela.¹⁴

¹³ Augustus NICODEMUS, *O que estão fazendo com a igreja?*, p. 74.

¹⁴ Jilton MORAES, "Paulo e a pregação da Palavra". In: Lourenço Stélio REGA. *Paulo: sua vida e sua presença ontem, hoje e sempre*, p. 247.

Não há conhecimento

Quem prega precisa conhecer a Palavra para poder ensiná-la aos outros. John Jowett assegurou: “Precisamos estudar a verdade, se é que desejamos compreender os textos, assim como devemos estudar literatura para compreender a significação das palavras isoladas”.¹⁵ Pregar sermões bíblicos é a tarefa que dá ao pregador a honra de falar em nome do Senhor, contudo é algo que exige completo preparo. A esse respeito, Sidney Greidanus declarou:

Os pregadores de hoje não recebem sua mensagem diretamente de Deus, da forma que os profetas receberam. Nem podem afirmar que eles foram “testemunhas oculares” (2Pe 1.16; cf. Lc 1.2). E, no entanto, sob a condição de que seus sermões sejam bíblicos, os pregadores de hoje também podem reivindicar apresentar a Palavra de Deus.¹⁶

Ainda quanto ao uso do texto bíblico no púlpito, os ouvintes reclamam quando o pregador não trabalha o texto adequadamente, ou seja, não valoriza a mensagem bíblica como um todo.

“O conteúdo se baseou em um detalhe de um versículo bíblico, ignorando a verdade apresentada nas Escrituras.”

Isso acontece quando o pregador isola um detalhe do texto, interpretando-o como única verdade. Um dos passos importantes para a correta compreensão de um texto bíblico é que ele precisa ser considerado em consonância com a verdade bíblica e à luz da revelação progressiva, tendo sempre em mente que Jesus é o clímax dessa revelação. John Stott lembrou as palavras ditas por

¹⁵ *O pregador, sua vida e sua obra*, p. 79.

¹⁶ Sidney GREIDANUS, *O pregador contemporâneo e o texto antigo*, p. 23.

Calvino um mês antes de morrer, quando se despedia dos pastores de Genebra:

Não corrompi uma única passagem das Escrituras, nem a torci pelo que sabia, e embora eu pudesse muito bem ter introduzido significados sutis, se tivesse me esforçado no estudo da sutileza, espezinaria todas as coisas assim, mas sempre me esforcei para ser singelo.¹⁷

O pregador precisa ser um estudioso das Escrituras. Campbell Morgan afirmou: “Mais importante que o treinamento teológico é o treinamento bíblico, e o pregador deve dar a máxima atenção à Bíblia”.¹⁸ Além de estudar a Palavra de Deus, devemos assumir o compromisso de expor suas lições com honestidade. Quem pretende ser um expositor textual precisa, antes de tudo, ser um pesquisador incansável e um seguidor fiel. Cada vez que selecionamos um texto, assumimos o compromisso de expor a porção particularizada. Nesse ponto, a homilética faz parceria com a exegese e a hermenêutica, possibilitando a correta interpretação do texto que servirá de base à elaboração de um sermão plenamente estribado na porção bíblica a ser lida no início da preleção.

O texto básico serve como *background* no sermão. Sempre que penso no papel do texto bíblico, lembro-me do trabalho das bordadeiras. Seja trabalhando artesanalmente, seja utilizando uma máquina de bordar, elas precisam das linhas e do tecido. As linhas dão forma e beleza ao bordado, mas sem o tecido não é possível bordar. O tecido é indispensável porque é sobre ele que se elabora o trabalho artístico. Assim acontece no sermão: elementos funcionais, textos paralelos e todo material extrabíblico podem ser

¹⁷ *Eu creio na pregação*, p. 136.

¹⁸ *El ministerio de la predicación*, p. 113.

comparados às multicoloridas linhas, mas, para que haja bordado, deve existir um tecido.

Quando alguém posiciona o tecido em um bastidor de madeira tendo várias peças de linha em mãos, sabemos que dali vai surgir um bordado. Abandonar o tecido significa deixar o trabalho de lado. Assim deveria ser no púlpito. Não dá para pregar um sermão bíblico deixando a Bíblia de lado!

Infelizmente alguns pregadores se esquecem de que a leitura bíblica implica o compromisso com a explanação do texto em epígrafe. O ouvinte fica frustrado quando ouve a leitura da porção bíblica e constata que ela nada mais foi do que um pretexto. Se o pregador não tiver fundamentado sua mensagem em um texto das Escrituras, é melhor não tentar fazer que ele pareça básico, apenas para não fugir à tradição de iniciar o sermão com a leitura bíblica.¹⁹

¹⁹ MORAES, *Homilética, do púlpito ao ouvinte*, p. 29.

6

Por que tão distante?

Jesus [...] viu uma grande multidão, teve compaixão deles, porque eram como ovelhas sem pastor. Então começou a ensinar-lhes muitas coisas.

MARCOS 6.34



A mensagem preparada na cabeça alcançará a cabeça, mas a mensagem preparada com o coração alcançará o coração.

BILL BENNETT



Quando o sermão faz diferença, os ouvintes não ficam indiferentes: o gelo nos bancos não resiste ao fogo do púlpito.

QUEM VIVE DO EXERCÍCIO DA PALAVRA tem de conviver com o povo. O bom orador, antes de conquistar a atenção dos ouvintes, procura conquistar-lhes a amizade. Em Jesus, o Senhor da pregação, temos o exemplo do pregador que soube se doar pelas pessoas. A atitude do pregador para com o auditório é bastante lembrada pelos fiéis. Os ouvintes protestam não só contra o sermão distante, como também contra pregadores que se afastam de seus ouvintes.

Mencionando que a raiva pode impedir uma pessoa de ouvir, Ervin Lutzer narra a história de um homem cujo filho adolescente morreu em um acidente de carro. Insensível ao problema, o pastor

lhe disse que estava saindo de férias e que por isso não estaria presente no funeral. Mais tarde, esse pai afirmou para Lutzer: “Apesar de ser um bom pregador, depois daquele comentário nunca mais ouvi uma palavra do que dizia em seus sermões”.¹ Um pregador que se afasta dos ouvintes não pode esperar que eles se aproximem para ouvir sua voz.

Os fatores apontados nos protestos dos ouvintes são dignos de especial consideração.

Falta envolvimento

Raymond Bailey acredita que o problema da irrelevância da pregação se deve ao *gueto da religião*, ao qual muitos pregadores tentam adaptar a cultura em vez de fazerem o contrário. Esse fenômeno, segundo Bailey, pode dificultar o acesso ao evangelho para pessoas de fora da igreja. “Essa é a grande fraqueza da comunidade evangélica contemporânea: esperar que o povo de fora se adapte totalmente a sua realidade; quando não está se ajustando à realidade deles.”² Harold Freeman concorda com Bailey e diz que “a razão de alguns pregadores insistirem em pregar longos sermões é a falta de sintonização com a sua cultura. Seu conceito de pregação foi formado por pregadores de outras épocas”.³

A pregação da Palavra de Deus jamais pode ser uma atividade mecânica, uma vez que requer total envolvimento. O sermão que agrada a Deus e alcança o ouvinte é elaborado e comunicado com o coração: sai do coração do pregador para o coração do ouvinte.⁴ O pregador que não tem prazer em se aproximar das pessoas, que não se alegra em se envolver com o auditório, não consegue ter

¹ *De pastor para pastor*, p. 45.

² Entrevista com Raymond Bailey, out. de 1991.

³ Entrevista com Harold Freeman, set. de 1991.

⁴ MORAES, *Homilética, do púlpito ao ouvinte*, p. 64.

ouvintes atentos, além de ser incapaz de comunicar a mensagem do Cristo que tanto se envolveu conosco a ponto de doar a vida por nós. Um pregador que não se envolve incomoda os ouvintes.

“Não só o sermão é distante, mas o pregador também é; ele fala como se não tivesse ninguém para ouvi-lo.”

Falta ao pregador apático a capacidade de fazer uma leitura das reações do auditório, quando sua atitude deveria ser a de pregar consciente de que as palavras causam impacto nos ouvintes. Sem eles não teríamos o privilégio de pregar, por isso o valor que possuem é inestimável. Um dos grandes desafios no púlpito é falarmos ao coração das pessoas, e isso só é possível quando a mensagem parte do íntimo. O sermão precisa passar por nós para chegar ao ouvinte. Spurgeon disse que “o povo é todo ouvidos quando o pregador fala de todo o coração”.⁵ Bill Bennett afirmou: “A mensagem preparada na cabeça alcançará a cabeça, mas a mensagem preparada com o coração alcançará o coração”.⁶

O tipo de ouvintes é determinado pelo modo como o pregador se relaciona com as pessoas. O pastor que ama o povo a ponto de lhe falar ao coração consegue mais atenção e amor de seus ouvintes. Ed Rowell declarou: “Se minha igreja conhece a minha voz como a de um bom pastor, ela a ouvirá com o ouvido da verdade e da fé. Saberá instintivamente que desejo o melhor para ela”.⁷ Queixas se levantam contra o pregador que é tão desligado que até parece estar em uma fila qualquer, esperando atendimento.

⁵ *Lições aos meus alunos*, vol. 2, p. 178.

⁶ *Thirty Minutes to Raise the Dead*, p. 176.

⁷ *Apaixonado pela pregação*, p. 66.

“As pessoas dormiam, conversavam, andavam de um lado para o outro, e ele continuava pregando, como se nada estivesse acontecendo.”

Alguns pregadores dão importância apenas ao que vão falar e nunca consideram a realidade das pessoas que irão ouvi-los. Precisamos ter em mente as peculiaridades daqueles que nos ouvem. O pregador que dá atenção a seus ouvintes poderá ter ouvintes atentos ao sermão. A esse respeito, Charles Spurgeon foi categórico: “Há colegas de ministério que pregam de modo intolerável: ou nos provocam raiva ou nos dão sono. Nenhum analgésico pode se igualar a alguns discursos nas propriedades soníferas”.⁸ Spurgeon deu razão aos ouvintes que cochilavam nos cultos, ao ouvir esse tipo de sermões mal preparados e mal comunicados: “Nenhum ser humano que não seja dotado de infinita paciência poderia suportar ouvi-los, e bem faz a natureza em liberá-los por meio do sono”.⁹ Spurgeon chega a declarar que um grande castigo para os maus pregadores seria ouvir os próprios sermões: “Se alguns fossem condenados a ouvir os seus próprios sermões, teriam merecido julgamento e logo clamariam como Caim: *É tamanho o meu castigo que não posso suportá-lo*”.¹⁰ Essa advertência é para todos nós, pregadores da Palavra. Ela nos leva a reexaminar nossa vida e nosso trabalho homilético, a fim de, como diz Spurgeon, não sermos condenados a ouvir nossas pregações.

Sem ouvintes não há comunicação. Se não tivermos pessoas atentas às palavras que pregamos, de nada adianta pregar. Os ouvintes protestam contra pregadores sem envolvimento e, ainda mais,

⁸ *Lições aos meus alunos*, vol. 1, p. 32.

⁹ *Idem*.

¹⁰ *Idem*.

contra pregadores sem carisma; contra os que tentam falar da graça divina, sem que na própria vida demonstrem qualquer atitude de graça.

Falta carisma

O que leva um pregador a apresentar-se com animosidade diante de seu auditório? O que faz alguém pretender comunicar-se sem qualquer interação com seus ouvintes? Há pessoas que trazem o semblante naturalmente fechado e que precisam se esforçar para esboçar um sorriso, a fim de não parecerem antipáticas. O mais lamentável é encontrarmos pregadores que pregam como se estivessem no púlpito por uma terrível obrigação. Quando a graça de Deus nos alcança, muda o nosso semblante e substitui o que seria antipatia pela simpatia. Ele nos dá o carisma que vem do alto e nos faz úteis.

“Ele fala agressivamente, gesticula com o dedo indicador apontado para o povo e fala em tom acusatório”.

Aí está o perfil do pregador antipático, sem carisma. Como se fosse aluno da escola do profeta Jonas, ele parece querer a destruição dos ouvintes, prega de cara feia e não tem o mínimo interesse em atrair ninguém. Precisamos compreender que pregamos a mensagem do amor que deve ser visto primeiramente em nossas palavras e ações. A mensagem precisa ser comunicada com brandura, para conquistar o coração e depois chegar à mente das pessoas. Comunicadores ríspidos criam uma barreira com os ouvintes. Foi o que aconteceu com certo pregador que começou o sermão encarando duramente o auditório e, com o dedo em riste, indagou, em tom acusatório: “Crentes em Cristo ou sepulcros caiados? O que vocês

realmente são?”. E prosseguiu com rispidez: “Eu sei que há muita gente hipócrita aqui”.

Mesmo admitindo a hipótese de que alguns ouvintes sejam infiéis e hipócritas, o pregador jamais deve iniciar a mensagem com tão forte acusação. A primeira preocupação do pregador no púlpito deve ser conquistar a atenção dos ouvintes. Sem atenção não há comunicação e sem comunicação não há pregação. O pregador inteligente ganha o coração do ouvinte e assim conquista sua atenção.¹¹ Se a graça não for proclamada por pregadores e pregadoras por ela alcançados e que dela transbordam, a comunicação perderá o seu carisma.

Falta entusiasmo

Ouvi um pastor reclamar da responsabilidade de pregar tantas vezes, que era a tarefa que menos o empolgava no pastorado. Em alguns casos, as ovelhas podem facilmente constatar essa realidade: o pastor tem o dom dos relacionamentos, administra bem, é bom conselheiro, tem prazer em visitar, se sai bem em tudo que faz, exceto no púlpito. Que alguns se achem menos capacitados para desenvolver um sermão passo a passo ou falar em público é mais ou menos natural.

Conheço vários pastores que tentaram fugir do chamado de Deus por se julgarem inaptos a pregar, mas, no decorrer do exercício do ministério, se tornaram pregadores notáveis. Estou convicto de que pregar bem tem a ver não apenas com o dom da comunicação da Palavra, mas com a valorização da missão de pregar. O melhor das energias de um pastor deve ser reservado para sua principal atividade: o ministério da pregação. Ser o porta-voz, falar em nome do Senhor é tão elevado privilégio

¹¹ MORAES, *Homilética, da pesquisa ao púlpito*, p. 151.

que deveria ser impossível pregar sem ânimo. A secularização do pastorado, entretanto, tem levado os ouvintes a erguerem suas vozes em protesto contra sermões comunicados por pregadores tão sem entusiasmo que não incentivam os que ouvem à aceitação de qualquer desafio.

Todo pregador tem a seu alcance recursos que podem tornar a comunicação mais dinâmica. Ele pode fazer uma rápida entrevista com alguém do auditório sobre algo relacionado ao foco do sermão; solicitar o testemunho de um dos ouvintes a fim de enfatizar a verdade que está sendo pregada; usar um telefone quando o assunto é comunicação entre pessoas ou a comunhão com Deus; deixar o púlpito (de vez em quando) e pregar junto aos ouvintes. Enfim, há uma grande quantidade de recursos que podem surpreender os ouvintes e dar mais dinamismo à comunicação. Nenhum pregador deve se acomodar apresentando seu estilo sossegado como justificativa para um desempenho insatisfatório no púlpito. Sem o devido esforço para dar mais vida à comunicação, os gritos dos ouvintes continuam ecoando.

"O sermão foi comunicado com o ânimo de um vendedor que não ganha comissão e detesta o que faz."

É lamentável quando isso acontece. O púlpito deveria ser a maior alegria do pastor, pois é nosso grande privilégio. Quem prega sem interesse nos ouvintes é porque ainda não aprendeu a se interessar pela Palavra do Senhor. Rick Warren, analisando o resultado da pesquisa aplicada à comunidade no vale Saddleback, mencionou quatro queixas comuns apresentadas pelo povo contra as igrejas ali. A primeira diz respeito à pregação. Ele relata que a queixa mais ouvida foi: "A igreja é chata, especialmente os sermões. As

mensagens não se relacionam com a minha vida”.¹² A partir dessa terrível realidade, Warren comenta: “É impressionante como as igrejas são capazes de pegar o livro mais emocionante do mundo e entediar as pessoas, a ponto de alguns dormirem durante o sermão. Milagrosamente, as igrejas são capazes de transformar pão em pedra!”.¹³ Neste sentido, Joseph Stowell menciona a advertência que Howard Hendriks costumava fazer aos seus alunos: “Um dos piores pecados que alguém pode cometer é entediar os outros com Bíblia”.¹⁴

A falta de qualidade de muitos sermões tem dado munção aos opositores do púlpito, incentivando-os a afirmar que o lugar da pregação está desaparecendo. Donald Coggan, contestando o grupo que proclama que “o sermão está fora”, admite a existência de pregadores que silenciaram suas vozes e também dos que “sobem ao púlpito como homens que perderam a batalha, antes de começar a luta; o piso sólido da convicção escorregou-se de debaixo de seus pés”.¹⁵

Em algumas igrejas, o interesse pelo púlpito desapareceu porque o desinteresse do pregador é o que mais aparece, tornando a pregação irrelevante, sem conteúdo, sem objetividade e sem rumo. O sermão que infunde ânimo nas pessoas deve ser pregado por alguém que transmita não só com as palavras, mas também com o modo de ser, que tem experimentado a fórmula que permite avançar em meio às aflições. “A razão de as congregações estarem tão mortas é o fato de que homens mortos pregam para elas”.¹⁶

¹² *Uma igreja com propósitos*, p. 191.

¹³ *Idem*.

¹⁴ “Por que amo pregar”. In: KOESSLER, ed., *Manual de pregação*, p. 64.

¹⁵ Citado em STOTT, *Eu creio na pregação*, p. 52.

¹⁶ DEYOUNG e KLUCK, *Por que amamos a igreja*, p. 33.

Quando o púlpito faz diferença, os ouvintes não ficam indiferentes: não há gelo nos bancos quando há fogo no púlpito. Quanto maior a tormenta, mais prazer o bom pregador tem em pregar, pois o faz na força do Senhor, sabendo que “os nossos sofrimentos atuais não podem ser comparados com a glória que em nós será revelada” (Rm 8.18).

O distanciamento no púlpito vem da falta de conhecimento. Quando o pregador não conhece a Deus, em nome de quem tem a responsabilidade de falar, e o povo, a quem está encarregado de falar, isso faz com que ele acabe se afastando. A comunicação nesses casos se torna tão difícil para o pregador quanto a leitura de uma bula de remédio, com suas letras miúdas e conceitos quase enigmáticos. Do mesmo modo, ouvir um sermão desse pregador é tão atraente quanto ouvir a leitura dessa mesma bula, com suas palavras enormes e desconhecidas. Entretanto, a fórmula para quebrar a distância entre o pregador e os ouvintes é simples: maior aproximação com Deus e com as pessoas.

Quando o pregador recebeu de Jesus a completa transformação de sua vida e vivencia a plena alegria oriunda dessa experiência, não há razão para pregar sem se envolver com a mensagem, sem que o coração transborde de paixão. Quando ele tem certeza de que ao pregar está obedecendo ao Senhor, é impossível não fazê-lo com entusiasmo. Pode a mensagem da vida ser comunicada sem vida?

7

Fique ligado que eu me ligo

O sermão alcança verdadeiramente quando é comunicado por alguém que vive o que prega e prega o que vive, alguém que ama o ministério da pregação e que se realiza em se aproximar dos ouvintes para lhes falar em nome do Senhor.

PREGAR UM SERMÃO BÍBLICO é uma experiência única. Difere totalmente de qualquer outro discurso. É impossível pregar a mensagem mais fantástica que o mundo já ouviu sem um envolvimento completo! J. W. Shepard declarou:

O sermão deverá ser o instrumento eficiente nas mãos do ministro para acordar os sentidos espirituais, dar vida aos ouvintes, criar nova ação, cultivar a alma do povo. [...] O sermão é o meio principal que Deus usa para a regeneração da humanidade, [...] é o instrumento nas mãos do pregador para produzir a vida.¹

O pregador tem o privilégio de proclamar a única palavra capaz de mudar por completo as pessoas. Infelizmente, há pregadores que *por acaso* e, talvez, mais *por descaso*, pregam tão distantes da mensagem, como se estivessem ali apenas por força de uma obrigação. E isso faz com que os ouvintes levantem seu clamor.

¹ *O pregador*, p. 93.

Palavras *versus* práxis

Ouvir sermões traz inúmeros benefícios. Paulo afirmou que “a fé vem por se ouvir a mensagem, e a mensagem é ouvida mediante a palavra de Cristo” (Rm 10.17). Pregadores e ouvintes, todos nós precisamos considerar o seguinte:

Todo verdadeiro sermão é ato do evangelho de Deus reafirmando-se detalhadamente. A palavra do pregador, quando ele prega o evangelho e não apenas entrega um sermão, é uma ação eficaz, carregada com bênçãos e com julgamento.²

No entanto, a palavra que é colocada diante dos ouvintes passa pela instrumentalidade de um comunicador — no caso, o pregador. Com isso, os conceitos apresentados, além da força de serem palavras de Cristo, recebem a influência da vida de quem os transmite. Desse modo, requer-se uma harmonia entre a palavra escrita — o *assim diz o Senhor* — e o pregador. Quando isso não acontece, o choque entre palavras e práxis constitui terrível barreira para a comunicação dos sermões.

“Quem não conhecesse o pregador até poderia se impressionar com a mensagem, mas a vida dele está totalmente distante do que ele falou.”

Terrível constatação! O pregador se distancia do sermão quando suas palavras são distantes do modo como vive, quando falta autenticidade. A seriedade proclamada no púlpito precisa ser vivenciada no dia a dia, na vida secular e no modo como encaramos responsabilmente nossa função e nosso desempenho diante dos ouvintes. Precisamos levar a sério a missão de conhecer mais e mais o Senhor e a mensagem que temos a comunicar em nome

² Peter WHITE, *O pastor mestre*, p. 63.

dele. Também é necessário que assumamos o compromisso de seriedade em dar o melhor de nós na elaboração e comunicação de sermões que sejam realmente bíblicos.

Marília de Camargo Cesar, em seu livro *Feridos em nome de Deus*, apresenta vários testemunhos de pessoas vítimas de abuso espiritual.³ Entre esses testemunhos, ela fala de um homem que, depois do terrível desapontamento entre as palavras e a práxis do seu pastor, afirmou: “O pastor ensinava que quem desejasse trabalhar para o reino não poderia almejar riqueza. Mas ele ostentava uma vida de mordomias. E isso me incomodava”.⁴ Essa falta de coerência do pastor tanto machucou esse indivíduo que ele chegou a desabafar: “Faz dez meses que não abro a Bíblia e, quando vejo pastores pregando na televisão, sinto vontade de vomitar”.⁵

Infelizmente são muitas as queixas relativas à falta de harmonia entre o discurso e a prática. Os ouvintes se frustram quando a vida do pregador não condiz com a mensagem que ele prega. Seus desafios sobre educação de filhos, por exemplo, parecem os melhores, no entanto a vida que ele tem em família é desastrosa. João Calvino declarou: “Se um pregador não pregar primeiro para si mesmo, é preferível que ele caia dos degraus do púlpito e quebre o pescoço a pregar o sermão”.⁶

Paixão pela pregação

Pregar é a mais honrosa e sublime responsabilidade que um ser humano pode assumir. O pregador é um cooperador de Deus, um

³ Expressão usada pela autora para definir “o encontro entre uma pessoa fraca e uma forte, em que a forte usa o nome de Deus para influenciar a fraca e levá-la a tomar decisões que acabam por diminuí-la física, material ou emocionalmente” (p. 35).

⁴ *Feridos em nome de Deus*, p. 33.

⁵ *Idem*, p. 34.

⁶ *Apaixonados pela pregação*, p. 65.

porta-voz! Porém, o que a tarefa tem de sublime tem também de exigente: requer todo o tempo. Nem quando dormimos deixamos de ser pregadores! Quantas vezes o pregador pula da cama e corre para anotar uma nova ideia surgida enquanto tentava conciliar o sono, ou mesmo enquanto sonhava! O bom pregador é um apaixonado pela pregação: vive para pregar, prega com prazer e, assim como Paulo, afirma: "Ai de mim se não pregar o evangelho!" (1Co 9.16). Quando falta paixão pela pregação os ouvintes logo percebem.

"Deu pra sentir nas palavras e atitudes do pregador que pregar não era a paixão de vida dele."

Quando o pregador é apaixonado pela Palavra e por comunicá-la, há um brilho diferente em seu olhar enquanto prega. E isso independe das circunstâncias. Um ouvinte declarou que quanto mais seu pastor atravessava dificuldade, tanto mais se envolvia na pregação, enlevando seus ouvintes. Pregar é, sem dúvida, a tarefa mais difícil e exaustiva no ministério da Palavra, mas, de igual modo, é a mais nobre. O peso do encargo não pode jamais ofuscar o privilégio de podermos falar em nome do Senhor. John Piper declarou:

É pelo dom da graça incomensurável e soberana que, excedendo a todo deserto e toda inadequação, Deus abriu a sua palavra para mim e me deu um coração capaz de saboreá-la e proclamá-la semana após semana. Nunca deixei de amar a pregação.⁷

Prioridade ao púlpito

John Drescher conta a experiência de Alexander MacLaren, que, ao ser convidado a pastorear a igreja de Manchester, perguntou se

⁷ *A supremacia de Deus na pregação*, p. 13.

eles queriam seus pés ou sua cabeça; e assegurou: “não posso dar os dois a vocês”. Drescher completa:

Se quisessem os seus pés para todas as pequenas tarefas e transmissão de todos os avisos, e participação em todos os comitês, não deveriam esperar que ele pregasse os sermões ou ensinasse a Bíblia com a devida profundidade.⁸

Diante da atitude corajosa de Maclaren, as pessoas disseram desejar que ele fosse fiel ao chamado de Deus para pregar a Palavra. A causa da correria diária que impede o pastor de crescer como pregador muitas vezes está mais na sua falta de definição de foco e prioridades do que na falta de visão e de disposição das pessoas em cooperar na igreja.

A realidade é que, enquanto o pregador não bate o martelo dando prioridade ao púlpito, a tendência é que passe a semana toda ocupado com as múltiplas atividades do ministério pastoral. Ele participa de vários encontros, com tempo e disposição para ajudar a todos; sua agenda está repleta de compromissos — assim ele vive, aparentemente, satisfazendo cada pessoa que o procura. No final da semana, quase se assusta ao perceber que dentro de algumas horas terá de pregar. Aí ele se esforça ao máximo para encontrar uma ideia e um texto para a sua pregação, o mais rápido possível. Mas a tarefa não é assim tão fácil. Ao contrário, é exigente e demorada.

Assim, por falta de tempo, ele chega ao púlpito com as ideias alinhavadas e sem um foco definido. E aí, surgem os gritos...

“Ele é bom em outras áreas, mas no púlpito
deixa a desejar.”

⁸ *Se eu começasse o meu ministério de novo*, p. 26.

Pregar é a principal responsabilidade no ministério pastoral. Os pregadores da igreja primitiva vivenciaram essa realidade. Conhecendo a importância da pregação para o povo, eles tomaram as necessárias providências para que o púlpito não ficasse em segundo plano. Com os recursos disponíveis, eles traçaram estratégias visando a alcançar o objetivo:

- 1) Descobriram que alguma providência precisava ser tomada:
 “Não é certo negligenciarmos o ministério da palavra de Deus, a fim de servir às mesas” (At 6.2).
 - 2) Nomearam novos líderes buscando solucionar o problema:
 “Irmãos, escolham entre vocês sete homens de bom testemunho, cheios do Espírito e de sabedoria” (At 6.3).
 - 3) Definiram e delegaram atribuições para viabilizar a solução:
 “Passaremos a eles essa tarefa” (At 6.3).
- Decidiram manter a pregação como prioritária:
 “e nos dedicaremos à oração e ao ministério da palavra” (At 6.3).

Será que o objetivo dos pregadores hoje é dar prioridade à pregação em suas atividades? Que estratégias eles têm traçado para alcançar esse objetivo? Quando a pregação fica em plano secundário, as queixas continuam.

“Os sermões são um amontoado de repetições; não há qualquer novidade — dá pra sentir que ele não se preparou adequadamente.”

O pregador precisa de tempo diante do Senhor da pregação para receber o que tem a comunicar. Ele deve também se preparar com o melhor de sua capacidade para ser fiel comunicador e,

além de conhecer bem o conteúdo, tem de interiorizá-lo, para que a mensagem alcance os ouvintes. Se o pregador não se entusiasma ao pregar, como pode entusiasmar quem ouve seu sermão?

Nem sempre os fiéis compreendem que um sermão demora a ser elaborado e assimilado. Não basta ao pregador dedicar alguns minutos ou horas de seu tempo até completar a elaboração do esboço ou manuscrito. Depois de ter o sermão no papel é que começa a fase mais negligenciada, que é o conhecimento e a compreensão das ideias a serem apresentadas. Essa tarefa é importante para que os conceitos sejam apresentados não como algo distante, mas como uma realidade a ser vivenciada no dia a dia.

O bom pregador está sempre ligado ao ministério da pregação: em constante comunhão com o Senhor e em permanente estudo da sua Palavra. O pregador comprometido não hesita em dizer aos ouvintes que precisa de tempo para orar, para ler a Palavra do Senhor, meditar nela e para preparar seus sermões. Assim como os pastores na igreja primitiva, ele traça estratégias para que a tarefa mais importante tenha o lugar primordial em sua agenda.

8

Não fuja do culto

Estar no culto sem cultuar é fugir do mais sublime objetivo que deve nos motivar a ir ao templo; somente quando nos encontramos verdadeiramente com o Senhor e com o próximo, temos condições de pregar essa realidade.

• • •

O pregador não participa do culto por sua habilidade em transmitir a mensagem, mas porque sua alma necessita ser saciada.

Quem tenta pregar sem cultuar fica impedido
de alcançar plenamente os ouvintes.

A PREGAÇÃO ACONTECE NO CONTEXTO DO CULTO. Lutero afirmou que “se a palavra de Deus não for pregada, é preferível não cantar, nem ler, nem reunir-se para o culto”.¹ Aceitamos essa palavra como um princípio da pregação reformada, mas não podemos deixar de reconhecer também que alguns sermões não trazem qualquer contribuição ao culto. Robson Marinho declarou: “Alguns sermões têm a capacidade de atrapalhar o culto. [...] Algumas vezes o culto seria melhor se não houvesse sermão. Aliás, sempre que a pregação for vazia e sem poder, atrapalhará o culto”.² Triste realidade:

¹ J. J. VON ALLMEN, *O culto cristão*, p. 172.

² *A arte de pregar: como alcançar o ouvinte pós-moderno*, p. 95.

sermões vazios comunicados por pregadores alheios à importância da explanação da Palavra e do culto.

É cultuando que pregamos, por isso é inconcebível um pregador alheio à realidade do culto. A pregação e o louvor são de tal forma interligados que Mauro de Souza declara que “a música é uma forma privilegiada de pregação”.³ Infelizmente, porém, há relatos de completo desencontro do pregador com o culto. Um ouvinte mencionou um pastor que só entrava ao templo na hora de proferir o sermão — era uma entrada magistral, em grande estilo. Do mesmo modo que não admitimos que os músicos fiquem alheios ao púlpito, não podemos nos alienar do culto. Destaquei do artigo “Pregadores e músicos” alguns pontos que nos fazem refletir:

O pregador que não participa plenamente dos cânticos não tem condições de ter ouvintes completamente atentos à sua mensagem.

O pregador que não valoriza a música no culto, ainda não aprendeu a valorizar sua própria pregação.

É cantando alegremente com a igreja que o pregador tem a oportunidade de mostrar que a alegria apresentada em seu sermão é uma realidade em sua vida.

O pregador não participa do culto por sua habilidade em transmitir a mensagem, mas porque sua alma necessita ser saciada.

O trabalho do pregador no culto não se justifica pela oratória, mas pela profundidade da experiência com Deus que não pode deixar de ser partilhada.

Se o pregador não tiver a sensibilidade do músico, sendo arauto e artista, sua mensagem será tão árida que não alimentará as almas famintas.⁴

³ “Prédica e música”. In: EWALD, Vexner, ed., *Música e igreja*, p. 40.

⁴ Jilton MORAES, *Revista Louvor*, 3º trim. 2000, p. 25.

No culto não há lugar para profissionais: somos todos adoradores. Observe o que dizem os ouvintes. **MAIS SOBRE ISSO NA PÁG. SEGUINTE.**

Assista, adore

O culto é indispensável ao cristão. E uma vez que é impossível viver uma vida realmente cristã sem cultuar, ser um adorador é condição fundamental para ser um pregador. Mencionando que a oração é essencial para quem quer pregar bem, Jerry Key aponta o fato de o pregador dar mais prioridade a seus pensamentos que à oração como um dos erros mais graves e comuns cometidos pelos pregadores na atualidade:

A oração põe o coração do pregador em contato com Deus. É através dela que o pregador torna-se um instrumento do amor e da compaixão de Deus. Assim, as mensagens vêm do coração de Deus, fixam-se no coração do pregador e atingem como uma flecha o coração dos ouvintes.⁵

Ao pregar para líderes, muitos deles pregadores leigos e pastores, Joan Sutton afirmou: “A ação depende da oração. [...] As diretrizes para a ação vêm através da oração”.⁶ A aplicação desta mensagem foi contundente:

Como pode Deus se comunicar conosco através de mensagens inspiradas, se os seus mensageiros não o buscam em oração? [...] Não o buscam no estudo da Palavra? [...] Se os seus mensageiros não o buscam na leitura e na meditação? [...] Não são dirigidos pelo Espírito Santo? Como pode Deus falar através de seus servos se

⁵ *O preparo e a pregação do sermão*, p. 127.

⁶ “Adoração, oração e ação”. Sermão oficial da 72ª Assembleia da Convenção Batista Brasileira. Niterói: 1991.

estes não sabem aplicar a mensagem de Deus à vida cotidiana de suas ovelhas?⁷

A figura do profissional do culto é impensável: alguém treinado para ministrar a Palavra e os cânticos, mas sem qualquer compromisso com o Senhor Jesus.⁸ Quando o pregador não valoriza o culto, os ouvintes reclamam:

“O pregador está no culto, mas parece ausente: não estabelece empatia com os ouvintes.”

Várias vozes se levantam em protesto contra a atitude de pregadores que parecem estar no culto apenas porque vão pregar. Tenho observado o comportamento de alguns que não conseguem parar para usufruir a sublimidade do encontro com Deus e com os irmãos. Eles ficam tensos; no decorrer do culto, fazem anotações, acenam para algumas pessoas no santuário, contam e recontam o número de participantes, saem da plataforma e fazem mil coisas, enquanto os fiéis participam do doce momento de adoração ao Senhor. Se não formos adoradores autênticos, jamais seremos pregadores fiéis. Não somos profissionais do culto. Quem simplesmente tenta pregar sem cultivar fica impedido de alcançar plenamente os ouvintes.

Aproveite os recursos do culto

As diversas partes do culto são excelentes recursos disponíveis ao pregador que dele participa. Karl Barth afirmou que “o culto cristão é o ato mais importante, mais relevante e mais glorioso na vida

⁷ Idem.

⁸ MORAES, *Homilética, do púlpito ao ouvinte*, p. 70.

do homem".⁹ E nós, pregadores, não podemos prescindir desse encontro: precisamos nos encontrar com Deus para ter condições de ajudar os nossos ouvintes a vivenciarem tal experiência. O pregador que despreza as condições que o culto proporciona para a melhor proclamação da mensagem deve reconsiderar seus conceitos de culto e adoração.

"O culto proporcionou o ambiente para o sermão, mas, em vez de trazer a mensagem, o pregador fez avisos e falou de assuntos alheios ao púlpito."

O pregador desatento aos recursos oferecidos pelo culto perde excelente ajuda na batalha por ouvintes atentos. O culto autêntico se processa de modo a prover o ambiente de reverência. Os cânticos, orações, leituras e todas as demais partes criam uma atmosfera de adoração. No momento em que o pregador inicia seu sermão, as pessoas estão prontas para ouvir a Palavra, mas ele, desprezando o manancial de água viva a seu dispor, resolve cavar suas próprias cisternas, cisternas rachadas, que não retêm água (Ir 2.13). Isso acontece quando o pregador assume o púlpito e, em vez de começar a pregar, faz avisos, comerciais de missões, brincadeiras, apresentações e coisas do tipo.

Ouvi por muito tempo um pregador que sabia aproveitar os recursos do culto. Um dia, pregando sobre o lar cristão, ele encerrou o sermão citando a letra de parte de um hino missionário,¹⁰ do qual sabiamente pinçou a única estrofe com um desafio aos pais: "Oh! consagrai os vossos bens e filhos pra difundir de Cristo a santa luz!".

⁹ VON ALLMEN, *O culto cristão*, p. 11.

¹⁰ Hino 437 do *Cantor cristão*.

Considere o motivo do culto

O motivo do culto ajuda o pregador a encontrar a ideia e o texto para a pregação. Pregar em um culto de jovens é bem diferente de pregar para um grupo de anciãos. Mesmo que a morte de um cristão seja um motivo de gratidão a Deus, sermões pregados em cultos fúnebres diferem das mensagens que pregamos em cultos de ação de graças. Ao desconsiderar o motivo do culto, o pregador demonstra falta de empatia não apenas com a ocasião, mas com as pessoas.

“No culto de ação de graças pelo aniversário de um irmão, o pregador falou sobre a doutrina do Espírito Santo. Destoou completamente do restante do culto.”

O clamor desse ouvinte revela a frustração de alguém que foi ao templo esperando ouvir um sermão sobre o valor da vida e em gratidão a Deus por alguém em particular e ouviu algo que destoava da ocasião — por maior que fosse a relevância do assunto ou a profundidade da apresentação. É o mesmo que no culto de Natal alguém pregar sobre a crucificação, no Dia das Mães falar sobre a volta de Jesus e no culto de celebração da ceia pregar sobre as mulheres da Bíblia. Precisamos levar em conta que a ocasião provê a motivação.

“Em um culto de gratidão pela cura de uma criança, o pregador, deixando de lado todas as maravilhas realizadas por Deus, leu um texto alheio ao motivo do encontro e desperdiçou um tempo precioso, já que nem mesmo o texto bíblico foi explanado.”

O maior lamento desse ouvinte foi o desperdício da ocasião. Pessoas famintas pela Palavra não foram alimentadas porque quem deveria alimentá-las não soube fazê-lo. A pergunta é: Por que isso acontece? Só há uma resposta: não é possível alimentar os ouvintes com a Palavra, quando o pregador se mantém distante dela. Quem quiser falar ao coração precisa, antes, reservar tempo para que Deus fale a seu coração. A Palavra é do Senhor, e o pregador fiel se coloca diante dele com a disposição de primeiramente ouvir tudo que ele tem a dizer.

9

Para onde vamos?

A determinação de um propósito na pregação é fundamental para que o ouvinte não se sinta como um viajante sem bússola que, por não entender a linguagem do piloto, não sabe para onde está sendo levado.

...

Alguns sermões dão tantas voltas absurdamente desnecessárias que até parecem uma viagem de Brasília a Salvador com escalas em Manaus e Porto Alegre.

SENTADO EM SUA POLTRONA VOCÊ está pronto para iniciar sua viagem, quando o piloto fala:

Senhores passageiros, estamos nos preparando para sair, mesmo não sabendo para onde. Não conhecemos a rota que precisamos seguir, nem a altura em que voaremos, também não temos a mínima ideia da hora, nem do local onde aterrissaremos; mas asseguro-lhes que teremos um bom voo.

Qual seria sua reação? Consegue imaginar o atropelo? Confusão geral, marcada por interrogações, reivindicações e uma choroadeira sem fim. Com o avião ainda em terra, com certeza os passageiros irritados desistiriam da viagem.

Assim é no púlpito. Os ouvintes ficam irritados quando quem está pregando assume um comportamento disparatado: está no

púlpito, mas é como se não estivesse. O que ele pretende afinal? Todo pregador deveria ter sua declaração de visão no que diz respeito ao ministério da Palavra, respondendo a questões como: Qual a minha ideia de pregação? O que me faz pregar? Qual meu objetivo no púlpito? Aonde pretendo chegar com os meus ouvintes?

Para Mervel Rosa, a pregação do evangelho significa anúncio de boas-novas, e essa proclamação inclui “a confrontação do homem com a realidade viva da Palavra de Deus e exige do homem uma resposta pessoal”. Ele fala da proclamação do evangelho como denúncia do pecado, como declaração da condenação do homem, dando-lhe oportunidade para o arrependimento, “condição indispensável ao recebimento da graça salvadora de Deus”.¹

Alguns clamores são levantados com relação a problemas que podem ser classificados como aberrações. Entre as principais queixas, destacamos: ambiguidade, artificialidade, propaganda durante o sermão e interação sem propósito.

Sem rodeios

A exatidão é uma virtude que todo pregador precisa cultivar. Nelson Kirst afirma que “um dos pontos que Lutero mais acentua é a necessidade de o pregador ficar no assunto principal, sem divagações desnecessárias”.² Ele acrescenta: “Nas minhas prédicas, procuro tomar uma afirmação, permanecer nela e explicá-la bem, de modo que os ouvintes possam dizer: a pregação disse isso”.³ Uma bênção para os ouvintes é a palavra precisa, coerente. O pregador lê o texto bíblico e, de sua interpretação e necessária

¹ *O ministro evangélico: sua identidade e integridade*, p. 60.

² *Rudimentos de homilética*, p. 180.

³ *Idem*.

contextualização, prega sem subterfúgio, sem perda de tempo, com relevância e exatidão. Para que isso ocorra, é necessário determinar o propósito da mensagem logo no início de sua elaboração. Quando o pregador, ao longo da apresentação, tenta mudar esse objetivo, os ouvintes sentem e protestam.

"Falando para crianças, mais ou menos ao meio do sermão o pregador resolveu direcionar a mensagem também para os pais. Resultado: perdeu o público infantil e não ganhou a atenção dos adultos."

Quando pregamos para crianças precisamos ter em mente que elas são os nossos ouvintes especiais. Não há razão para o pregador se frustrar, julgando que os adultos não estão sendo alcançados, até porque muitos deles geralmente ficam mais atentos às mensagens para crianças do que às mensagens a eles dirigidas. A preocupação em alcançar os adultos enquanto pregamos para as crianças deve ser a mesma que devemos ter de alcançar as crianças enquanto pregamos para os adultos.

Sem artificialidade

Uma das qualidades mais apreciadas em um pregador é a naturalidade. Ele conhece sua capacidade e suas limitações e, sem a intenção de imitar outra pessoa, busca melhorar. É comum que o comunicador iniciante, por admirar muito alguém mais experiente, procure tornar seu desempenho semelhante ao do objeto da sua apreciação. Com o passar do tempo, todavia, ele aprende que, por mais que seu estilo deixe a desejar, o caminho para desenvolver-se está em aperfeiçoá-lo e não em se contentar em ser uma cópia de outra pessoa. Para os ouvintes a naturalidade é essencial.

"Faltou naturalidade ao pregador, seu estilo no púlpito não condizia com o modo como vive fora dele. Até a voz ele mudou, quando começou a pregar".

Bons pregadores se apresentam sem afetação. Não há razão para alterar a voz e os gestos. Naturalmente, dependendo do auditório e da ocasião, falamos mais alto ou mais baixo, podemos parecer mais contentes ou um tanto abatidos, somos mais enérgicos ou dóceis. A pregação em um culto festivo não será a mesma de um culto fúnebre, o volume da voz em um grande auditório não será o mesmo em uma pequena sala. No entanto, devemos nos apresentar no púlpito como somos no dia a dia.

Sem merchandising

Anúncios durante o culto são sempre perigosos. Qualquer propaganda na liturgia precisa ser feita com todo o cuidado para que a atenção das pessoas não seja desviada do alvo, que não pode ser outro senão o de adorar ao Senhor, em espírito e em verdade (Jo 4.24). Assim, a possibilidade de qualquer *merchandising* no sermão é impensável, mas infelizmente acontece. Uma das características desse recurso é o anúncio de um produto dentro de outra programação, sem parecer que se trata de promoção comercial. Isso é bem comum em novelas e outros programas televisivos. Lamentavelmente, tal fenômeno ocorre em alguns sermões de modo ainda mais escancarado que na televisão. Segundo o ouvinte, o pregador se tornou propagandista ocasional, porque sua mensagem está tão desprovida de conteúdo que fazer aquele comercial significa ter o que dizer por mais alguns minutos.

“O pregador, dentro do sermão, falou da cantina que estaria funcionando após o culto. mencionou alguns dos produtos que estariam à venda e insistiu que ninguém faltasse.”

Propagandas durante o sermão evidenciam falta de conteúdo, falta de bom senso e de valorização do momento da prédica. O pregador consciente do valor de sua mensagem jamais misturará o recado de Deus com qualquer anúncio. Se o pregador não valorizar a pregação, utilizando o melhor de sua capacidade e tempo na elaboração do sermão e dando o melhor de si para apresentá-lo, certamente ninguém mais dará valor. John Jowett tinha razão ao declarar:

Sermões soltos ao acaso não despertam a razão para nenhuma necessidade, nem levam nenhuma compulsão imperiosa ao coração. A prédica que nada custa nada alcança. Se o gabinete é preguiça, o púlpito será insolência.⁴

Sem perda de tempo

O tempo é um bem precioso e irrecuperável; desperdiçá-lo é falta de mordomia. Alguns pregadores negligenciam esse princípio e ignoram o fato de que o melhor nível de atenção dos ouvintes é no início do sermão. Com isso, desperdiçam os primeiros minutos no púlpito falando de vários assuntos, que, mesmo sendo importantes em outras ocasiões, nada têm a ver com a mensagem. Sempre que sou convidado a pregar em uma igreja onde não sou conhecido, e o pastor me pede para começar falando sobre minha família e minhas atividades, prefiro ignorar o pedido a perder o tempo mais adequado à comunicação da Palavra. Os ouvintes protestam contra o desperdício de tempo.

⁴ *O pregador, sua vida e sua obra*, p. 77.

"O pregador gastou boa parte do tempo, no início, falando da família, da igreja, de si mesmo."

O tempo para a comunicação do sermão é único e não deve ser desperdiçado com qualquer outro assunto. O pregador que inicia sua fala com assuntos alheios à mensagem está jogando fora a melhor chance de conquistar e manter a atenção de seus ouvintes. As pessoas não vão ao templo para saber da capacitação e conquistas do pregador, mas, sim, para ser alimentadas com a Palavra de Deus, para ouvir os desafios e as promessas do Senhor. Quem desperdiça tempo no culto é mordomo infiel.

Utilizando conexões

O pregador deseja manter os ouvintes conectados. A conexão é o caminho para a interação, pois traz o ouvinte para mais perto do púlpito e o torna mais atento ao que está sendo comunicado. John Maxwell definiu conectar-se como "a habilidade de se identificar com as pessoas e se relacionar com elas de forma que aumente sua influência sobre elas".⁵ Quando o pregador habilmente se identifica com os ouvintes, a mensagem tem mais condições de alcançá-los e transformá-los. Mas a interação exige cuidado.

"O pregador ficou perguntando aos ouvintes detalhes que nada tinham a ver com a mensagem."

A justificativa para esse comportamento pode estar no desejo de estabelecer uma cumplicidade com os ouvintes. Tornar a comunicação mais próxima é excelente, mas isso só acontece quando

⁵ *Todos se comunicam, poucos se conectam*, p. 19.

as interpelações são estabelecidas com um propósito. Um exemplo é o pregador que tem uma ilustração sobre a prática do *skate* e fica todo o tempo fazendo perguntas a um ouvinte que pratica esse esporte. Mais coerente seria estudar o assunto, evitando quebrar a comunicação. Outro caminho a seguir seria pedir a algum *skatista* que, em um minuto, falasse sobre o ponto que precisa ser esclarecido. O que não é agradável é ouvirmos um sermão em que o pregador se dirige a determinada pessoa e fica o tempo todo perguntando ou confirmando alguma coisa.

Podemos definir conexão no púlpito como o uso de um recurso que estabelece afinidade com as pessoas com o objetivo de conquistar a atenção do auditório. Significa que o pregador vai até seu interlocutor com algo que lhe é significativo e, através dessa conexão, conquista a amizade e a atenção para o seu sermão. Entretanto, se o recurso não for bem usado, pode gerar o efeito contrário, levando o auditório a se desligar por completo da mensagem. Foi o que aconteceu a certos ouvintes entrevistados.

"As perguntas que o pregador fez ao auditório foram mais elementares do que algumas questões do jardim da infância; ele pedia para completarmos o óbvio."

Conversei com alguns ouvintes que apresentaram queixas parecidas. O detalhe que os incomoda é o pregador ficar, enquanto prega, pedindo às pessoas que completem certas afirmações, como "Estamos aqui para ouvir a Palavra de _____." Ou, "Jesus morreu na cruz para nos _____". A realidade é que as pessoas ficam insatisfeitas diante de questões que, de tão óbvias, atentam contra a inteligência. É claro que há lugar para interação entre o pregador e os ouvintes. Quanto mais próxima

do ouvinte for a mensagem, tanto mais terá condições de alcançá-lo. O que precisa ser considerado é que toda interação deve ser inteligente e criativa.

Outra queixa dos ouvintes diz respeito à mistura de futebol com pregação. Mesmo entre pessoas que apreciam esse esporte, algumas não gostam quando esse assunto é tratado no púlpito:

“O pregador falou do seu time de futebol
partilhando com outros torcedores ali
presentes a alegria da vitória daquele dia.”

Púlpito não é lugar para torcedores ou torcida de qualquer modalidade esportiva. Quando destaca a vitória de um time, o pregador está (mesmo sem qualquer menção) lembrando a derrota de outro grupo. Algumas pessoas podem se alegrar, e outras, se entristecer. Além do mais, a conexão em si é falha porque na maioria das vezes não tem a ver com a mensagem. Exceção à regra pode ser a referência a um recente jogo do nosso país na Copa do Mundo. Se o resultado foi negativo, muitas pessoas estão um tanto sofridas, e uma conexão assim pode acontecer:

Ontem os nossos atletas não foram bem-sucedidos e os nossos sonhos de sermos mais uma vez campeões do mundo ficaram frustrados, porque a bola não entrou na trave adversária e os *goals* tão sonhados não aconteceram. Infelizmente eles erraram o alvo.

Esta afirmação será uma frase de impacto servindo de conexão entre a realidade dos ouvintes e o sermão e deverá ser ajustada ao foco desta mensagem:

Também nós somos desafiados a alcançar o alvo. E nessa vitória está a nossa felicidade. O escritor da carta aos Hebreus nos dá a fórmula: “Portanto, também nós, uma vez que estamos rodeados

por tão grande nuvem de testemunhas, livremo-nos de tudo o que nos atrapalha e do pecado que nos envolve, e corramos com perseverança a corrida que nos é proposta, tendo os olhos fitos em Jesus, autor e consumidor da nossa fé. Ele, pela alegria que lhe fora proposta, suportou a cruz, desprezando a vergonha, e assentou-se à direita do trono de Deus.

Hebreus 12.1-2

Um resultado positivo também poderia ser explorado, conectando a alegria dos ouvintes ao foco da mensagem. Em ambos os casos, no entanto, a referência seria breve, sem oferecer detalhes da partida. Veja a sugestão:

Nesta semana os jogadores da nossa seleção de futebol se tornaram mais uma vez campeões do mundo! Foi uma alegria geral: A bola entrou na trave, acertou o tão sonhado alvo. Somente acertando o alvo somos vitoriosos...

A partir daí, o sermão deve prosseguir, sem qualquer necessidade de ficar realçando os feitos dos jogadores, ou fazendo menções à façanha dos campeões.

10

Todos olham para o pregador

Uma vez que estamos rodeados por tão grande nuvem de testemunhas, livre-mo-nos de tudo o que nos atrapalha e do pecado que nos envolve, e corramos com perseverança a corrida que nos é proposta, tendo os olhos fitos em Jesus.

HEBREUS 12.1-2



O pregador não está no púlpito para agradar os ouvintes, mas para lhes anunciar a mensagem da salvação e da santificação.

POR QUE AS PESSOAS CONTINUAM a se dirigir ao templo hoje? Os cristãos continuam tendo um grande papel a desempenhar na sociedade. Tanto que, depois de afirmar que “igreja não pode se dar ao luxo de vacilar”, MacArthur Jr. afirma:

Ministramos a pessoas que buscam desesperadamente respostas; por isso, não podemos amenizar a verdade ou abrandar o evangelho. Se fizermos amizade com o mundo, nos tornaremos inimigos de Deus. Se nos dispusermos a crer em artifícios mundanos, estaremos abrindo mão do poder do Espírito Santo.¹

Qual o lugar da pregação cristã no culto hoje? David Fetzner menciona um estudo feito pelos consultores Thom e Joani Schultz

¹ *Com vergonha do evangelho*, p. 11.

entre frequentadores de igreja, revelando o seguinte resultado: somente 12% dos ouvintes afirmam lembrar-se do sermão; nove entre dez pessoas afirmam que seus pensamentos divagam durante a pregação; em cada três ouvintes, um afirma que os sermões são longos; 11% das mulheres e 5% dos homens consideram o sermão sua principal fonte de conhecimento sobre Deus.²

A pregação cristã tem um propósito específico que varia de acordo com o texto bíblico a ser explanado, o propósito básico (evangelístico, ético, devocional, doutrinário, missionário ou pastoral) e a ocasião. O alvo geral da pregação, entretanto, é invariável. E na compreensão desse alvo geral encontramos resposta à pergunta: o que podemos esperar do pregador ou da pregadora no púlpito? As pessoas esperam que o pregador anuncie a vida plena que só em Jesus pode ser encontrada. Isso significa que todo o sermão autenticamente evangélico há de ter sempre um conteúdo evangelístico e ético. O sermão visa à transformação de vidas, o que assegura seu caráter evangelístico do sermão; e anuncia também a qualidade de vida somente possível em Jesus, o que diz respeito a seu caráter ético.

O pregador não está no púlpito para agradar os ouvintes, mas para lhes anunciar a mensagem da salvação e da santificação. Charles Finney conta que, quando começou a pregar, “os sermões resultavam em uma ou outra conversão”, mas a comoção geral que ele tanto esperava ainda não havia acontecido. Ele diz que os ouvintes acorriam em massa, com grande interesse em ouvi-lo. Apesar do aparente sucesso, com esse *feedback* de satisfação que motivava a afluência das pessoas para ouvi-lo, ele não estava satisfeito. Então, esse jovem pregador, iniciando o seu ministério, resolveu falar abertamente à sua congregação que “ali estava com o objetivo de levá-los à salvação em Cristo”. Ele contou:

² “Agora, transmita a mensagem”, In: KOESSKER, *Manual de pregação*, p. 371.

Disse-lhes que sabia que apreciavam os meus sermões, mas que eu não fora ali para agradá-los, e sim para levá-los ao arrependimento. De nada valeria continuar gostando de minhas pregações se continuassem rejeitando ao Senhor. Revelei-lhes, ainda, que sentia haver algo de errado — ou em mim ou neles; que o interesse que manifestavam por minha pregação não lhes seria de proveito algum; que eu não podia dedicar o meu tempo a eles, a não ser que se dispusessem a receber o evangelho.³

Que notável atitude de Finney! Que exemplo de um jovem pregador para todos nós que nos dispomos a pregar o evangelho. Não podemos nem devemos deixar que os nossos ouvintes alimentem falsas expectativas sobre nós e nossa pregação. E a narrativa de Finney prossegue:

Em seguida repeti as palavras do servo de Abraão: Agora se quiserem demonstrar fidelidade e bondade a meu senhor, digam-me; e, se não quiserem, digam-me também, para que eu decida o que fazer (Gn 24.49).⁴

As pessoas não atenderam de imediato ao apelo de Finney, mas, depois dessa incisiva declaração, as pessoas começaram a se entregar nas mãos do Senhor, e o milagre da transformação do avivamento aconteceu. Algumas vezes a pregação não faz diferença, porque o pregador perdeu sua identidade de arauto das boas-novas. “Quando falamos com autoridade, pregamos a mensagem da Bíblia sem complexos, mas transmitimos também que não somos perfeitos e que nem sempre sabemos como aplicar a fé à

³ Garth ROSSELL e Richard DUPUIS, *Memórias originais de Charles G. Finney: uma narrativa de reavivamentos que marcaram a história*, p. 72

⁴ Idem.

vida”.⁵ E volta a indagação: Por que pregamos? E também estas outras: Para que pregamos? A nossa pregação está sendo eficaz?

Paulo responde de modo a não deixar dúvida sobre a motivação que o levava a pregar:

Quando prego o evangelho não posso me orgulhar, pois me é imposta a necessidade de pregar. Ai de mim se não pregar o evangelho! Porque, se prego de livre vontade, tenho recompensa; contudo, como prego por obrigação, estou simplesmente cumprindo uma incumbência a mim confiada.

1 Coríntios 9.16-17

Essa deve ser também a nossa motivação. Pregamos porque estamos a serviço do Senhor da pregação e temos essa sublime missão a cumprir. Assim, deixar de pregar seria deixar de viver.

“Parte da pregação eficaz está na habilidade de conseguir que a apresentação esteja de acordo com a convicção interna. A imagem que projetamos influirá na nossa credibilidade”.⁶ Mas voltemos aos nossos ouvintes porque eles estão a nos olhar.

Com expectativas

No início da semana, um ouvinte procurou o pastor para lhe agradecer porque sua pregação do último domingo havia trazido uma resposta que ele estava esperando. Era uma decisão que envolvia a vida profissional daquele homem, e o pastor nem imaginava que o sermão tivesse falado de modo tão especial, em uma esfera que ele jamais esperaria que as palavras pregadas atingissem. O pregador autêntico é simples instrumento nas mãos de Deus para falar

⁵ Bill HYBELS, Stuart BRISCOE e HADDON ROBINSON, *Predicando a personas del S. XXI*, p. 33.

⁶ Idem, p. 35.

ao coração dos ouvintes, e, quando isso acontece, as pessoas são realmente ajudadas. “A prédica pode, antes de tudo, contribuir para o equilíbrio existencial-emocional do ouvinte, conformando valores e convicção de fé”.⁷

Outro pastor, visitando pela primeira vez uma família que se mudara para sua cidade, recebeu o agradecimento daquelas pessoas, por haver pregado um sermão que levava o conforto de que elas precisavam naquele momento, quando haviam perdido um ente querido. O mais interessante é que o pastor não conhecia a situação delas e muito menos as conhecia. Deus fala por meio de seus servos pregadores. Que tamanha responsabilidade!

Deus realiza milagres através da sua Palavra lida, explicada e aplicada às pessoas. “De forma misteriosa, que vai além da nossa compreensão, o Espírito Santo pega nossas palavras, faz com que passem pelo filtro da experiência do ouvinte e adapta a aplicação de modo a operar no coração do necessitado”.⁸ Somos privilegiados, na qualidade de porta-vozes, ao sermos usados pelo Senhor para participar desse milagre!

As pessoas procuram a igreja e vêm com grande disposição de dar ouvidos à prédica, quando têm motivos para esperar que esta se ocupe com suas perguntas e necessidades reais e simplesmente fale da vida. A situação da prédica certamente seria bem outra se na sua elaboração entrasse mais seriedade e profundidade, mais alegria e criatividade, mais concretude e vida real.⁹

É lamentável quando o pregador, por não compreender o peso da responsabilidade de falar em nome do Senhor, ou por

⁷ KIRST, *Rudimentos de Homilética*, p. 28.

⁸ STOWELL, “Por que amo pregar”. In: KOESSLER, ed., *Manual de pregação*. p. 70.

⁹ KIRST. *Rudimentos de homilética*, p. 29.

negligência, tenta realizar sem qualquer esmero tão importante trabalho. Alguns até se iludem, achando que estão fazendo o máximo; contudo, as pessoas entram no templo, ouvem esse pregador, mas não ouvem a Palavra do Senhor. Destruidas as expectativas, restam a frustração, o desapontamento e a oportunidade de expressar seu grito:

“Estava vivendo um momento de crise e tudo quanto carecia era de uma mensagem de paz e graça, mas fiquei frustrado porque a falta de graça do sermão que ouvi aumentou ainda mais a minha crise.”

Receber respostas da Palavra do Senhor é a maior necessidade de todos nós. A queixa desse ouvinte tinha a ver com o fato de o sermão, sobre a ira divina, ter todo o foco voltado para a repreensão e o castigo, sem nada mencionar da bondade de Deus e sua prontidão em perdoar. Quando as expectativas se frustram, as queixas surgem:

“Eu esperava ser impulsionado pela mensagem, mas, quando o pregador começou a falar, percebi que ele parecia mais desanimado do que eu.”

Em qualquer esfera, as pessoas reclamam contra qualquer rotina, e no templo não é diferente. A. W. Blackwood assegurou que os ouvintes protestam contra sermões “por causa do tédio; protestam contra a monotonia, contra a falta de interesse. Não podem gostar de sermões onde não há faíscas”.¹⁰ Por mais

¹⁰ *A preparação de sermões*, p. 243

piedosos que sejam os ouvintes, eles protestam contra o desânimo no púlpito. O pregador desanimado precisa, à semelhança de Elias, parar e esperar o Senhor passar; e, na presença do Pai, apresentar suas queixas, ser por ele alimentado e, ouvindo a voz do Senhor, recobrar o ânimo para dar continuidade à missão de falar em nome do Senhor.

O que devemos fazer diante das expectativas dos ouvintes é buscar agir com autenticidade. O pregador autêntico não é um vendedor, mas um profeta; não é um marqueteiro, e sim um anunciador de boas-novas; não é um animador de palco, mas um arauto do Senhor; não é um ator, e sim alguém que vive o que prega e prega o que vive; não é um comediante, fazendo as pessoas esquecerem as tristezas do momento, mas aquele que apresenta a mensagem da alegria, apesar das tristezas; não é um milagreiro, apresentando seu poder nas promessas de cura, e sim aquele que anuncia o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê.

Observando o seu traje

O modo como nos vestimos é importante. O pregador comunica com a voz, com a vida, com os gestos, com o olhar e também com os trajes. Há alguns aspectos importantes quando pensamos na vestimenta: roupas limpas, bem ajustadas e sapatos polidos. Não importa que os trajes não sejam novos, contanto que estejam limpos e bem passados.

“As roupas do pregador estavam amarrotadas,
sujas e mal ajustadas.”

Roupas sujas denunciam a falta de higiene de quem as veste; roupas amassadas, além de revelarem desleixo, dão péssima aparência a quem as traja. Para uma boa aparência, as roupas preci-

sam, de igual modo, estar bem dispostas. Considere a combinação das cores; a mistura de muitas cores diferentes não é recomendada no púlpito.¹¹

"Achei ridículo o pregador usar uma camisa com propaganda partidária; vi isso como uma ofensa ao auditório."

Vestir uma roupa com publicidade política é inconveniente e contraditório, já que os ouvintes não favoráveis ao partido em destaque sentem-se constrangidos e até contrariados ao ver o pregador que é arauto das boas-novas transformado em cabo eleitoral de um candidato ou partido político.

"O traje do pregador não condizia com o modo como os demais servidores do culto naquela igreja se apresentavam."

Quanto à formalidade ou informalidade, determinado traje pode ser conveniente a um auditório e inconveniente a outro, dependendo da formalidade ou informalidade do culto. Tenho pregado em cultos em que o uso do paletó e da gravata deixou de ser exigência aos pregadores. Todos nós sabemos, entretanto, que ainda há muitas igrejas que jamais dispensam de seus pregadores um traje formal. O pregador coerente procura conhecer o estilo da igreja, nele se encaixa e, quando necessário e possível, vai aos poucos tentando mudar.

Desejando ser ajudados

Os ouvintes no culto são geralmente misericordiosos com o pregador. Mesmo com a expectativa de ser ajudados com o sermão,

¹¹ MORAES, *Homilética, da pesquisa ao púlpito*, p. 185.

eles olham com bondade para a pessoa que está no púlpito e ainda suplicam a Deus que abençoe aquela pessoa e o sermão que ela vai transmitir. Pena que, às vezes, eles se desapontam e lamentam:

"Eu esperava que o sermão me ajudasse na confirmação da minha fé, mas o que o pregador fez foi me deixar com mais dúvidas ainda."

Quando um pregador age assim, perdeu a condição de trabalhador bom e fiel e desceu ao nível de servo mau e negligente. Infelizmente muita gente hoje em dia tem trilhado o caminho dessa descida.

11

Mais alto que as palavras

Ele [Barnabé] era um homem bom, cheio do Espírito Santo e de fé; e muitas pessoas foram acrescentadas ao Senhor.

ATOS 11.24



O modo como vivemos fala tão alto que os ouvintes só podem nos escutar se nossas palavras puderem ser ilustradas pelo nosso viver.

O CONTEÚDO DA NOSSA PREGAÇÃO é o que de mais belo, urgente e necessário as pessoas precisam ouvir. Precisamos ter em mente que estamos pregando vida. A mensagem do amor de Deus nos alcança primeiro e, depois, através de nós, alcança os ouvintes. E a mensagem, por ser bela, urgente e necessária, deve ser pregada com entusiasmo e vida.

Entretanto, não devemos esquecer que não basta simplesmente comunicar com vida; precisamos deixar que nossa vida também fale. O modo como vivemos fala tão alto que os ouvintes só podem nos escutar se nossas palavras puderem ser ilustradas pelo nosso viver. Eu não posso pregar sobre amor, se não sou capaz de viver o amor em casa, se não sou capaz de amar verdadeiramente a esposa, os filhos, os pais, os sogros, os irmãos e todos os demais familiares. Mensagem relevante é pregada com vida e com a própria vida.

Com integridade

A integridade, essencial em todo discurso, é imprescindível no sermão. O pregador autêntico precisa de uma vida de integridade em seus relacionamentos a ponto de poder ter seu próprio testemunho como referência. O comportamento do pregador, fora do púlpito, deve ser pautado pela bem-aventurança do salmista: “Feliz é o homem [...] que com honestidade conduz os seus negócios” (Sl 112.5).

Se qualquer atividade do cristão deve ser feita com seriedade, muito mais ainda a pregação. John Piper lembra:

Seriedade na pregação é apropriada, porque a pregação é o meio designado por Deus para a conversão de pecadores, o despertar da igreja e a preservação dos santos. Se a pregação falhar em seu dever, as consequências são infinitamente terríveis.¹

Se a vida do pregador não for íntegra, suas palavras serão abafadas, e o lamento dos ouvintes ecoará:

“Ele pregou o sermão como sendo de sua autoria, mas logo descobri que não era: eu já o ouvira apresentado por outro pregador.”

Elaborar um sermão é trabalho árduo que exige tempo considerável de oração, pesquisa e estudo bíblico e extrabíblico. Ao utilizar um esboço da autoria de outro pregador, espera-se que quem vai pregá-lo mencione, pelo menos, que estará lançando mão de ideias da autoria do pregador “X” ou “Y”. Mesmo quem utiliza esboços ou sermões extraídos da internet, revistas ou de livros deve mencionar a procedência deles, não só pela

¹ *A supremacia de Deus na pregação*, p. 52.

vulnerabilidade — pessoas ali podem já conhecer aquele material e seu autor —, mas principalmente pela integridade — se o material não me pertence, não devo apresentá-lo como se fosse de minha autoria. Pior ainda é quando o pregador, além de se apossar do trabalho homilético de alguém, ainda tenta furtar experiências vividas pelo outro.

"Foi um dos melhores sermões que ouvi dele, mas, alguns dias depois, encontrei a cópia completa no *site* de outra igreja. E o pior foi que até as ilustrações pessoais ele contou como se tivesse vivido as experiências."

No início de meu trabalho pastoral usei um sermão elaborado por um dos meus professores. Logo na introdução, comuniquei que pregaria usando a estrutura de autoria do meu professor, dr. Paulo Wailler da Silva. Algum tempo depois, esse sermão foi publicado em uma revista. Se eu não tivesse dado o devido crédito ao seu autor, certamente cairia em descrédito. Não existe pesquisa melhor do que aquela que o próprio pregador realizou. Cada vez que alguém usa sermões da internet, de livros ou de qualquer outra fonte, está perdendo a oportunidade de se colocar diante de Deus e de crescer no conhecimento de sua Palavra. Quem mais se prejudica com o uso de sermões de outros pregadores é quem adere a essa prática.

Sem fingimento

Em qualquer área da vida a simulação é algo detestável. No púlpito ainda mais. Quando pregamos, nos apresentamos primeiramente a Deus. É verdade que estamos diante dos homens, mas é ao Senhor que temos de nos apresentar como obreiros que não têm do

que se envergonhar. Alguns pregadores estão sempre prontos para exibir seu currículo de grandes experiências com Deus; poucos, porém, são os que têm coragem de falar sobre suas limitações e do quanto precisam se quebrantar diante do Altíssimo. Se não temos disposição para expor as nossas falhas e imperfeições, por que tanta disposição para expor uma situação nem sempre real? Quando a nossa fala não puder ser a expressão da verdade, é melhor não falar nada. Ouça o clamor deste ouvinte:

"Com um ar de piedade o pregador afirmou:
'Deus me disse agora que o sermão que
preparei não é o que ele quer que eu
comunique. Vamos ver o que ele tem para nós
neste momento'."

Se o pregador tivesse orado mais e buscado mais ao Senhor, teria descoberto isso antes. As poucas vezes em que isso me aconteceu, preferi nada dizer ao auditório, mas simplesmente obedecer ao Senhor.

Controlando a língua

O controle da língua aponta para o equilíbrio ou desequilíbrio de determinada pessoa. Se o pregador usa a língua para destruir, como pode colocar diante do povo o desafio de reconstruir? Se as palavras destilam o veneno do ódio e da mágoa, como pode esse pregador apresentar a mensagem do bálsamo da graça e do perdão? O conselho do sábio é válido a nós pregadores: "Quem guarda a sua boca guarda a sua vida, mas quem fala demais acaba se arruinando" (Pv 13.3). O pregador, ou pregadora, que não sabe controlar a língua será arruinado. Uma língua descontrolada revela falta de bom senso: "Quando são muitas as palavras, o pecado está presente, mas quem controla a língua é sensato" (Pv 10.19).

Geralmente os ouvintes fogem de pregadores que achincalham os outros e que não têm sabedoria no falar. Salomão classifica tais pessoas de insensatas: “O homem que não tem juízo ridiculariza o seu próximo, mas o que tem entendimento refreia a língua” (Pv 11.12). A fórmula para o pregador mostrar sua religiosidade está na capacidade de colocar freios na língua, como advertiu Tiago: “Se alguém se considera religioso, mas não refreia a sua língua, engana-se a si mesmo. Sua religião não tem valor algum!” (Tg 1.26). E quando falta o controle da língua, os ouvintes sentem:

“O tempo no púlpito foi gasto com críticas destrutivas e palavras comprometedoras da moral e da integridade de pessoas e instituições.”

A responsabilidade de quem está no púlpito é pregar a Palavra. Qualquer outra fala deve ser evitada, por estar fora de lugar e propósito. Todos sabemos que é falta de ética falar mal de pessoas e instituições. A maledicência contra alguém que está ausente, mais que crítica, é covardia; e, quando isso é feito publicamente, assume proporções ainda mais graves. O cristão autêntico não critica apenas por criticar, mas, sim, para ajudar: devemos ensinar enquanto passamos. A crítica construtiva é dirigida diretamente à pessoa. Se não for assim, nem vale a pena ouvir quem está falando. Crítica feita a distância é difamação, é uma seta inflamada atirada covardemente pelo inimigo, alcançando até pessoas inocentes. Diante disso, os ouvintes gritam:

“O pregador causou constrangimento ao mencionar nomes de algumas pessoas como exemplos a não serem seguidos.”

A ética e a homilética andam juntas. A ética cristã é a resposta à atividade divina,² e a pregação é a comunicação da verdade divina. “A ética cristã se baseia na teologia cristã e deriva seu conteúdo dessa fonte.”³ A pregação tem sua base na Palavra, objetivando mudanças comportamentais, o que faz dela um discurso ético.⁴ Se em qualquer discurso a ética é imprescindível, no discurso religioso muito mais. A falta de ética no púlpito é o avesso de tudo quanto o pregador pretende comunicar. Entretanto, são muitas as queixas dos ouvintes relativas a isso.⁵

Moderando o humor

Seria incoerente que a mais festiva comunicação já partilhada ao mundo, boas-novas de grande alegria, fosse transmitida por um pregador que parece incapaz de sorrir e de se expressar com empolgação. Por outro lado, a importância da mensagem demanda seriedade em sua apresentação, pois o excesso de graça no púlpito pode resultar no efeito inverso. O pregador precisa comunicar graciosamente, sem ter que para isso se tornar um palhaço. E quando esse princípio não é observado, surgem as queixas:

“Gracejos foram usados todo o tempo, sem qualquer relação com o que deveria ser comunicado.”

Tão importante é o uso do humor no discurso evangélico que John Drakeford escreveu o livro *Humor in Preaching* [O humor

² E. C. GARDNER, *Fé bíblica e ética social*, p. 197.

³ Idem, p. 34.

⁴ MORAES, *Homilética, do púlpito ao ouvinte*, p. 353.

⁵ Para melhor compreensão deste assunto, v. MORAES, “A ética no púlpito”, *Homilética, do púlpito ao ouvinte*, p. 352-379.

na pregação]. No livro *Homilética, da pesquisa ao púlpito*, inseri o tópico “Cuidado com o humor”:

Um *toque* de humor, com inteligência e vida, certamente dará à mensagem um brilho especial, tornando-a mais atraente. A verdade que é dita com graça pode alcançar melhor o coração do ouvinte. Mas há alguns cuidados que precisamos ter no uso do humor:

- O humor deve ser usado na medida certa. O pregador não está no púlpito para divertir a plateia, mas para pregar o “assim diz o Senhor”.
- Nenhuma brincadeira deve ser feita apontando para limitações ou problemas das pessoas.
- Condição social, nacionalidade e religiosidade das pessoas não devem servir de diversão.
- Passagens e personagens bíblicos não devem servir de humor.
- O humor não deve ser usado para preencher o vazio da falta de conteúdo da mensagem.
- O humor, ao contrário, deve ser usado para dar mais alcance à mensagem que está sendo pregada.⁶

⁶ MORAES, *Homilética, da pesquisa ao púlpito*, p. 192.

12

Inovações perigosas

Se alguém lhes anuncia um evangelho diferente
daquele que já receberam, que seja amaldiçoado!

GÁLATAS 1.9



Os métodos de comunicação dos sermões são transitórios:
podem e devem ser renovados, mas o conteúdo,
embasado na Palavra do Senhor, é irrevogável. Sábio é
contextualizar os métodos e preservar o conteúdo.

O MOMENTO ATUAL TEM SIDO marcado por inovações discrepantes da autenticidade da mensagem do evangelho. Jesus não apenas profetizou o surgimento de falsos profetas, mas, de modo claro, alertou contra essa realidade: “Cuidado com os falsos profetas. Eles vêm a vocês vestidos de peles de ovelhas, mas por dentro são lobos devoradores” (Mt 7.15). O apóstolo Paulo falou da existência de pessoas que pregavam “por ambição egoísta, sem sinceridade” (Fp 1.17).

Esse triste fenômeno tem estado presente na vida de muitos pregadores que, desprezando a base bíblica de seus discursos, deixam de lado a pureza da mensagem cristã e passam a pregar motivados pela cobiça. Eles visam à formação de grupos que, apesar de serem chamados de igrejas, valorizam a distração e desprezam a reflexão; elevam os caprichos da criatura, colocando-os à

frente da soberania do Criador; e permitem que a diversão ocupe o lugar da devoção.

Nesse contexto, a ênfase à conversão como experiência única de acesso à igreja desaparece, e a ética do reino de Deus é substituída pela força estatística e pelas vantagens de um empreendimento financeiramente lucrativo. O pastor deixa de apascentar o rebanho para gerenciar os lucros; as pessoas, perdendo a condição de fiéis, são ensinadas a determinar como e quando querem ser abençoadas; a contrição cede espaço à contribuição; já não se fala em vidas no altar, mas em cotas financeiras; e os ouvintes, já não mais exortados a praticar a Palavra, vão sendo “instruídos” a dela tirar proveito.

Isso acontece pela perda da centralidade do modelo bíblico. Quando a base da meditação é a Palavra, o cristão aprende os autênticos valores do reino de Deus. Ao contrário, quando a Palavra de Deus é substituída pela palavra do pregador, já que o que ele diz não passa de inovação, dá-se o fenômeno do crescimento quantitativo e do decréscimo qualitativo. Os templos estão repletos, o número de “convertidos” aumenta, mas a capacidade de transformar o mundo com a força da mensagem diminui. Essa realidade permite que pregadores lancem mão dos mais extravagantes recursos como se fossem palavra inspirada.

Abuso de autoridade

Pregadores autoritários, por se julgarem em patamar de espiritualidade bem mais alto que seus ouvintes, apresentam-se hostis a seu auditório. Para eles, se o ouvinte não aceitar as ideias que estão sendo pregadas, não terá valido a pena pregar. Esquecem-se de que Deus mesmo advertiu que algumas pessoas ouviriam, porém não aceitariam a mensagem:

“O povo a quem vou enviá-lo é obstinado e rebelde. Diga-lhe: Assim diz o Soberano, o SENHOR E, quer aquela nação rebelde ouça, quer deixe de ouvir, saberá que um profeta esteve no meio dela”.

Ezequiel 2.4-5

Como pregadores da boa-nova, não precisamos forçar ninguém a receber a mensagem. Nossa responsabilidade é pregar o *assim diz a Palavra do Senhor*.

“O pregador usou expressões agressivas: gritos, dedo em riste, frases de efeito e até tirou o cinto e deu uma surra no púlpito.”

As verdades mais duras e contundentes podem ser ditas com educação e cordialidade. O pregador nunca deve parecer zangado. Ninguém precisa surrar o púlpito para dizer que os pais devem educar os filhos. O pregador que assim procede está afirmando com esse gesto que, se tivesse oportunidade, lançaria mão do próprio cinto e aplicaria esse castigo em seus ouvintes. A autoridade da mensagem não está na agressividade do pregador. Há pessoas usando expressões autoritárias no púlpito por achar que isso revela o que para elas seria um nível elevado de espiritualidade. Precisamos considerar que não é o pregador mais autoritário quem mais revela autoridade espiritual, mas, sim, o mais humilde, que mais procura aprender e se parecer com Cristo Jesus, em nome de quem pregamos e que nos desafia: “Aprendam de mim, pois sou manso e humilde de coração, e vocês encontrarão descanso para as suas almas. Pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve” (Mt 11.29-30).

Alguns pregadores têm deixado ouvintes insatisfeitos também ao fazerem afirmações pretensiosas, sem nenhuma fundamentação bíblica.

"O pregador garantiu que iria para o céu, em uma carruagem especial, que o lugar dele já estava garantido bem à frente e acrescentou que os ouvintes precisavam se esforçar para conseguir um lugarzinho qualquer."

Ouvintes menos informados podem até se impressionar com a presunção de tais palavras; contudo, elas não passam de puro engodo, sem fundamentação bíblica ou teológica. A salvação é assegurada a todos, pela graça, por meio da fé, e não depende de qualquer esforço nosso (Ef 2.8-9).

Não é por alguém julgar-se um pregador que tem a garantia de melhores condições na vida futura. O galardão que receberemos independe do que possamos fazer: vem pelo nosso viver — ações sem palavras, realizações jamais descritas em quaisquer relatórios.

Aqueles que se julgam superiores precisam considerar as palavras de Jesus: "Se alguém quiser ser o primeiro, será o último, e servo de todos" (Mc 9.35). Outro ponto importante a considerar é que, uma vez que a arrogância não condiz com os valores do reino, os pregadores presunçosos devem se lembrar do que disse Jesus:

"Nem todo aquele que me diz: 'Senhor, Senhor', entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus. Muitos me dirão naquele dia: 'Senhor, Senhor, não profetizamos em teu nome? Em teu nome não expulsamos demônios e não realizamos muitos milagres?' Então eu lhes direi claramente: Nunca os conheci. Afastem-se de mim vocês, que praticam o mal!"

Acréscimos apócrifos

Alguns pregadores agem como se a Bíblia ainda estivesse em formação, como se o cânon sagrado continuasse aberto e, o que é pior, pronto a receber afirmações incoerentes e irresponsáveis.

"O pregador lançou mão de uma afirmação que está na letra de um hino, assegurando ser uma passagem bíblica."

Precisamos considerar que nem sempre o que cantamos em nossas igrejas corresponde a verdades contidas nas Escrituras. Às vezes o autor da letra expressa seu pensamento, a visão que ele tem de determinado assunto e, de tanto repetirmos no nosso cantar, acabamos acreditando que se trata de uma afirmação bíblica. Acréscimos apócrifos resultam de um analfabetismo bíblico. Às vezes os acréscimos vêm por conta da desinformação de uma mente fantasiosa. Um ouvinte escutou um pregador afirmar que o pai do pródigo tinha uma gráfica. Diante da reação estupefata dos ouvintes, ele tentou se explicar: "Vejam suas Bíblias: O filho disse: 'Quantos jornaleiros de meu pai têm abundância de pão...'. E completou: 'Para ter jornaleiros, ele tinha um jornal e, para imprimir o jornal, tinha uma gráfica'. Pode até parecer lógico para os mais incautos, todavia o sentido da palavra *jornaleiro* não é uma referência a alguém que trabalha em um jornal, mas a qualquer trabalhador que cumpre uma jornada de trabalho. E, para completar, só um milênio e meio depois de Jesus haver contado a parábola do pródigo é que surgiu a impressão gráfica.

"O pregador condenou os cultos de lançamento de pedra fundamental, afirmando que eles não agradam a Deus, mas não apresentou qualquer fundamentação bíblica para a palavra que disse."

Um culto de lançamento de pedra fundamental de um templo pode agradar ou não ao Senhor; o que precisa ser considerado não é o motivo do culto, mas a motivação dos adoradores. O que não satisfaz a Deus é um culto prestado por pessoas com as mãos impuras. Somos desafiados a uma reflexão que leve ao arrependimento autêntico, sabendo que, por mais que os pecados sejam vermelhos como escarlate, eles se tornarão brancos como a neve; embora sejam rubros como púrpura, eles se tornarão brancos como a lã (Is 1.18).

Barateamento da mensagem

No púlpito apresentamos a proposta bíblica que oferece a mensagem da graça divina: o convite aos sedentos para que saciem a sede e aos famintos para que se fartem, sem dinheiro e sem custo (Is 55.1-2). Nessa chamada evangelística enfatizamos que é pela graça que as pessoas são salvas, por meio da fé, e que isso não vem de nós, mas é dom de Deus, e não vem das obras para que ninguém se glorie (Ef 2.8-9). Com base nestes e em vários outros textos bíblicos enfatizamos o acesso gratuito ao reino de Deus: Jesus pagou o preço.

Mesmo aceitando a gratuidade da salvação como um dos pilares da teologia da pregação cristã, não podemos, entretanto, deixar de proclamar a necessidade de discipulado. O chamado de Jesus, longe de ser um passaporte a uma vida de luxos, com garantia de especial proteção, é uma convocação para seguirmos os passos do Mestre, em uma vida de renúncia e sacrifício. Quem se dispõe a seguir Jesus Cristo deve ter a coragem para tomar a cruz. E somente quem se dispõe a perder a vida por amor ao Senhor Jesus e à causa dele é que realmente salva a sua vida (Mc 8.34-35). É lamentável que hoje alguns pregadores, interessados em dados estatísticos, apresentem uma mensagem

triumfalista, desprovida de fundamentação bíblica, em que a cruz e o sofrimento são apagados e apenas o conforto e pseudovantagens do presente são enfatizados. Muitos ouvintes, no entanto, preferem ouvir o recado de Deus.

"Eu estava precisando ouvir a Palavra de Deus, mas o pregador preferiu fazer um discurso de autoajuda."

Infelizmente o discurso de autoajuda está tomando o lugar da explanação da Palavra em alguns púlpitos. Há pregadores também que baseiam o sermão em conceitos do último livro lido, do último filme ou palestra a que assistiram, mas sem qualquer base bíblica. Há lugar para novidades responsáveis no púlpito, porém jamais para inovações irresponsáveis. Não podemos mudar o propósito do culto e do púlpito, que é glorificar a Deus, proclamando sua supremacia e graça. Do mesmo modo, não podemos mudar a base para que esse propósito seja alcançado, que é a clara exposição bíblica, fielmente interpretada e contextualizada, a fim de alcançar e transformar as pessoas. Quando há um desvio do propósito e da base, o culto se torna um encontro qualquer, e o sermão, um mero discurso.

"O culto teve tudo o que se possa imaginar, mas, para mim, faltou o principal: uma mensagem realmente bíblica."

Incontestavelmente, a Bíblia é a única base no púlpito e no culto. Liturgia sem Bíblia não representa adoração, em que as pessoas não apenas se encontram umas com as outras, mas se encontram com o Criador. Culto sem Bíblia fica reduzido a simples encontro social, com exposições e *shows*. Sem a Palavra de Deus, a

liturgia foge do objetivo de adorar ao Criador, trocando-o pela meta de agradar a criatura. Nesse contexto, o culto perde seu objetivo, e o pregador deixa de explicar a Bíblia, passando simplesmente a “dizer algumas palavras”. É preciso lembrar, contudo, que o pregador que tenta encontrar embasamento para seus sermões fora da Palavra perde a condição de porta-voz do Senhor, acaba se esgotando e, mais que isso, esgotando os ouvintes. Não vamos ao templo para ouvir da sabedoria de um pregador, ou dos eruditos mencionados, mas para ser confortados e desafiados pela Palavra.

Supervalorização do *datashow*

A sábia utilização do *datashow*, ou qualquer recurso visual, é excelente ajuda à comunicação dos sermões. No entanto, sua supervalorização é uma inovação que, por ofuscar em vez de realçar, tem trazido sérios prejuízos, empobrecendo a palavra que deveria ser enriquecida. O problema não está no uso das transparências, figuras ou quaisquer recursos utilizados, mas no fato de serem exibidos em demasia, fora de sintonia com a verdade pregada, fora de propósito ou simplesmente para suprir a deficiência de uma pregação que não foi devidamente elaborada. À medida que tais fenômenos ocorrem, o clamor dos ouvintes por melhores sermões se levanta.

“O problema foi que o pregador colocou um longo esboço no *datashow*; para completar, ele ficou lendo todo o tempo e ainda de costas para o auditório.”

A comunicação da mensagem evangélica tem valorizado sempre o contato visual do pregador com seus ouvintes: Jesus, o maior de todos os pregadores, comunicava vendo as pessoas. O sermão

do monte começa com a afirmação: “Vendo as multidões, Jesus subiu ao monte e se assentou [...] e começou a ensiná-los” (Mt 5.1). É impossível imaginar o Senhor da pregação falando de costas para os seus ouvintes. Entre os católicos romanos, os padres celebraram a missa de frente para o altar e de costas para os fiéis. Desde a reforma litúrgica do Concílio Vaticano II, em 1962, no entanto, a prática de ficar de costas para os fiéis foi abolida.

É de lamentar que a inconveniente postura de voltar as costas para os ouvintes comece a ser praticada agora em igrejas evangélicas. A alegação dos pregadores, porém, não é a necessidade de ficar de frente para o altar, mas o que leva a tal atitude é a incapacidade deles de desgrudar os olhos das anotações projetadas. Se mesmo de frente para os ouvintes, vendo as reações estampadas em cada rosto, a luta pela atenção é árdua, de costas para eles, o pregador deixa de ser um comunicador e se reduz a mero leitor de transparências.

Datashow não é sermonário. Quando as palavras projetadas são muitas, o interesse do ouvinte é pouco ou nenhum. Quanto mais palavras *projetadas na tela ou na parede*, menos espaço, menor capacidade visual, mais poluição visual e menos atenção. O ideal é ter o mínimo de anotações no púlpito. Se, eventualmente, o pregador julgar necessário que os ouvintes tenham diante dos olhos um volume maior de palavras, é melhor distribuir uma cópia impressa de suas anotações do que tentar fazê-los enxergar as muitas e minúsculas letras projetadas no *datashow*.

O pregador deve evitar que o recurso visual roube a cena. “Numa apresentação nada deve suplantiar a importância do palestrante, e o recurso visual precisa cumprir o seu papel de dar apoio”.¹ Obviamente, na pregação evangélica, a importância maior

¹ Reinaldo POLITO, *Recursos visuais nas apresentações de sucesso*, p. 94.

é a de Jesus Cristo, o Senhor da pregação, em nome de quem falamos.

"O pregador exibiu uma série de figuras que, apesar de lindas, nada tinham a ver com a mensagem."

Imagens enriquecem a comunicação. Elas são de uma força inimaginável. Tem sido afirmado que uma figura vale mais que mil palavras, mas obviamente depende da beleza e propriedade da imagem e de seu perfeito encaixe no discurso. Tem razão o ouvinte em sua queixa: mesmo a mais linda figura perde sua beleza quando usada fora de contexto. Quando o que está sendo exibido não tem relação com o que está sendo pregado, cria-se uma confusão na mente do ouvinte. E surgem as indagações que acabam por roubar a atenção: o que essa figura tem a ver com o que está sendo comunicado? Essa figura é linda, mas qual a relação dela com o que está sendo dito? Que significação está por trás da simples contemplação dessa figura? De que modo essa figura me fala? E, enquanto a mente do ouvinte divaga para longe, as lições e os desafios que deveriam ser inculcados em seu coração terminam por cair no esquecimento. Se você não tiver uma figura que seja realmente apropriada ao enriquecimento de sua comunicação, será melhor não lançar mão desse recurso.

Outro aspecto a considerar é que não só no PowerPoint e arquivos de figuras do computador estão as imagens que podem ajudar na pregação. Sermões podem ser visualmente ilustrados por imagens corriqueiras. Para falar às crianças sobre a oração, ou mesmo a comunhão com o próximo, com certeza, utilizar um aparelho telefônico e até falar com alguém, já previamente avisado, causará um impacto bem maior do que simplesmente projetar a figura de um aparelho telefônico. Devemos lembrar que nem

só de figuras se faz o sermão, mas de palavras precisas e preciosas, que, ao conquistar e manter a atenção dos ouvintes, são capazes de comunicar com atração e vida.

"Fiquei desapontado porque o pregador projetou a letra de uma música popular de um conhecido cantor como parte de seu sermão."

Tudo faz crer que aqui o menos culpado é o *datashow*. Não dá para entender a atitude de um pregador das boas-novas que, diante de um auditório formado por pessoas carentes de ouvir a Palavra de Deus, coloque a letra de uma música popular como parte de seu sermão. Quando isso acontece, a letra exibida passa a ocupar o centro das atenções dos ouvintes; alguns deles até começam mentalmente a cantarolar a música. O sentimento de religiosidade é substituído por lembranças seculares; o sacro cede lugar ao profano; e o sentido de cultuar ao Criador dá lugar ao desejo de agradar a criatura. Jesus recomendou: "Não deem o que é sagrado aos cães, nem atirem suas pérolas aos porcos" (Mt 7.6). Profanar o púlpito é outra vertente — não menos desprezível — dessa inversão de valores combatida por Jesus. Inserir música que não tem por objetivo glorificar a Cristo dentro do sermão é transformar ovelhas em cães, é dar comida de porcos a famintos pelas boas-novas do amor de Deus.

"Depois da invenção do *datashow* o pastor quase deixou de pregar: todo domingo ele tem um vídeo do Youtube para exibir."

O ponto de partida para essa questão é: "De onde vem a inspiração para o pregador?". Ou ainda: "Como surgem os sermões?". O sermão autêntico vem da Palavra de Deus ao coração do pregador

que, ardendo de paixão pelo que tem alcançado de Deus, recebe dele condições para compartilhar com os ouvintes esse alimento que, primeiro, tem feito diferença na vida dele. Sermão que não passa pelo coração do pregador é simples discurso. Bons filmes de curta duração até podem ser projetados — em ocasiões muito raras —, porém jamais ocupando o lugar da pregação. Pregador que depende do Youtube para ter o que dizer aos fiéis precisa certificar-se de que seu papel como comunicador da Palavra ainda tem alguma importância para a igreja e a comunidade em geral. Não se edifica uma igreja e não se instrui um povo com as possíveis vantagens do Youtube, mas com a força de uma vida alcançada e transformada pela Palavra. Para simplesmente ver imagens da internet ninguém precisa sair de casa para ir ao templo. O pregador que reduz a sua principal e mais sublime missão de falar em nome do Senhor ao papel de simples exibidor de filmes precisa reexaminar sua posição para não ser achado como servo infiel.

Sobre o uso compulsivo e talvez indiscriminado da tecnologia, H. E. Singley lembra a observação de Quentin Sultze:

As igrejas instalam “projetores de vídeo a fim de aproveitar ao máximo os benefícios” da tecnologia de apresentação computadorizada, o que muitas vezes resulta em cultos que mais parecem uma forma de entretenimento.²

A esse respeito, Sultze lança a seguinte advertência:

Esse tipo de prática tecnológica muitas vezes desvia a atenção da congregação da mensagem falada, fragmenta a fluência da liturgia e destrói a solenidade do culto, tudo em nome do progresso.³

² H. E. SINGLEY, “Sermão no culto”. In: KOESSLER, ed., *Manual de pregação*, p. 46.

³ Idem.

13

Capriche nas ilustrações

Nada consegue chegar mais ao coração do ouvinte do que uma boa história, contada com interesse e ênfase. A narrativa torna a explanação mais clara e reforça os desafios apresentados na verdade central do sermão.

OUTRO CLAMOR DOS FIÉIS tem a ver com as ilustrações. Ouvintes gostam de histórias quando elas cumprem o seu propósito na mensagem. Sabemos que um sermão sem ilustrações é como uma casa sem janelas, mas nem só de janelas é feita uma casa. As janelas desempenham sua importante função quando colocadas em número certo e nos lugares adequados. O mesmo acontece com as ilustrações.

Cuide para não ser atropelado

A boa ilustração, usada com sabedoria, é excelente veículo para facilitar o trabalho do pregador, no entanto requer especial cuidado para que o próprio pregador não se perca no emaranhado das narrativas de suas ilustrações. Precisamos levar em conta que uma ilustração imprópria, contada sem vida, ou que não esteja conectada à tese da prédica, pode prejudicar mais do que ajudar. As duas queixas apresentadas a seguir oferecem a ideia do pregador atropelado por suas histórias.

"Ficou claro que o pregador havia esquecido o resto de sua história. Ele passou a repetir expressões como, 'pois bem', 'então,' como eu estava falando'; e, sem mais voltar à narrativa, prosseguiu um tanto sem graça. Deu para perceber que a ilustração ficou por terminar."

Essa é uma experiência bastante embaraçosa a qualquer comunicador. O que é capaz de causar tal bloqueio no púlpito? A falta de controle do nervosismo pode ser uma razão. Em uma situação assim, o pregador não consegue raciocinar nem mesmo se lembrar do que estava narrando. Outra possível causa seria um grande estresse. Pressionado por problemas que, apesar de aparentemente insolúveis, clamam por solução, o pregador é atacado por um lapso de memória e se torna incapaz de completar a história que estava contando. Razão ainda pior é uma crise momentânea de amnésia. Certa ocasião vi um grande conferencista afirmar aos ouvintes que não sabia o que estava fazendo ali na plataforma. Ele realmente perdeu a memória enquanto falava. Depois, foi medicado e, sem grandes consequências, ainda por vários anos exerceu o seu ministério. No entanto, existe pelo menos mais uma causa: o esquecimento por negligência e distanciamento dos ouvintes e do foco da história que estava sendo contada. Para evitar esse problema, é preciso fazer o máximo e o melhor no estudo bíblico pessoal e na elaboração de cada sermão a ser pregado.

Ainda sobre o perigo de ser atropelado pelas ilustrações, há outro grito:

"Às vezes pergunto a mim mesmo: por que o pregador está contando esta história? Ele já ilustrou esse ponto e não precisa de outra ilustração."

Exemplo clássico de ilustrações desnecessárias é o uso de uma história engraçada, com o ingênuo propósito de atrair a atenção do ouvinte. Isso acontece mais na introdução do que em qualquer outra parte do sermão. Lembro-me do dia em que, na condição de ouvinte, tive que suportar uma verdadeira sessão de humor no início da mensagem. Como não conhecia o pregador, fiquei pensando que ele estava mais para *bobo da corte* do que para *arauto das boas-novas*. Ainda bem que eu estava enganado. Depois de tentar fazer o povo rir, ele resolveu pregar e o fez com maestria. Na realidade, a nota negativa foi a ilustração desnecessária. Tais ilustrações podem ser retiradas do sermão sem qualquer prejuízo, e ainda ajudam a poupar tempo. É melhor não usar uma ilustração do que lançar mão de algo que não ilustra.

Você não é um Forrest Gump

Um jovem pastor, logo ao terminar seu curso teológico, foi pregar em uma pequena igreja, que o havia sondado para exercer ali o pastorado. Ele era comunicativo, acessível e havia feito um bom curso. Eu tinha certeza de que o nome dele seria escolhido para aquele ministério. Depois de ele haver pregado ali, eu até achava que o convite já fora oficializado. Para meu espanto, porém, encontrei um dos membros daquela igreja e ele me falou que ainda não haviam escolhido um novo pastor. Perplexo, perguntei o que acontecera e recebi uma resposta bem inesperada: “Ele não é um pregador; é um Forrest Gump”. Percebendo que eu não alcançara a sutileza da afirmação, ele completou: “Ele até fala bem, mas não prega; só conta histórias”.

Nós, pregadores, somos contadores de histórias, mas não só isso. Contamos a mais linda e admirável história que o mundo tem ouvido: a história de Jesus. Falamos também de outros personagens que se encontraram com ele, que ouviram sua voz

e obedeceram ao seu chamado. No entanto, contamos história não apenas por contar, como um Forrest Gump, mas para apresentar um fato maior, aplicando a verdade da narrativa ao dia a dia de nossos ouvintes e oferecendo-lhes a oportunidade de andar em novidade de vida. O pregador não é um simples contador de histórias, e os ouvintes estão atentos:

"O sermão tem muitas histórias amontoadas para ilustrar a mesma verdade."

Um sermão deve ter quantas ilustrações? Essa indagação é feita por ouvintes cansados do descontrole no uso de narrativas e da falta de sintonia desse recurso com o foco da mensagem. Ouvintes mais exigentes reclamam quando o pregador usa mais de uma ilustração para esclarecer um mesmo ponto do sermão. Devemos considerar não apenas o número de ilustrações, mas a sua extensão. Uma das minhas histórias extrabíblicas prediletas, "A mulher que não delatou",¹ é, *paradoxalmente*, aquela que quase nunca utilizo nos meus sermões. O problema dessa belíssima narrativa é que ela é longa. Contá-la significa gastar quase todo o tempo disponível à pregação.

"A ilustração foi tão detalhada que o pregador teve dificuldade de voltar ao foco do seu sermão."

As ilustrações são importantes e indispensáveis, mas uma boa mensagem não é constituída apenas delas. Não basta ter um punhado de histórias, por melhores que pareçam, para termos um bom sermão. Até mesmo os missionários quando vão pregar

¹ Jilton MORAES, *Ilustrações e poemas para diferentes ocasiões*, p. 92.

precisam ter em mente que, por mais que suas experiências sejam edificantes, elas não substituem a explanação e a aplicação da Palavra de Deus. Há lugar para boas ilustrações sem jamais tomar o tempo da pregação. Quem assume o púlpito e só conta histórias, deixa de ser um pregador e passa a ser um contador de casos.

Não saia dos trilhos

Podemos compreender melhor a ideia de trilhos no sermão considerando que há um *ponto de partida*, que é o texto básico; a trilha a percorrer, *a verdade central a ser comunicada* (a partir da correta interpretação do texto bíblico); e um *ponto de chegada*, que é o propósito específico. Sair dos trilhos, portanto, significa abandono do texto bíblico e desvio do sermão. Dependendo da ilustração e do modo como a usamos, esse contratempo pode ocorrer.

"A história que o pregador contou era tão grande que, no final, eu não me lembrava do que ele estava falando e, o que é pior, pela dificuldade que teve para aterrissar, acho que nem ele sabia mais."

Uma ilustração para ser boa não precisa oferecer informações completas, mas completar, com os detalhes necessários, a compreensão da parte do sermão em que está inserida. Ela não precisa nem deve ser longa. As melhores ilustrações são breves e têm capacidade de tornar a tese do sermão mais clara. Narrativas quilométricas não têm lugar na pregação objetiva, pois prejudicam a unidade da mensagem e fazem o pregador desviar do assunto, divagar e, assim, desmotivar o auditório a continuar prestando atenção. E os ouvintes vão protestando:

"Que história mais espetacular! Fiquei pensando que naquela narrativa havia umas pinceladas de ficção."

A maioria dos ouvintes prefere ilustrações mais ajustadas, menos mirabolantes. O único espetáculo que faz jus a todo o brilho do pregador em sua apresentação é o do Deus feito homem, que deixou sua glória e veio a este mundo para tornar possível a nossa salvação. Histórias no púlpito devem ser contadas com a máxima discrição. Ouvintes menos crédulos protestam também contra narrativas de procedência e comprovação duvidosas.

"As pessoas ficaram se entreolhando. A grande dúvida era: será que isso realmente aconteceu?"

Essa pergunta é feita geralmente diante de fatos extrabíblicos, cuja autenticidade não parece ser de fácil comprovação. Às vezes são experiências vividas pelo pregador mesmo, mas que ao serem narradas parecem fantasiosas e até com um toque de ficção. *É preciso* ter cuidado com tais histórias. Já as ilustrações bíblicas não correm esse risco. Os relatos nelas inseridos são aceitos pelos fiéis sem contestação, e o pregador não precisa se esforçar para defender sua veracidade.

"O que o pregador quis ilustrar contando essa história?"

Geralmente tais expressões surgem quando a ilustração é de conteúdo espetacular, origem duvidosa, difícil compreensão ou aplicação dúbia. Algumas vezes, o perigo está em o pregador

apresentar experiências particulares, forçando-as a uma aplicação genérica. Deus nos trata de modo pessoal: o fato de o meu próximo ter recebido uma bênção não deve me fazer certo de que vou ser abençoado da mesma maneira. Algumas experiências são tão particulares que não servem para ser compartilhadas no púlpito.

Os ouvintes reclamam também quando a ilustração não se encaixa plenamente no foco da mensagem.

“Foi contada uma história que não tinha nada a ver com o sermão.”

Ilustração alheia à tese do sermão não cumpre o papel de ajudar o ouvinte a se lembrar da verdade comunicada. A narrativa precisa estar ajustada aos desafios apresentados, de modo que a lembrança dela avive na mente do ouvinte o ponto ilustrado. Se essa engrenagem não funcionar de modo perfeito, a ilustração perde sua função de trazer luz, tornando o assunto ainda mais obscuro. Quando o pregador conta uma história que nada tem a ver com o sermão, é como se estivesse dizendo: “Já que eu não tive algo relevante a comunicar, então esqueçam o que eu preguei e lembrem-se desta história”. Nesse caso, seria mais inteligente ter apenas contado a história ou, ainda melhor, não ter aceitado pregar.

“A ilustração não ajudou na compreensão do ponto apresentado. Ao contrário, só confundiu.”

Boas ilustrações são coerentes e estão ligadas à verdade central da mensagem. Craig Brian Larson, falando sobre a necessidade de emoção e de lógica nas ilustrações, menciona Haddon Robinson, que usou uma experiência pessoal, narrando sua frustração ao

tentar retirar um parafuso que tinha uma rosca invertida. Depois de, ajudado por um vizinho, descobrir por que não conseguia tirar o parafuso, ele comenta: “Levei cinquenta anos para aprender como funcionam os parafusos, e agora eles mudam as regras”. Algum ouvinte poderia pensar: “Por que ele está contando essa história? Onde ele quer chegar?”. Partindo desta experiência, Robinson fez a aplicação direta: “Num certo sentido toda a Bíblia é um tipo de rosca invertida. Tudo o que na cultura parece direito, na Bíblia está errado. O caminho para cima é o caminho para baixo”.²

Não atrole o ouvinte

É terrível quando qualquer parte do sermão caminha na contramão: em vez de ajudar, atrapalha; em vez de simplificar, complica; em vez de apresentar soluções, aumenta ainda mais a confusão. E isso acontece geralmente quando o pregador fala além do necessário. Foi o que aconteceu a este ouvinte:

“A ilustração apresentou detalhes perigosos, parecendo realçar uma ação que não devia ser imitada por nenhum cristão.”

O pregador contou a história de um pai, que afirmou ser um cristão piedoso e que expulsou o jovem filho de casa, porque a conduta dele não estava condizendo com os princípios da família. Esse detalhe é perigoso porque pode estimular alguém a fazer o mesmo. Um ouvinte que esteja passando por problemas com um filho pede a Deus que fale ao seu coração e, ao ouvir tal experiência, imagina: “Deus falou comigo. Se esse irmão piedoso agiu assim,

² *A arte e o ofício da pregação bíblica*, p. 604.

devo fazer a mesma coisa". Sabemos, no entanto, que o exemplo a ser seguido pelos pais no relacionamento com seus filhos não é o de um pai que expulsa o filho de casa, mas o daquele pai que acolhe o filho com amor e se alegra com a volta dele (Lc 15.11-32).

Dê vida à narrativa

Desenvolver-se na arte de dar vida às narrativas é um desafio a todos os pregadores. Nada é mais enfadonho que uma história contada sem entusiasmo e sem vida; e nenhum ouvinte é atraído por uma narrativa insípida e sem graça.

"A ilustração foi contada com muita frieza. O pregador pareceu distante, e um fato que poderia ter sido contado com graça e vida foi mencionado de modo muito seco".

Ilustrações precisam não só de lógica, mas de emoção. Larson afirma que se Robinson, na narrativa anteriormente descrita, tivesse simplesmente mencionado que alguns parafusos vêm com rosca invertida e que o mesmo pode acontecer com quem começa a ler a Bíblia, teria usado a lógica sem emoção, o que seria menos impactante.

Nós nos identificamos com a frustração de Haddon quanto a esse teimoso parafuso e com a sua surpresa de que existem roscas invertidas. Quando ele vincula essas emoções humanas comuns a uma grande verdade, a história se completa para nós.³

³ Idem.

14

Aprenda a parar

Muitos sermões transmitidos durante o culto são recados quilométricos resultantes de meditação e estudo milimétricos.¹

JOAN LARIE SUTTON



O pregador que é capaz de dizer o máximo com o mínimo de palavras, de aproveitar bem o tempo sem se tornar escravo do relógio, de terminar o sermão antes que a capacidade de atenção dos ouvintes termine, aprendeu a parar.



Um sermão não precisa ser interminável para ter valores eternos.²

CROFT PENTZ

O PASTOR MALAQUIAS ESTAVA PREGANDO, e Kleiber, o filho pequeno, sentado bem à frente, parecia atento. Depois de algum tempo, o menino foi perdendo a paciência e não conseguia mais ficar parado. Para surpresa de todos, ele se pôs diante do púlpito e, na autoridade de seus 4 anos, gritou: "Chega, pai! Pare, por favor!".

Com certeza, muita gente já pensou em fazer algo do tipo quando o pregador insiste em falar e, sem perspectiva de encerramento, prossegue tão mal que o ouvinte não fica só olhando o

¹ *Adoração, oração e ação*, p. 2.

² "I Preach Too long". *The Preacher's Magazine*, set./nov. de 1991, p. 32.

relógio o tempo todo, mas começa a balançar o braço achando que ele não está funcionando. E vêm as perguntas: Há quanto tempo ele está falando? Quantos minutos mais ele falará? Qual é o tempo ideal para duração de um sermão?

O tempo de duração do sermão é um assunto tão vasto que tem sido objeto de estudo em tese de doutoramento na área da teologia pastoral.³ E a pergunta inicial é: o que faz um sermão ser quilométrico? Creio ser melhor tentarmos trabalhar a resposta a essa questão sem relacionar o discurso ao cronômetro: sermão prolixo não é necessariamente o que levou mais tempo para ser pregado, mas o que, de tão mal elaborado e comunicado, tornou-se mais difícil de ser ouvido. O sermão é quilométrico quando, além de demorar, emprega mal o tempo. A grande dificuldade para muitos pregadores é encontrar o caminho para a síntese. O que é possível fazer para dizer mais em menos palavras? Como parar no momento certo?

Prefira textos menores

Nenhum texto bíblico deve ser excluído da prática homilética de qualquer pregador apenas por ter grande quantidade de palavras. Muitas vezes até precisamos fazer uma abordagem expositiva ou narrativa em uma porção maior das Escrituras. O que não podemos, no entanto, é deixar de reconhecer que os pequenos textos, vários até formados por apenas um versículo, são preciosos e mais adequados a um trabalho homilético, quando o pregador dispõe de menos tempo para pesquisa. Além do mais, os ouvintes protestam quando a leitura do texto básico se prolonga.

³ Jilton MORAES, *O valor da brevidade para a relevância da pregação: ensaio a partir de uma análise crítica no trabalho homilético de David Mein*.

"Com todo o respeito à Bíblia, mas o exagero começou na leitura do texto. Foi uma longa leitura, sem ênfase e sem vida; e, ainda pior, com alguns tropeções."

O lugar da leitura bíblica no culto e na vida dos fiéis é de suma importância. No entanto, não há dúvida de que qualquer leitura longa, mesmo a do texto básico, torna-se cansativa. O que fazer, então, quando a leitura do texto não é tão breve? A primeira ideia é pinçar um ou dois versículos. Se, por exemplo, o sermão for sobre o cego que Jesus curou, ordenando-lhe que fosse se lavar junto ao tanque de Siloé (Jo 9), temos 41 versículos que compõem a narrativa. Em vez de ler todo o texto, posso ler apenas o versículo 25: "Ele respondeu: 'Não sei se ele é pecador ou não. Uma coisa sei: eu era cego e agora vejo!'" e, dessa pequena leitura, pregar um sermão expositivo, usando toda a narrativa. Outra alternativa é ler apenas um dos blocos do texto, a parte em que a mensagem realmente se baseia. Há ainda a opção de fazer a leitura ao longo da mensagem: lendo e explanando em blocos menores.

Chega de repetição!

Não é por falar a mesma verdade várias vezes que o sermão chegará ao coração do ouvinte. A mensagem comunicada com argumentos claros e persuasivos dispensa a repetição. Precisamos ter em mente, no entanto, que há diferença entre a repetição usada para enfatizar e a repetição ingênua por falta de relevância. ↵

"Fico revoltado com tantas repetições desnecessárias. Elas aborrecem até os ouvintes mais despreparados; são um atentado à inteligência."

Esse problema ocorre com mais frequência quando a mensagem está para ser finalizada. Ouvi a história de um adolescente, filho de pastor, acostumado a ouvir sermões. O pai percebeu que ele começou a se retirar do culto antes do fim do sermão. Depois de algumas semanas, o pai perguntou ao filho porque ele estava procedendo daquele modo, e o rapaz respondeu prontamente: “Ouço o sermão até o ponto em que você começa a repetir tudo o que já disse antes, aí eu saio porque já sei o que você falou”. Esse pregador estava usando uma conclusão sumária, em que o pregador faz um resumo dos principais tópicos do sermão. A lição aqui é: em uma conclusão sumária devemos apresentar não muito mais do que o enunciado dos tópicos já apresentados.

“O pregador não sabia quando nem como
terminar a sua fala.”

Precisamos nos convencer de que não é pelo muito falar que somos ouvidos. Andy Stanley, em sua alegoria do trabalho do pregador como o de um motorista de caminhão, afirma: “Como motorista, eu tinha de achar a estrada efetiva para levar a minha carga ao destino no tempo exato, para suprir uma necessidade”.⁴ Essa ilustração do caminhoneiro mostra que o pregador é responsável pela entrega de uma mensagem, para suprir as necessidades dos seus ouvintes e que, para alcançá-los, precisa achar o meio de chegar ao coração deles. E mais um detalhe: ele diz, “no tempo exato”. O bom entregador não fica dando voltas: chega ao destino, entrega a encomenda e pronto, missão cumprida!

⁴ *Comunicação que transforma*, p. 46.

Alguém ainda está ouvindo?

Parafraseando o apóstolo Paulo, podemos afirmar que o pregador que insiste em falar quando os ouvintes perderam a capacidade de escutar é como o sino que ressoa ou como o prato que retine. Ele pode ter o dom da proclamação, saber todos os mistérios e possuir todo o conhecimento, e ter uma fé capaz de mover montanhas mas, se não for capaz de parar antes de perder a atenção dos seus ouvintes, nada será. E ainda que dê aos pobres tudo o que possui e entregue o corpo para ser queimado, se insistir em falar sem ter ouvintes para escutar o seu sermão, suas palavras não terão qualquer proveito.⁵

"O sermão foi tão longo que muita gente se retirou; e, quanto mais o povo saía, mais o pregador dizia que só ia parar no tempo certo."

Vale a pena repetir a pergunta: *Qual o tempo certo para terminar o sermão?* Como qualquer comunicação, a pregação tem começo, meio e fim. O que "alguns pregadores não sabem é parar quando de fato já terminaram. O sermão não precisa ser interminável para comunicar valores eternos".⁶ O pregador não precisa ficar procurando o que dizer no púlpito quando o que planejou falar acabou. Se alguém comunica seus sermões em vinte minutos e um dia se surpreende porque em quinze minutos o que tinha para dizer já acabou, não precisa ficar procurando o que falar. Os ouvintes não reclamam de sermões breves, desde que sejam relevantes, desafiadores e comunicados com vida.

⁵ Com base em 1Coríntios 13.1-3.

⁶ PENTZ, p. 32.

Não prometa terminar, termine

Muitos oradores prometem finalizar o discurso no intuito de prender a atenção dos ouvintes por mais algum tempo. Em qualquer momento do sermão, tais promessas são perigosas, mas o pior é que alguns pregadores adquirem o costume de repetir essa frase. Já ouvi o tão almejado vocábulo “terminando” logo no começo da mensagem.

“Por que tantos pregadores prometem terminar sabendo que ainda estão longe do final do sermão?”

Equivocadamente alguns pregadores acham que seus ouvintes, motivados pela promessa de uma breve finalização, terão condições de ouvir um pouco mais. É preciso cuidado, contudo, porque uma sucessão de *promessas quebradas* cria no ouvinte um sentimento de descrédito e revolta, que acaba por levar a um completo desligamento do que está sendo anunciado. É o que tem acontecido a vários ouvintes que relataram sua frustração.

“No começo eu até me animava, achando que ele ia terminar, mas depois descobri que o pregador prometia finalizar o sermão, mas não cumpria.”

Se houvesse um *Procon eclesiástico*, certamente estaria repleto de várias queixas de ouvintes que se sentem enganados com o descumprimento de promessas apresentadas, porém não levadas a sério. O que todo pregador precisa entender é que boas conclusões são breves. Tudo já deve ter sido comunicado no desenvolvimento do sermão, por isso não há motivo para insistir em continuar falando. É a mesma situação do passageiro que,

chegando ao destino, tem pressa em sair do ônibus, metrô ou avião que o conduziu.

Ouvintes e pregadores precisam considerar que a qualidade do sermão não pode ser medida por sua duração. Antes de nos preocuparmos com a extensão do discurso, é preciso considerar sua intenção, seu alvo e sua qualidade. Sermões devem ser pregados com o coração e ouvidos de todo o coração. No final do século 19, em 1888, Charles Spurgeon advertiu:

A apatia está por toda parte. Ninguém se preocupa em verificar se o que está sendo pregado é verdadeiro ou falso. Um sermão é um sermão, não importa o assunto; só que, quanto mais curto, melhor.⁷

⁷ Citado em John F. MACARTHUR, Jr., *Com vergonha do evangelho*, p. 5.

15

Há esperança

Enquanto se tem um motivo para viver, há sempre uma esperança; quando, porém, se perde totalmente a esperança, não há mais possibilidade de viver.¹

MERVAL ROSA



Há esperança para o pregador que, mesmo abatido pelas circunstâncias, busca crescer na graça do Senhor: novos frutos da sua pregação aparecem. Por mais que esteja tão desatualizado e debilitado que pareça morto, em comunhão com o Senhor, ele brotará e pregará entusiasticamente como um pregador renovado pelo Espírito.

JÓ 14.7-9, PARÁFRASE



Se os pastores forem gravetos secos a arder,
até lenha verde pegará fogo.²

HERNANDES DIAS LOPES

TRAZENDO O PENSAMENTO DE Merval Rosa para a pessoa do pregador e pensando na imensa responsabilidade que ele tem de anunciar a Palavra, podemos afirmar: Enquanto o pregador tem um

¹ *O ministro evangélico: sua identidade e integridade*, p. 62.

² *De pastor a pastor: princípios para ser um pastor segundo o coração de Deus*, p. 8.

motivo para pregar, há esperança para o púlpito; quando, porém, ele perde totalmente a esperança, não há mais qualquer possibilidade de sua pregação fazer diferença. A mensagem é dinâmica, e o pregador deve ser também, por isso há esperança. Por mais difícil que pareça a situação. Parafraseando Jó (14.7-9), podemos afirmar:

Há esperança para o pregador que, mesmo abatido pelas circunstâncias, busca crescer na graça do Senhor: novos frutos da sua pregação aparecem. Por mais que esteja tão desatualizado e debilitado que pareça morto, em comunhão com o Senhor ele brotará e pregará entusiasticamente como um pregador renovado pelo Espírito.

No entanto, o modo como muitos sermões são pregados deixa a desejar. Os ouvintes estão atentos também a alguns aspectos pertinentes à comunicação, e nesse item muitas são as queixas:

"O pregador parecia um morto-vivo: falava de esperança, mas dava para sentir que suas palavras estavam muito distantes daquilo que ele devia estar vivenciando."

Para levar esperança aos ouvintes, necessitamos vivenciá-la e não apenas apresentar a fórmula. As pessoas precisam sentir que as desafiamos a experimentar a vida plena que Jesus oferece (Jo 10.10), porque a presença dele faz diferença em nós. Infelizmente há pregadores que mais parecem robôs e pregam como se tivessem sido programados para isso.

Os sermões que pregamos precisam passar por nós para, só depois, alcançar os nossos ouvintes. Nem tudo está perdido. A pregação reconquistará seu lugar de destaque na vida dos ouvintes,

quando nós, pregadores, dermos o destaque que ele merece no nosso dia a dia. O que fazer então?

Construa pontes

É preciso que construam-se pontes pelo menos em duas direções: entre o texto e a atualidade e entre o pregador e o ouvinte. A distância abismal entre a verdade bíblica que queremos comunicar e o momento atual desaparece com a correta interpretação do texto e sua transposição para o momento em que estamos pregando. E a distância entre o pregador e o ouvinte deixa de existir quando a postura do comunicador é marcada pelo amor. Não devemos dividir o auditório em grupo dos salvos e grupo dos perdidos, mas pregar com o amor de Jesus, comunicando a mensagem dele que alcança todos com a alternativa de uma vida transformada e santificada. Quando isso não é levado em consideração, ouvintes se queixam:

“O sermão separou as pessoas em dois grupos — os que tinham Jesus e os que precisavam ter uma experiência com ele. E o pior é que isso causou constrangimento aos visitantes.”

Para anunciar o plano da salvação, o pregador não precisa criar uma situação incômoda. Comunicando com amor, os ouvintes compreenderão melhor a verdade sobre o amor de Deus e mais facilmente serão persuadidos a aceitar esse amor.

Valorize os ouvintes

A valorização dos ouvintes implica o desapego ao esboço. O apego em geral resulta da identificação que temos com alguém ou algo. No púlpito, no que diz respeito à relação pregador-esboço,

esse princípio vem na contramão: quando o pregador se apega demais ao esboço é porque o que está nele contido não lhe é familiar. Provavelmente, trata-se de um longo e desconhecido material que, por ser estranho, não permite ao comunicador desgrudar dele para considerar os ouvintes. Sem a atenção do pregador, o ouvinte levanta seu brado:

"O pregador não desgrudou do esboço um só momento."

Pode haver situação mais embaraçosa para um pregador do que não ter condições de olhar os seus ouvintes por correr o risco de não saber mais prosseguir? Se alguém não é capaz de saber o que vai comunicar e não foi marcado pelo conteúdo que pretende partilhar, como pode pretender que essa comunicação faça alguma diferença na vida das pessoas?

"Quando o pregador tirou os olhos do esboço e olhou os ouvintes, perdeu o foco de sua comunicação: ao voltar, não sabia mais onde se encontrava."

Segundo o testemunho desse ouvinte, o pregador perdeu-se de tal modo que, depois de voltar ao esboço, teve que admitir aos seus ouvintes que não sabia mais em que tópico da mensagem estava. Se o pregador se perde em suas próprias palavras, como espera que os ouvintes achem direção e se encontrem a partir delas?

"Ele até parecia ter um bom esboço, mas tornou-se escravo dele e não foi capaz de se comunicar bem."

Andy Stanley afirma: “Tenho visto muitos pregadores e palestrantes que se levantam e entregam uma mensagem como se estivessem lendo uma lista telefônica”.³ Infelizmente essa é a realidade em vários púlpitos. Estive em alguns cultos em que o pregador parecia bem à vontade para dar as boas-vindas, os avisos e até para participar do momento do louvor cantado, mas, na hora de pregar, ele se transformou em um poço de desânimo e inibição. A pergunta é: Por que falta a um pregador a capacidade de comunicar o seu sermão com desenvoltura?

“A insegurança do pregador era vista não apenas na comunicação verbal, mas nas expressões corporal e facial.”

O fato de concluir o manuscrito ou o esboço não significa necessariamente que a mensagem esteja pronta para ser proferida. Muitos sermões são pregados sem força e vigor porque os pregadores não estão seguros do conteúdo elaborado para apresentar aos ouvintes. As ideias previamente colocadas no papel precisam ser transformadas em um discurso oral. Não basta ter um esboço com todos os passos certos ou um impecável manuscrito. Devemos ter em mente que não distribuímos a cópia do sermão para ser lido pelos ouvintes, mas o apresentamos, a viva voz, olhando os ouvintes e sendo por eles observados.⁴

No começo de minha experiência como pregador, ao terminar o preparo do esboço, eu ficava tão alegre como se todo trabalho homilético tivesse findado. Depois, aprendi que a conclusão do esboço ou manuscrito é apenas o final de uma fase, mas a luta está somente começando. Em seguida, é preciso analisar frase por

³ *Comunicação que transforma*, p. 56.

⁴ MORAES, *Homilética, da pesquisa ao púlpito*, p. 178.

frase, palavra por palavra, o material colocado no papel. É quando aprendemos, em oração, a enxergar a necessidade e o valor do que ali está, de acordo com o propósito que pretendemos alcançar no sermão. Nessa fase, o pregador deve estar aberto a fazer alterações que tornem o esboço mais funcional. Também nessa fase o pregador consegue reduzir as anotações o máximo possível, sabendo que, quanto menos ficar preso ao esboço, mais solto estará para se comunicar com os ouvintes. “O pregador deve estar tão livre do seu manuscrito e dominar o assunto a tal ponto que consiga adaptar a apresentação de sua prédica ao *feedback* recebido.”⁵ Quando contamos uma empolgante experiência que vivemos, não ficamos na dependência de longas anotações.

Pregue a Palavra

Infelizmente, o descaso com a Palavra de Deus tem se tornado evidente nas atividades litúrgicas em muitas igrejas hoje. Falta compromisso sério com as Escrituras: são cultos planejados e executados sem base bíblica; a leitura de vários textos do Antigo e Novo Testamentos caiu em desuso; raros são os hinos e cânticos com uma clara e objetiva base bíblica; e, ainda pior, não há mais espaço no tempo do culto para a pregação da Palavra. “Na igreja contemporânea tudo parece estar na moda, exceto a pregação bíblica. O novo pragmatismo encara a pregação (particularmente, a pregação expositiva) como antiquada.”⁶ Precisamos lembrar que o bom pregador é primeiramente um expositor bíblico e, partindo do sermão expositivo, precisa estar apto para lançar mão de vários tipos de mensagens na sua comunicação.

⁵ KIRST, *Rudimentos de homilética*, p. 96.

⁶ MACARTHUR JR., *Com vergonha do evangelho*, p. 8.

O problema de muitos pregadores é o que se pode chamar de desvio de foco. Falta-lhes uma visão adequada da missão da igreja e do trabalho do pastor. Essa realidade é de tão grande importância que John Drescher, em seu livro *Se eu começasse meu ministério de novo*, dedica um capítulo à pregação da Palavra, no qual afirma que procuraria dedicar muito mais tempo ao estudo e à pregação. Os ouvintes, embora sejam raros os que têm coragem de falar diretamente com seus pastores, queixam-se quando o pastor deixa de dar prioridade à pregação para servir à máquina eclesiástica e denominacional. A queixa é:

"O meu pastor gagueja no púlpito porque não preparou o sermão. Se ele aproveitasse o tempo para se dedicar ao que é prioritário, acho que melhoraria, mas para ele parece que é mais importante ocupar funções destacadas na denominação, ou mesmo em um serviço voluntário, do que cumprir a função para a qual foi chamado e está sendo sustentado."

Lamentavelmente essa é uma queixa comum. Vários clamores se levantaram contra pregadores que parecem ter mais prazer nos serviços denominacionais do que nas atividades ministeriais. Drescher aborda a questão de pastores que fogem do que deveria ser sua principal obrigação e privilégio:

Um dos meios de escapar do estudo sério da Escritura é envolver-se em juntas, comissões, encontros e organizações da igreja e da comunidade. A incumbência de "pregar a Palavra" é negligenciada e o ministro ordenado acaba se devotando à grande quantidade e variedade de mecanismos da igreja e da comunidade, em detrimento do seu próprio crescimento espiritual, do ministério espiritual e da vida da igreja.⁷

⁷ *Se eu começasse o meu ministério de novo*, p. 26.

Outro importante fator que jamais podemos esquecer é que a Palavra deve ser pregada com amor. É terrível ver alguém no púlpito parecendo zangado, mas, ainda assim, há pregadores que passam a ideia de estar com raiva dos ouvintes. Conheci um irmão que telefonou ao pastor na segunda-feira porque ainda estava com medo da mensagem que ouvira no domingo, quando o pregador enfatizou tanto a condenação que até os fiéis ficaram inseguros. Ele finalmente achou conforto nas palavras de Paulo: “Portanto, agora já não há condenação para os que estão em Cristo Jesus” (Rm 8.1).

Nenhum sermão deve ser pregado para alcançar os intentos do pregador, mas para fazer o que agrada a Deus. Infligir medo não deve ser um recurso usado no púlpito, pois “no amor não há medo; ao contrário, o perfeito amor expulsa o medo” (1Jo 4.18). Lamentavelmente há pregadores que se tornam peritos em amedrontar os fiéis. É uma verdadeira indústria do medo no discurso religioso. “A pregação do pastor insiste em que, se a ovelha não der o dízimo, Deus mandará gafanhotos devoradores para destruir a empresa do coitado.”⁸ A esse respeito um ouvinte levantou o seu grito:

“O pastor pregou que quem não entregava o dízimo seria duramente castigado por Deus; ele falou de um homem que atrasou o dízimo e teve a bicicleta roubada. Estou com muito medo que roubem a minha bicicleta.”

Aqui temos outro caso do uso do medo como recurso para persuadir o ouvinte. Esse é o tipo de pregação que não tem como alvo apresentar o amor de Deus que excede todo o entendimento. O propósito específico de um sermão assim tem o intuito

⁸ CESAR, *Feridos em nome de Deus*, p. 74.

de amedrontar os ouvintes para que, temendo possíveis castigos, passem a ser dizimistas. O ouvinte saiu do templo com medo de que Deus mandasse um ladrão para roubar a sua bicicleta. Esse não é o Deus em nome de quem pregamos. A esperança para pregadores que assim agem é que eles verdadeiramente se convertam ao Senhor que insiste em nos amar quando teria toda a razão para deixar de fazê-lo.

Fale corretamente

Quando estou na condição de ouvinte e o pregador começa a truncar nosso idioma, perco a motivação para escutar o que ele gostaria de dizer. Meu pensamento é: se alguém não sabe falar a própria língua, como terá capacidade para instruir os outros em assuntos de tanta profundidade, como a mensagem da Palavra de Deus? E este é um dos detalhes mais observados pelos ouvintes. Ninguém gosta de ouvir alguém que não consegue falar sem incorreções gramaticais.

"O nosso idioma foi agredido com erros que feriram a língua que falamos e tiraram a elegância da comunicação."

Falar corretamente o nosso idioma é o mínimo que se espera de qualquer comunicador. No caso da comunicação sacra não é diferente. Quando o pregador tropeça no uso do próprio idioma cai no ridículo diante de seu auditório. Dos ouvintes mais piedosos ele pode até receber a compaixão, porém dificilmente a atenção. A ideia é que, se alguém não sabe a própria língua, como será capaz de ensinar as grandes verdades bíblicas? É bem verdade que alguns pregadores leigos, desprovidos de qualquer instrução formal, quase analfabetos, têm se tornado bons

comunicadores da Palavra. Precisamos considerar que, no dizer de Paulo, “a mensagem da cruz é loucura para os que estão perecendo, mas para nós, que estamos sendo salvos, é o poder de Deus” (1Co 1.18). Por outro lado, é bom que nos lembremos que o fato de Deus usar um pregador rude, que não teve oportunidade de se preparar, não significa que vai aprovar a preguiça daqueles que podem aprender, mas não o fazem.

Utilize palavras certas

Uma das qualidades do bom orador é saber escolher as palavras do seu discurso. No caso do orador sacro, o pregador, tal requisito é ainda mais fundamental. Púlpito é lugar de palavras escolhidas: somente vocábulos com clareza e elegância devem ser proferidos quando estamos falando do assunto mais importante que a humanidade já ouviu em todos os tempos:

No princípio era aquele que é a Palavra. Ele estava com Deus, e era Deus. [...] Aquele que é a Palavra tornou-se carne e viveu entre nós. Vimos a sua glória, glória como do Unigênito e vindo do Pai, cheio de graça e de verdade.

João 1.1,14

E quando o pregador descuida de seu vocabulário, as queixas podem ser ouvidas:

“Ouvi algumas palavras e expressões que não condizem com o linguajar do cristão e muito menos com a comunicação no púlpito.”

A reação do ouvinte é plausível. As palavras do pregador nos instruem, apontam o caminho em que devemos andar e nos admoestam

a não nos desviarmos dele nem para a direita, nem para a esquerda (Is 20.31). Quando o pregador se desequilibra, perde a condição de comunicador da Palavra, uma vez que “quem fala com equilíbrio promove a instrução” (Pv 16.21). E o ouvinte, em sua frustração, lamenta:

“Naquele dia eu ouvi coisas no púlpito que nem fora do ambiente da igreja queremos escutar.”

A linguagem do cristão deve ser apropriada. A recomendação que recebemos do apóstolo Paulo foi: “Nenhuma palavra torpe saia da boca de vocês, mas apenas a que for útil para edificar os outros, conforme a necessidade, para que conceda graça aos que a ouvem” (Ef 4.29). Por “palavra torpe” devemos entender: *palavra imprópria* (Bíblia Interconfessional); *palavra inconveniente* (Bíblia de Jerusalém — BJ); e *palavras que fazem mal aos outros* (NTLH). Não é com uma linguagem imprópria e inconveniente que a palavra da verdade é comunicada. O fato de o pregador utilizar um palavreado vulgar é um desestímulo à atenção dos ouvintes. Se a vulgaridade no falar deve ser evitada por qualquer pessoa, em qualquer lugar, quanto mais no púlpito, para um pregador que pretende comunicar as boas-novas da Palavra de Deus.

Fuja das lacunas e vícios de linguagem

Na boa comunicação não há lugar para lacunas, espaços vazios e o uso de gírias e jargões. É comum ouvirmos sermões em que não só as lacunas estão presentes, como são preenchidas com vícios de linguagem. Talvez o mais comum deles seja a pergunta “né?”. Uma contração de “não é?”. A palavra “OK” é também usada em ocasiões em que o pregador parece estar aguardando para completar

seu pensamento. Os ouvintes estão atentos a esses ruídos na comunicação e falam dele:

"O pregador falava 'ham..., ham...' o tempo inteiro. Parecia estar procurando as palavras. Foi terrível."

O pregador precisa se policiar para não cair em tais incorreções. Uma palavra que vem sendo bastante utilizada nos últimos tempos para preencher os vazios da comunicação é o famoso "amém perguntado". Mais terrível ainda é quando ele é introduzido completamente fora de propósito.⁹

Movimente-se na medida certa

Uma preocupação dos pregadores iniciantes é com gestos no púlpito. *Como devo gesticular enquanto estou pregando?* A essa frequente pergunta respondo simplesmente: movimente-se no púlpito como você se movimenta no seu dia a dia. É óbvio que a resposta não é um passaporte à acomodação. Todo comunicador precisa estar aberto a melhorar, mas ninguém deve abandonar o seu estilo pessoal a fim de alcançar as pessoas em seu discurso. Em outras palavras, minha recomendação é: seja você mesmo e busque aperfeiçoar-se. Uma inadequada movimentação desagrade os ouvintes:

"Fiquei incomodado porque o pregador gesticulava demais. Pareceu agitado e ansioso; isso me deixou um tanto inquieto."

⁹ MORAES, *Homilética, do púlpito ao ouvinte*, p. 125.

Os ouvintes esperam encontrar equilíbrio e tranquilidade no pregador. Movimentos bruscos e gestos em demasia traduzem uma comunicação agitada, apressada, o que deixa os ouvintes inquietos. A aparente impaciência do pregador leva o auditório a perder a capacidade de concentração. Quem se movimenta apressadamente enquanto fala, tende a falar acelerado; e, quando isso acontece, algumas pessoas não conseguem compreender tudo que está sendo dito. Por outro lado, gestos vagarosos demais também desagradam os ouvintes, e eles criticam:

“O pregador ficou tão parado que lembrava um manequim”.

Se o estilo pessoal de quem está no púlpito é mesmo calmo, se é alguém contido no falar e que utiliza a expressão corporal com parcimônia, o melhor a fazer é tentar aos poucos dinamizar a comunicação, trabalhando não só os gestos, mas a impostação da voz e a expressão facial. Um pregador, ainda que com gestos pequenos ou quase ausentes, pode desenvolver a habilidade de comunicar com os olhos e utilizar bem a expressão facial. Desse modo, dificilmente será visto como um manequim.

Comunique com clareza

Não é a erudição do orador ou a beleza do discurso que fazem a boa comunicação. E no púlpito isso é ainda mais real, uma vez que, sem clareza, não há comunicação, e, sem comunicação, não há boa pregação. Kirst menciona Lutero, para quem um dos elementos mais importante de uma boa prédica era a simplicidade:

O pregador deve ser capaz de ensinar às pessoas simples e iletradas de modo singelo, arredondado e correto, pois ensinar é mais importante que admoestar. Temos que ser amas de leite; temos que

ser como a mãe que dá de mamar ao filhinho, balbucia e brinca com ele, dá-lhe o peito para mamar, e não pode dar vinho, nem bebida forte. [...] Eu sou inimigo ferrenho daqueles que, nas suas prédicas, se orientam pelos ouvintes importantes e eruditos, e não pelo povo em geral; a este não dão atenção. Lidar com palavras altissonantes e pomposas estraga e destrói mais do que constrói.¹⁰

Um sermão primorosamente elaborado não terá qualquer proveito se não for acessível ao ouvinte. Por mais que a mensagem tenha base bíblica, conteúdo profundo, com citações do hebraico, do grego e até de outros idiomas, aliados a uma elaboração primorosa e uma comunicação dinâmica, se não for compreensível ao auditório, o pregador só terá perdido o seu tempo. E isso o ouvinte deixa bem claro:

“O sermão foi bonito, mas eu não entendi nada.”

No passado a reverência à pessoa do pregador era tanta que, mesmo sem compreender o sermão, os ouvintes prestavam toda atenção às palavras que ele falava e depois ainda o elogiavam. E quando alguém ousava perguntar o que esse indivíduo havia entendido da mensagem, ele diria que um pobre pecador como ele jamais teria a pretensão de compreender as palavras angelicais de um ser tão espiritualmente elevado quanto aquele pregador. Esse tempo existiu; era assim na minha infância, mas hoje, graças a Deus, as pessoas que se sentam nos bancos querem compreender o sermão e, se não conseguem, protestam:

“O pregador falou muito. Ele parecia ter um vasto conhecimento, mas não foi capaz de comunicar com clareza.”

¹⁰ *Rudimentos de homilética*, p. 182.

A causa da obscuridade é a falta de um propósito para o sermão e a incapacidade de nele se firmar. “Se o pastor pretende que tudo fique claro no sermão tem que, em primeiro lugar, estar certo do seu objetivo e depois ter senso de direção.”¹¹ No passado, as pessoas iam ao templo e se contentavam em ouvir o pregador, ainda que em determinadas ocasiões não compreendessem exatamente o que ouviam.

Martyn Lloyd Jones narra uma experiência que serve como alerta a respeito da necessidade de clareza na comunicação. A personagem é uma mulher simples que, depois de ouvir “um grande e erudito pregador em uma famosa igreja em Edimburgo”, foi-lhe perguntado se havia gostado do sermão. Não satisfeito com a resposta afirmativa da mulher, seu interlocutor fez-lhe uma segunda indagação: perguntou se ela havia compreendido o que fora dito. Ao que ela respondeu: “Longe de mim presumir que poderia entender tão grande homem como aquele”. Lloyd-Jones completa: “Essa era, com excessiva frequência, a atitude antiga; mas isso já desapareceu e não é mais o caso. Estamos em uma nova posição, na qual os ouvintes nos bancos estão insistindo nos seus direitos...”¹²

A clareza no púlpito é imprescindível para que o sermão seja a apresentação da Palavra, não a exibição de um homem ou uma mulher. David Fetzner afirma:

Ao apresentar uma verdade espiritual aos ouvintes ou desafiá-los de algum modo, lembre-se de que a linguagem clara, conhecida, concreta e concisa os ajudará a ver, sentir e entender a mensagem de modo a aplicá-la na vida pessoal.¹³

¹¹ BLACKWOOD, *A preparação de sermões*, p. 196.

¹² *Pregação e pregadores*, p. 88.

¹³ “Agora, transmita a mensagem”. In: KOESSLER, ed., *Manual de pregação*, p. 369.

Quando o pregador que não comunica de modo claro perde a condição de porta-voz do Senhor, deixou de ser servo fiel. A esse respeito, o pastor Irland Azevedo declarou: “O pregador que fala para não ser entendido faz o jogo do Maligno ao permitir que a semente seja destruída, porque lançada à beira do caminho”.¹⁴

Pinte quadros atraentes

O comunicador trabalha com as palavras, assim como o pintor trabalha com as tintas. Do mesmo modo que a mistura das tintas pode resultar em quadros fascinantes, medíocres ou desprezíveis, o uso das palavras produz uma pregação atraente, um discurso medíocre ou uma fala repulsiva. Até mesmo entre as narrativas bíblicas, há textos encantadores e textos aparentemente desprovidos de encanto. Nesse sentido, é mais fácil apresentar *a beleza dos lírios dos campos* (cf. Mt 6.28-30) do que *a imundície dos sepulcros* (cf. Mt 23.27).

Um pregador que decidir falar sobre *o vale de ossos secos* (cf. Ez 37.1-14) não deve começar dizendo:

Hoje nós vamos andar com o profeta junto a um amontoado de ossos humanos; ouviremos Ezequiel profetizar a esses ossos, os veremos se juntando uns aos outros e contemplaremos corpos formados, um amontoado de cadáveres. E, pela ordem do Senhor, o Espírito entrará neles, eles viverão, levantar-se-ão e serão um exército sobremodo numeroso.

O ideal seria começar falando sobre andar, citar os lugares onde preferimos passear, os detalhes que geralmente admiramos; depois comentar que algumas pessoas têm o costume de ler epitáfios; e só então mencionar que o texto do dia vai encontrar uma personagem andando em um local que estava cheio de ossos humanos.

¹⁴ Entrevista com Irland Azevedo, abr. de 1993.

Viva como pregador

A esperança para o púlpito começa em nós, pregadores. É imprescindível que vivenciemos uma total submissão à vontade de Deus. A responsabilidade de falar em nome do Senhor exige de nós o máximo de entrega para que a vontade dele se cumpra. “Qualquer coisa abaixo de uma submissão completa e incondicional a Deus compromete a possibilidade de a vontade de Deus se cumprir em nós e por meio de nós.”¹⁵

Viver como pregador é o maior desafio que alguém pode ter diante de si. E isso só se torna possível na mais completa dependência de Deus. Depois de lembrar que a oração tem um lugar essencial no preparo da prédica, Kirst menciona Lutero, que afirmou:

Quando quiserem pregar, falem com Deus e digam: Senhor, meu Deus, quero pregar para a tua glória, quero falar de ti, louvar-te, exaltar o teu nome, embora não saiba fazê-lo tão bem quanto gostaria.¹⁶

É necessária uma volta ao passado, dando prioridade ao ministério da pregação e pagando o preço que a elaboração de um bom sermão exige. Rosalie de Rosset afirmou:

Assim como os grandes escritores, os grandes pregadores devem encantar. A mais excelente pregação deve custar algo do pregador. Ela é exigente, reverencia a linguagem, narra histórias antigas de maneiras novas e profundas. É raio e sol. Sua visão e seu *ethos* ficam poderosamente gravados em nossos sentidos e espírito. Ela requer a leitura dos grandes romances que enchem a alma

¹⁵ Kevin W. MANNOIA, *O fator integridade: a força do caráter no desenvolvimento da liderança*, p. 42.

¹⁶ *Rudimentos de homilética*, p. 178.

de expectativa e curiosidade e geram deleite, persuasão e transformação.¹⁷

Não são só os pastores que precisam pagar o preço. As igrejas devem reconhecer a excelência daquele que não tem do que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade (2Tm 2.15). Os homens e mulheres que vivem do ministério da Palavra devem ser sustentados com dignidade. Paulo foi bem claro ao declarar: “Os presbíteros que lideram bem a igreja são dignos de dupla honra, especialmente aqueles cujo trabalho é a pregação e o ensino” (1Tm 5.17). “Duplicada honra” (MT¹⁸), “dobrados honorários” (RA), “dupla remuneração” (BJ) para aqueles que empregam o melhor de suas energias e capacidade na causa do Mestre, “especialmente os que labutam na pregação e no ensino” (MT), “com especialidade os que se afadigam na palavra e no ensino” (RA), “sobretudo os que trabalham no ministério da palavra e na instrução” (BJ). O sentido é que os pregadores que trabalham até a exaustão no ministério da Palavra são dignos de receber maior honra do seu rebanho. Esse lembrete paulino, antes de ser uma chamada aos fiéis a cuidar dos seus pastores, é uma advertência aos pastores a uma completa dedicação à tarefa de falar em nome do Senhor. O pastor é sustentado pela igreja, mas sua motivação em dar o melhor não deve estar na dependência de receber o máximo financeiramente. No caso do pregador, é válido o princípio apresentado por Bill Hybels: “A energia para servir aumenta à medida que vemos transformação na vida daqueles a quem servimos”.¹⁹

Em minha experiência, servindo em outras funções além do pastorado, aprendi alguns princípios que têm me ajudado muito no ideal de dar prioridade ao ministério da Palavra:

¹⁷ “Abater o Diabo”. In: KOESSLER, *Manual de pregação*, p. 255.

¹⁸ Bíblia Sagrada Melhores Textos. Rio de Janeiro: Juerp, 1967.

¹⁹ *A revolução no voluntariado*, p. 124.

- Orar sem cessar e manter um programa de estudos bíblicos sério, sabendo que só assim é possível ter o que falar em nome do Senhor e condições de fazê-lo embasado na Palavra dele.

- Buscar conhecer o povo e suas necessidades para ter condições de tratar de assuntos relevantes que apresentem respostas aos seus problemas e anseios.

- Anotar as ideias para sermões no momento em que elas surgem. Algumas vezes até pulando da cama para anotar um pensamento que surgiu inesperadamente.

- Observar um tempo diário destinado à preparação para o púlpito, envolvendo práticas devocionais, conhecimento e aprofundamento de textos bíblicos, arranjos homiléticos e maturação do esboço.

- Ler o texto básico a ser usado no sermão pelo menos cinquenta vezes, sempre em atitude de meditação no significado desse texto aos seus primeiros destinatários e na sua aplicação para o momento.

- Ouvir ao máximo o que Deus me fala naquele texto básico, a fim de não tentar transmitir ao povo qualquer detalhe que não esteja na passagem bíblica.

- Trabalhar um programa de pregação, não apenas um sermão. Um dos melhores auxílios aqui foi o calendário de pregação, que me ajudou a vencer a crise pela busca de ideias.

- Aproveitar os intervalos de tempo em outras atividades. Exemplos: enquanto espera alguém ser atendido na clínica pastoral, enquanto os alunos estão envolvidos em outras atividades acadêmicas etc., de alguma forma estudar o sermão.

- Selecionar e utilizar novas ilustrações, mantendo para isso um arquivo pessoal onde todo material útil ao trabalho homilético é identificado e guardado.

- Procurar o melhor entre os recursos homiléticos para tornar o sermão mais simples e acessível à compreensão do ouvinte,

deixando de lado quaisquer fórmulas complexas que dificultem a compreensão do ouvinte.

Afinal, existe maior privilégio do que ser um pregador? O que pode dar mais prazer a quem prega do que a convicção de que é um servo que está trabalhando para, com a Palavra do Senhor e no poder do Espírito Santo, dar às pessoas a chance de saírem das trevas para a luz? Joseph Stowell declara: “Meu objetivo ao pregar não é fazer de mim um grande pregador, mas um pregador eficaz”.²⁰ Qual a diferença entre um grande pregador e um pregador eficaz? O grande pregador é aquele que se torna conhecido e prestigiado pela sua pregação e se realiza em ser visto como um grande pregador. O pregador eficaz é aquele que, mesmo sem se tornar conhecido, mesmo sem alcançar notoriedade, tem uma pregação que faz diferença; ele sabe que é simples instrumento e, no dizer de Stowell, “a lembrança de que Deus falou até por intermédio de uma jumenta, no Antigo Testamento, coloca-me no meu devido lugar”.²¹

A vida do pregador requer entrega humilde, pois consiste em tudo realizar para o louvor da glória de Cristo, em nome de quem pregamos. Pregação não é exibição; é apresentação humilde. É conhecida a história do pregador que se apresentou cheio de ostentação e orgulho, mas, à medida que falava, seu fracasso foi se tornando mais e mais visível. Quase não conseguiu concluir o sermão. Ao descer do púlpito, estava envergonhado e cabisbaixo; a exaltação havia cedido lugar à humilhação. À saída, na porta do templo, um ouvinte lhe falou: “Se você tivesse subido como desceu, desceria como subiu”.

João, o Batista, foi sábio ao se apresentar tão somente como uma voz. A pregação dele apontava para a glória do Cristo:

²⁰ “Por que amo pregar”. In: KOESSLER, ed., *Manual de pregação*, p. 65.

²¹ Idem.

“Eu os batizo com água. Mas virá alguém mais poderoso do que eu, tanto que não sou digno nem de desamarrar as correias das suas sandálias. Ele os batizará com o Espírito Santo e com fogo. Ele traz a pá em sua mão, a fim de limpar sua eira e juntar o trigo em seu celeiro; mas queimará a palha com fogo que nunca se apaga.” E com muitas outras palavras João exortava o povo e lhe pregava as boas-novas.

Lucas 3.16-18

A lição de Spurgeon aos seus alunos sobre o uso da voz foi: “Não pensem muito nisso, pois, conseguir a voz mais agradável nada é se não houver algo que dizer”.²² Ele estabeleceu um paralelo entre o uso da voz do pregador e a apresentação humilde: “Vocês não são cantores, mas pregadores; sua voz é de secundária importância; não se envaideçam com ela, nem se levantem como se fossem inválidos, como tantos o fazem”.²³

É lamentável vermos pregadores no presente momento colocando seu nome antes do nome de Jesus. São pessoas que se apresentam em tamanha grandeza que até parece que querem competir com o Rei da glória. É terrível vermos alguém se apresentar como pastor evangélico, ostentando pose de grandeza. A um autêntico servo do Cristo que viveu a humildade absoluta não resta opção, a não ser considerar os outros superiores a si mesmo e viver desprovido de toda empáfia. Somente quando abandonamos a máscara da grandeza e carregamos humildemente a cruz, seguimos os passos do Mestre. Quando alguém prega humildade e vive ostensivamente, suas palavras se tornam como a palha que o vento leva (Sl 1.4), como o sino que ressoa ou como o prato que retine (1Co 13.1).

²² *Lições aos meus alunos*, vol. 2, p. 142.

²³ *Idem*.

Traga o ouvinte para o púlpito

A proposta não é necessariamente fazer do ouvinte um pregador, mas transformá-lo em intercessor. As pessoas que intercedem pela pregação de seu pastor são as que mais valorizam o trabalho homilético. No entanto, é bom lembrar que a oração não dispensa o esforço do pregador. Há um indispensável trinômio a ser considerado: *oração + ação = boa pregação*. Frank Laubach afirmava aos seus ouvintes: “Quando vocês oram por mim, sinto um poder que me é estranho. Quando todos os membros de uma congregação oram fervorosamente enquanto o pastor prega, um milagre acontece”.²⁴ Sem a força da oração, nenhum pregador será realmente vitorioso; tanto que “Spurgeon atribuía o seu sucesso às orações da sua igreja”.²⁵ Ele realçou a importância do próprio pregador viver uma vida de oração: “Se há algum homem debaixo do céu, compelido a cumprir o preceito — ‘orai sem cessar’ — certamente é o ministro cristão”.²⁶

Certamente o modo distante de muitos pregadores tem motivado uma queda no conceito sobre as pessoas chamadas a pregar. Bill Hybels observa que “a opinião que as pessoas têm dos pastores tem mudado com o tempo. Hoje em dia ninguém decide ser pastor pelo *status* ou pela posição que vai ocupar”.²⁷ Então você pergunta: Como é que um pastor pode trazer seus ouvintes para o púlpito? Veja algumas sugestões:

1) Mostre à igreja, não só em palavras, mas na excelência dos seus sermões, a importância da pregação em sua vida e ministério.

²⁴ Citado em Richard FOSTER, *Celebração da disciplina: o caminho do crescimento espiritual*, p. 79.

²⁵ Idem.

²⁶ *Lições aos meus alunos*, vol. 2, p. 49.

²⁷ *Predicando a personas del S. 21*, p. 28.

2) Transforme os seus ouvintes, membros de sua igreja, em intercessores do ministério da pregação.

3) Forme um grupo de avaliação, composto de uns seis ouvintes, de diferentes faixas etárias, e renovável a cada semana, dando-lhes a oportunidade de expressar o que entenderam de seu sermão.

4) Crie uma ocasião adequada para que os ouvintes apresentem suas dúvidas sobre o último sermão que você pregou.

5) Organize uma classe de pregadores leigos e ensine as pessoas interessadas a elaborar e pregar um sermão.

6) Mantenha cultos e congregações em pontos estratégicos, nos lares onde esses novos pregadores tenham oportunidade de apresentar suas prédicas.

7) Esteja aberto às críticas construtivas e sugestões que os ouvintes desejem encaminhar.

Trazer o ouvinte para o púlpito não significa perder a condição de ministrar. Por mais que o pastor se aproxime do povo, jamais deve perder a condição de ministrar a palavra certa no momento adequado. Em um momento de crise, quando a pessoa precisa ser confortada e confrontada com a Palavra, o pastor não deve estar tão envolvido emocionalmente que não tenha condições de atuar de modo efetivo. É o caso do pastor que, em vez de falar, começa a chorar.

Nós pregadores temos que ser mais que simples “companheiros de lutas”. Não vamos poder ajudar ninguém se lhe transmitimos que é um perdedor e que nós também o somos e que a única saída que nos resta é perdermos juntos.²⁸

²⁸ Idem, p. 32.

Deixe a igreja ser igreja

A motivação de alguns pregadores é o crescimento numérico a qualquer custo. O desenvolvimento do trabalho é importante, mas deve acontecer de modo harmônico, integral, fundamentado em princípios bíblicos e em uma teologia bíblica. A igreja não precisa nem deve ser reduzida a um circo para alcançar pessoas. Em seu livro *Com vergonha do evangelho* John MacArthur afirma que “o entretenimento está rapidamente se tornando a liturgia da igreja pragmática”.²⁹

Outro fator que ameaça desconfigurar a igreja é a proposta irresponsável da garantia de prosperidade. Para alguns pregadores, é mais fácil alcançar pessoas com promessa de acesso às riquezas, porém precisamos ser honestos em pregar o evangelho na sua essência e pureza, sem promessas ilusórias de vantagens materiais. Pregadores necessitam de uma teologia bíblica que os conduza à compreensão de que “O verdadeiro sucesso não é prosperidade, poder, proeminência, popularidade ou qualquer outro conceito mundano de sucesso. Sucesso genuíno é fazer a vontade de Deus, apesar das consequências”.³⁰

Essa confusão, que parece inovação do momento, não é tão nova assim. Spurgeon já advertia:

O fato é que muitos gostariam de unir igreja e palco, barulho e oração, danças e ordenanças. Se nos encontramos incapazes de frear essa enxurrada, podemos, ao menos, prevenir os homens quanto à sua existência e suplicar que fujam dela. Quando a antiga fé desaparece e o entusiasmo pelo evangelho é extinto, não é surpresa que as pessoas busquem outras coisas que lhes tragam satisfação. Na falta de pão se alimentam com cinzas; rejeitando o caminho do Senhor, seguem avidamente pelo caminho da tolice.³¹

²⁹ *Com vergonha do evangelho*, p. 13.

³⁰ Idem.

³¹ Idem, p. 73.

A grande indagação é: Como o mundo será alcançado com a mensagem de Cristo? Paulo declarou não se envergonhar do evangelho, por ser poder de Deus, para a salvação de todo aquele que crê (Rm 1.16). Não é pelo pretensão poder de qualquer pregador ou pelas peripécias que ele e sua equipe tentem realizar, mas pelo poder do Espírito Santo: poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê. O convite de Jesus, mesmo sendo uma garantia de vida (Jo 5.39-40; 10.10), não é um passaporte para uma vida de benefícios e facilidades. Ao contrário, é um desafio à mais completa renúncia: somos chamados a viver com ele e a morrer por ele.

Outra característica da igreja da qual não podemos nos esquecer é o chamado para ser uma comunidade terapêutica. É triste ver pregadores que falam mais na condenação do que na salvação, que deveria ser o centro da mensagem. No dia em que alguém não for capaz de acreditar na possibilidade do ser humano de recuperar-se e realizar-se, terá perdido toda condição para ser pregador da mensagem que restaura e transforma.

Voltemos à paráfrase que abre este capítulo:

Há esperança para o pregador que, mesmo abatido pelas circunstâncias, busca crescer na graça do Senhor: novos frutos da sua pregação aparecem. Por mais que ele esteja tão desatualizado e debilitado, que pareça morto, em comunhão com o Senhor brotará e pregará entusiasticamente como um pregador renovado pelo Espírito.

Há esperança, sim, para nós, pregadores e pregadoras, que nos fizemos humildes como crianças e que, colocados nas mãos do Senhor, nos dispusermos a aprender e a aperfeiçoar a nossa pregação.

Há esperança para nós que amamos a Palavra do Senhor e buscamos comunicá-la no poder do Espírito Santo, sabendo que

o ministério da pregação nunca será vão para nós e para os nossos ouvintes.

Há esperança para nós que, mesmo andando e chorando, persistimos em seguir pregando, na certeza de que com cantos de alegria voltaremos com frutos do trabalho do Senhor (Sl 126.5-6).

Há esperança para nós, porque pregamos sabendo que não há no mundo privilégio maior, nem responsabilidade mais exigente, do que falar em nome do Senhor.

Há esperança se, à semelhança de João Batista, pregarmos na convicção de que somos uma simples voz a serviço daquele que é a Palavra e veio até nós.

Bibliografia

- ANGLADA, Paulo. *Introdução à pregação reformada: uma investigação histórica sobre o modelo bíblico reformado de pregação*. Belém: Knox Publicações, 2005.
- AZEVEDO, Irland Pereira. *De pastor para pastores — um testemunho pessoal*. Rio de Janeiro: Juerp, 2001.
- BENNETT, Bill. *Thirty Minutes to Raise the Dead*. Nashville: Thomas Nelson, 1991.
- BLACKWOOD, Andrew W. *A preparação de sermões*. Rio de Janeiro: Juerp e São Paulo: Aste, 1981.
- BROWN JR., H. C. et al. *Steps to the Sermon*. Nashville: Broadman, 1963.
- CARVALHO, Dirce de. *Homilia: a questão da linguagem na comunicação oral*. São Paulo/São Leopoldo: Paulinas/Sinodal, 1993.
- CESAR, Marília de Camargo. *Feridos em nome de Deus*. São Paulo: Mundo Cristão, 2009.
- CHAPELL, Bryan. *Pregação cristocêntrica*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.
- CRANE, James. *O sermão eficaz*. Rio de Janeiro: Juerp, 1989.
- DEYOUNG, Kevin e KLUCK, Ted. *Por que amamos a igreja*. São Paulo: Mundo Cristão, 2010.
- DRAKFORD, John W. *El humor en la predicación*. El Paso Paso, 1991.
- DRESCHER, John M. *Se eu começasse o meu ministério de novo*. Campinas: Cristã Unida, 1997.
- EWALD, Verner. *Música e igreja: reflexões contemporâneas para uma prática milenar*. São Leopoldo: Sinodal/Conselho

- Nacional de Música da IECLB; Porto Alegre: Coordenação de Música da IECLB, 2010.
- FANT, Clyde E. *Preaching for Today*. New York: Harper & Row Publishers, 1977.
- FOSTER, Richard. *Celebração da disciplina: o caminho do crescimento espiritual*. São Paulo: Vida, 2007.
- GARDNER, E. C. *Fé bíblica e ética social*. São Paulo: Aste, 1965.
- GREIDANUS, Sidney. *O pregador contemporâneo e o texto antigo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.
- HYBELS, Bill. *A revolução no voluntariado*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.
- _____. BRISCOE, Stuart e ROBINSON, Haddon. *Predicando a personas del S. XXI*. Barcelona: Clie, 2008.
- JOWETT, John Henry. *O pregador, sua vida e sua obra*. Campinas: Editora Presbiteriana, 1969.
- KELLEY, Page. *Mensagens do Antigo Testamento para os nossos dias*. Rio de Janeiro: Juerp, 1980.
- KEY, Jerry. *O preparo e a pregação do sermão*. Rio de Janeiro: Juerp, 2001.
- KIRST, NELSON. *Rudimentos de homilética*. São Paulo: Paulinas e São Leopoldo: Sinodal, 1985.
- KNOX, John. *A integridade da pregação*. São Paulo: Aste, 1964.
- KOESSLER, John. Ed. *Manual de pregação*. São Paulo: Vida Nova, 2010.
- KOLLER, Charles. *Pregação expositiva sem anotações*. São Paulo: Mundo Cristão, 1984.
- LARSEN, David L. *Anatomia da pregação*. São Paulo: Vida, 2005.
- LEWIS, Ralph e LEWIS, Gregg. *Pregação indutiva: como pregar de modo que as pessoas ouçam*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

- LLOYD-JONES, D. Martyn. *Pregação e pregadores*. São Paulo: Fiel, 1984.
- LOPES, Hernandes Dias. *De pastor a pastor: princípios para ser um pastor segundo o coração de Deus*. São Paulo: Hagnos, 2008.
- LUTZER, Ervin. *De pastor para pastor*. São Paulo: Vida, 2000.
- MACARTHUR JR., John F. *Com vergonha do evangelho*. São Paulo: Fiel, 2004.
- _____. *Redescobrimdo o ministério pastoral*. Rio de Janeiro: CPAD, 1998.
- MANNOIA, Kevin W. *O fator integridade: a força do caráter no desenvolvimento da liderança*. São Paulo: Mundo Cristão, 2009.
- MARAFON, Onir M. *Pregação, liturgia e comunicação*. In: COSTA, Rovídio, *Práticas de comunicação*. Porto Alegre: Correio Rio Grandense, 1983.
- MARCEL, Pierre Ch. *The Relevance of Preaching*. Grand Rapids: Baker Book House, 1977.
- MARINHO, Robson. *A arte de pregar: como alcançar o ouvinte pós-moderno*. São Paulo: Vida Nova, 2009.
- MARTIN, Al. *O que há de errado com a pregação de hoje?* São Paulo: Fiel, s/d.
- MAXWELL, John *Todos se comunicam, poucos se conectam*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2010.
- MCDILL Wayne V. *The Moment of Truth: A Guide to Effective Sermon Delivery*. Nashville: Broadman, 1999.
- MORAES, Jilton. *O valor da brevidade para a relevância da pregação: ensaio a partir de uma análise crítica no trabalho homilético de David Mein*. Tese (Doutorado em Teologia). Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil, Recife, 1993.

- _____. *Homilética, do púlpito ao ouvinte*. São Paulo: Editora Vida, 2008.
- _____. *Ilustrações e poemas para diferentes ocasiões*. São Paulo: Editora Vida, 2010.
- _____. *Púlpito, pregação e música*. Rio de Janeiro: Convicção, 2010.
- MORGAN, Campbell. *El Ministerio de la Predicación*. Barcelona: Clie, 1984.
- NICODEMUS, Augustus. *O que estão fazendo com a igreja?* São Paulo: Mundo Cristão, 2008.
- PADILHA, Adilmar Luiz Martins. *A carência e a falência dos púlpitos no movimento evangélico brasileiro: uma visão panorâmica*. (Dissertação de Mestrado). São Leopoldo: EST, 2010.
- PATTINSON, Harwood T. *The Making of the Sermons*. Philadelphia: The American Baptist Publication Society, 1941.
- PIPER, John. *A supremacia de Deus na pregação*. São Paulo: Shedd Publicações, 2003.
- POLITO, Reinaldo. *Recursos visuais nas apresentações de sucesso*. São Paulo: Saraiva, 2003.
- REGA, Lourenço Stélio. *Paulo: sua vida e sua presença ontem, hoje e sempre*. São Paulo: Vida, 2004.
- ROBINSON, Haddon e LARSON, Craig Brian. *A arte e o ofício da pregação bíblica*. São Paulo: Shedd Publicações, 2009.
- ROSA, Merval. *O ministro evangélico: sua identidade e integridade*. Recife: Edição do autor, 2001.
- ROSSELL, Garth e DUPUIS, Richard eds. *Memórias originais de Charles G. Finney: uma narrativa de reavivamentos que marcaram a história*. São Paulo: Vida, 2006.
- ROWELL, Ed. *Apaixonado pela pregação*. São Paulo: Vida, 1998.

- SAMANES, Cassiano Florestam e CARRETERO, Manuel Useros. *Teología de la Acción Pastoral*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1968.
- SANGSTER, W. E. *The Craft of the Sermon Construction*. London: The Epworth Press, 1949.
- SHEPARD, J. W. *O pregador*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1959.
- SHEDD, Russell P. *Palavra viva: extraindo e expondo a mensagem*. São Paulo: Vida Nova, 2000.
- SIMS, Tim e PEGODA, Dan. *101 Things to Do During a Dull Sermon*. London: Monarch Books, 2002.
- SPURGEON, C. S. *Lições aos meus alunos*. Vols. 1 e 2. São Paulo: PES, 1980.
- STANLEY, Andy e JONES, Lane. *Comunicação que transforma*. São Paulo: Vida, 2009.
- STOTT, John. *Eu creio na pregação*. São Paulo: Vida, 2003.
- _____. *Perfil do pregador*. São Paulo: Sepal, 1989.
- SUTTON, Joan Larie coord. geral e comissão organizadora. *Hinário para o culto cristão*. Rio de Janeiro: Juerp, 1990.
- _____. *Adoração, oração e ação*. Sermão oficial da 72ª Assembleia da Convenção Batista Brasileira. Niterói, 1991.
- VON ALLMEN, J. J. *O culto cristão*. São Paulo: Aste, 1968.
- WARREN, RICK. *Uma igreja com propósitos*. São Paulo: Editora Vida, 1999.
- WHITE, Peter. *O pastor mestre*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.
- ZIBORDI, Ciro. *Erros que os pregadores devem evitar*. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.
- _____. *Mais erros que os pregadores devem evitar*. Rio de Janeiro: CPAD. 2008.

REVISTAS

Administração Eclesiástica. Rio de Janeiro: Juerp, 3º Trimestre de 2003.

_____. 1º Trimestre de 1999.

Louvor. Rio de Janeiro: Juerp, 3º Trimestre de 2000.

The Preacher's Magazine, setembro a novembro de 1991.

ENTREVISTAS

AZEVEDO, Irland Pereira de. Recife, abril de 1993.

BAILEY, Raymond. Louisville, outubro de 1991.

FREEMAN, Harold. Fort Worth, setembro de 1991.

Sobre o autor

Jilton Moraes tem vasta experiência na área da pregação. Em mais de 40 anos de atividades pastorais, dirigiu igrejas em Fortaleza, Belém, Teresina e Recife. Além disso, há quase 40 anos tem ensinado Homilética, Prática de Pregação e outras disciplinas na área em faculdades, seminários teológicos e outras instituições; tem viajado por todo o Brasil e a alguns países no exterior, como pregador, professor visitante e conferencista.

Apaixonado pela pregação e pelo ensino da homilética, tem nessa área os seguintes livros publicados: *Aventuras de um pregador iniciante: aprenda a pregar* (Vida, 2012); *Ilustrações e poemas para diferentes ocasiões* (Vida, 2010); *Púlpito, pregação e música* (Convicção, 2010). *Homilética, da pesquisa ao púlpito* (Vida, 2005) e *Homilética do púlpito ao ouvinte*, (Vida, 2008).

Casado com Ester, há mais de 40 anos, tem quatro filhos — Lídia, Lilian, David e Daniel — e seis netos: Anália, Henrique, Guilherme, Gabrielle, Rafael e Mateus. Reside em Brasília desde 2001.

Vivemos em uma sociedade fortemente influenciada pela mídia, para a qual a vida se resume a um espetáculo. Da mesma maneira, as igrejas têm buscado mais entretenimento e *shows* para agradar as pessoas e comover a plateia. Em muitas delas, o púlpito cede lugar ao palco, e pastores e líderes têm enfrentado um dilema crucial: como manter o espaço para a pregação nos cultos, já lotados de atrações, campanhas e outras atividades?

O ponto alto da antiga liturgia cristã era o sermão dominical, esperado por todos que buscavam nas palavras pastorais alimento para enfrentar os desafios da semana. Eram pregações que alimentavam a alma, não apenas ofereciam guloseimas espirituais.

De um lado o apego cada vez maior ao espetáculo; de outro, o sentimento inquietante de que precisamos voltar a ter sermões e pregadores mais comprometidos com a verdade bíblica e menos interessados em agradar a audiência. É este o cenário analisado com profundo senso crítico e embasamento bíblico-teológico pelo pastor Jilton Moraes em *O clamor da igreja*. É tempo de os pregadores escutarem o que suas ovelhas têm a dizer.